

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO  
CAMPUS DE UBERABA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

**SANDRA DE OLIVEIRA MACHADO VILELA**

**O CONTO FANTÁSTICO NA FORMAÇÃO DO LEITOR**



UBERABA – MG  
2019

**SANDRA DE OLIVEIRA MACHADO VILELA**

**O CONTO FANTÁSTICO NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Linha de pesquisa:** Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

**Orientador:** Prof. Dr. Acir Mário Karwoski

**Bolsa:** CAPES

UBERABA – MG

2019

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do  
Triângulo Mineiro**

V755c Vilela, Sandra de Oliveira Machado  
O conto fantástico na formação do leitor / Sandra de Oliveira Machado  
Vilela. -- 2019.  
120 f. : il., fig., graf.

Dissertação (Mestrado em Letras) -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2019  
Orientador: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski

1. Leitura - Estudo e ensino. 2. Literatura - Estudo e ensino. 3. Gêneros literários. 4. Contos. 5. Letramento. I. Karwoski, Acir Mário. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 028(07)

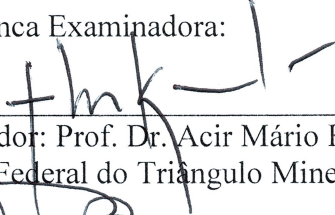
**SANDRA DE OLIVEIRA MACHADO VILELA**

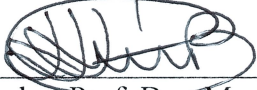
**O CONTO FANTÁSTICO NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

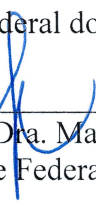
Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS/UFTM), Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras/UFTM-Uberaba), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.  
Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.  
Orientador: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski  
Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Data de aprovação: 28 / 02 / 2019

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Presidente e Orientador: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

  
\_\_\_\_\_  
Membro titular: Prof. Dra. Marinalva Vieira Barbosa  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

  
\_\_\_\_\_  
Membro titular: Prof. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil  
Universidade Federal de Uberlândia

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) - Campus de Uberaba  
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

Dedico a Deus Pai que nos proporciona o dom de querer desvendar os mistérios da vida; mistérios tantos, mas neste momento penso na realização do sonho de cursar mestrado. Obrigada, Senhor! Sozinha eu não conseguiria, mas Contigo, tudo posso!

## AGRADECIMENTOS

Deus colocou em meu caminho pessoas que tornaram possível a minha luta diária nestes dois anos de estudos intensos. Sem elas, eu jamais teria chegado até aqui para viver um momento tão especial e por isso, cheguei à conclusão de que, na vida ninguém é nada sozinho, que somente realizamos sonhos através da luta de pessoas que abraçam as nossas causas junto conosco.

O sonho de cursar mestrado estava em meu coração, mas parecia impossível por causa da distância entre a minha residência e a faculdade e também por causa da dificuldade em conciliar trabalho, família e estudo, mas, quando me decidi enfrentar os obstáculos para ir atrás da realização, todas as coisas foram se encaixando de uma forma que considero se tratar da Providência Divina.

Só me resta dedicar os agradecimentos a todos que participaram de tudo o que vivi neste tempo.

É com imensa alegria que Deus me permitiu viver todas as experiências até aqui.

Aos meus diretores e amigos, Márcio e Alessandra, que me incentivaram e fizeram de tudo para que fosse possível conciliar horários e compromissos de trabalho e de mestrado.

Aos meus pais, Carolina e José Antônio, que são exemplos de força, persistência e dignidade, por tantos sacrifícios vividos para me formar e educar, além de me darem apoio e cuidaram dos meus filhos enquanto me ausentei.

Ao meu marido Pedro, que sofreu comigo as angústias e cansaços, sonhou comigo e partilhou também da alegria de vencer cada etapa vivida no Profletras.

Ao meu irmão André e a minha cunhada Liliane que mesmo distantes me enviaram fotos e vídeos dos meus sobrinhos Bruno e Maria, me dando alento em momentos que eu mais necessitei.

Agradeço também a minha mais que companheira de viagem, a minha amiga Leandra, que me ofereceu abrigo e amizade.

Ao meu orientador Acir, que é um ser humano e profissional espetacular.

Especialmente, agradeço aos meus filhos Ester, Pedro e Michel que desde o ventre compartilham comigo o amor pela escola e pelo prazer de ler.

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo pesquisar acerca da eficácia dos contos fantásticos na formação de leitores. Sabendo o quanto a leitura precisa ser incentivada no ambiente escolar - devido aos vários alunos que chegam ao sétimo ano do Ensino Fundamental desmotivados e com um conceito depreciativo de leitura – procurou-se desenvolver um trabalho visando mudar essa realidade. Tomou-se como ponto de partida a demonstração de curiosidade por conhecer e estudar narrativas de aventura e terror. Desenvolveu-se a sequência didática como plano de intervenção com contos que envolvem o gênero fantástico. O conto fantástico é conhecido pelos alunos e pode despertar a vontade de ler e interagir com esse tipo de narrativa? É crucial comprometer-se com uma educação leitora que priorize o percurso que o aluno realiza para construir e reconstruir o significado do texto, bem como a ampliação de seu repertório textual, linguístico e estético. Esse comprometimento permite enxergar, na ótica do docente, em que estágios os adolescentes encontram-se e até onde podem chegar, ou seja, sugere-se aqui partir do conhecimento prévio do leitor para, em seguida, conduzi-lo ao prazer e à fruição perante os artifícios da literatura (SOUZA; FEBA, 2011). A relevância da pesquisa está na importância de se formar leitores e na perspectiva de pensar no conto fantástico como desencadeador e facilitador pois pode mostrar eficiência no sentido de que o adolescente se sinta atraído, principalmente, por causa das características que Roas (2014) atribui ao fantástico: a confrontação do sobrenatural e do real dentro de um mundo ordenado e estável como pretende ser o nosso, a incerteza na percepção da realidade e do próprio eu. A metodologia adotada é a pesquisa-ação. Espera-se comprovar que, através do estudo do conto fantástico, aconteça o despertar consistente não apenas de uma leitura sistemática, decodificadora mas, também, o descobrimento do quanto é importante o letramento literário (COSSON, 2017) para descobertas instigantes na vida e na trajetória escolar dos estudantes que participam da investigação. A partir do exposto, justifica-se a pesquisa com o conto fantástico em sala de aula por acreditar que, por ser uma narrativa curta e instigante do imaginário, ajuda a formar leitores melhor preparados para leitura de outros gêneros textuais e/ou literários.

**Palavras-chave:** Conto fantástico. Formação do leitor. Letramento literário.

## **ABSTRACT**

*The main of this dissertation is to investigate the effectiveness of fantastic stories in the formation of readers. Knowing how much reading needs to be encouraged in the school environment - due to the many students who reach the seventh year of elementary school with no motivation and a derogatory concept of reading - we tried to develop a work aimed at changing this reality. It was taken as a starting point the demonstration of curiosity to know and to study narratives of adventure and terror. The didactic sequence was developed as an intervention plan with stories that involve the fantasy genre. The fantastic story is known to the students and can awaken the will to read and interact with this kind of narrative? It is crucial to commit to a reading education that prioritizes the student's course to construct and reconstruct the meaning of the text, as well as the expansion of its textual, linguistic and aesthetic repertoire. This commitment allows us to see, from the teacher's point of view, the stages in which adolescents find themselves and how far they can reach, that is, it is suggested that they start from the reader's previous knowledge and then lead them to pleasure and enjoyment before the artifices of literature (SOUZA; FEBA, 2011). The relevance of the research is the importance of forming readers and the perspective of thinking of the fantastic story as a trigger and facilitator, since it can show efficiency in the sense that the adolescent is attracted, mainly, because of the characteristics that Roas (2014) attributes to the fantastic: the confrontation of the supernatural and the real within an orderly and stable world as it claims to be ours, the uncertainty in the perception of reality and of the self. The methodology adopted is action research. It is hoped that the study of the fantastic tale will bring about a consistent awakening not only of systematic reading but also of the discovery of how important literary literacy (COSSON, 2017) is for insights into life and trajectory of the students participating in the research. From the above, it is justified the research with the fantastic story in the classroom for believing that, because it is a short and instigating narrative of the imaginary, it helps to form readers better prepared to read other textual and/or literary genres.*

**KEYWORDS:** *Fantastic tale. Formation of the reader. Literary literacy.*



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Resposta do aluno A referente à pergunta n.º 10 do questionário sobre hábitos de leitura	51
Figura 2	Resposta do aluno B referente à pergunta n.º 10 do questionário sobre hábitos de leitura	51
Figura 3	Resposta do aluno C referente à pergunta n.º 10 do questionário sobre hábitos de leitura	51
Figura 4	O mural da sala	69
Figura 5	O ambiente preparado para receber os alunos no “Sarau fantástico”	70
Figura 6	Durante a realização do “Sarau fantástico”	71
Figura 7	Mimos distribuídos aos alunos no final do “Sarau fantástico”	71
Figura 8	Versão inicial do aluno A	73
Figura 9	Versão inicial do aluno B	74
Figura 10	Versão inicial do aluno C	79
Figura 11	Versão inicial do aluno D	81
Figura 12	Versão inicial do aluno E	84
Figura 13	Avaliação das atividades da “Entrevista fantástica” do aluno B	89
Figura 14	Avaliação das atividades da “Entrevista fantástica” do aluno C	90
Figura 15	Reescrita do conto “A sombra” feita pelo aluno C	92
Figura 16	Atividade realizada pelo aluno F de acordo com o conto “Teleco, o coelhinho	94
Figura 17	Capa do livro “Contos fantásticos do sétimo ano”	99
Figura 18	Cenário preparado para a “Noite de autógrafos fantástica”	99
Figura 19	Produção final do aluno A	101
Figura 20	Produção final do aluno B	101
Figura 21	Produção final do aluno C	104
Figura 22	Produção final do aluno D	105
Figura 23	Produção final do aluno E	106
Gráfico 1	Dados relativos às respostas da pergunta n.º 1 do questionário sobre hábitos de leitura	49
Gráfico 2	Dados relativos às respostas da pergunta n.º 2 do questionário sobre hábitos de leitura	49
Gráfico 3	Dados relativos às respostas da pergunta n.º 3 do questionário sobre hábitos de leitura	50
Gráfico 4	Dados relativos às respostas da pergunta n.º 4 do questionário sobre hábitos de leitura	50

Gráfico 5	Dados relativos às respostas da pergunta n.º 5 do questionário sobre hábitos de leitura	52
Gráfico 6	Dados relativos às respostas da pergunta n.º 6 do questionário sobre hábitos de leitura	52
Gráfico 7	Dados relativos às respostas da pergunta n.º 7 do questionário sobre hábitos de leitura	53
Gráfico 8	Dados relativos às respostas da pergunta n.º 8 do questionário sobre hábitos de leitura	54
Quadro 1	Relação entre o livro que mais gostou de ler e justificativa	54
Quadro 2	Preferências quantos aos temas sobre os quais prefere ler	55
Quadro 3	Temas citados pelos alunos sobre assuntos que têm interesse, caso fossem escrever um livro	56
Quadro 4	Modo como o aluno escolhe a leitura	57
Quadro 5	Atividades desenvolvidas nos momentos de folga	57
Quadro 6	O que os alunos pensam a respeito da leitura	58
Quadro 7	A melhor experiência com livros e leitura	59

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Contexto da literatura em sala de aula</b> .....	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>O conto fantástico</b> .....	<b>26</b>
<b>2.3</b>	<b>Letramento literário na escola</b> .....	<b>32</b>
<b>2.4</b>	<b>Professor como mediador</b> .....	<b>38</b>
<b>3</b>	<b>MÉTODOS E RECURSOS</b> .....	<b>42</b>
<b>3.1</b>	<b>O contexto e os sujeitos</b> .....	<b>42</b>
<b>3.2</b>	<b>Coleta de dados</b> .....	<b>44</b>
<b>3.3</b>	<b>Seleção do corpus</b> .....	<b>45</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS E COMENTÁRIOS DOS RESULTADOS</b> ..	<b>46</b>
<b>4.1</b>	<b>Definição e apresentação da sequência básica ...</b> .....	<b>48</b>
<b>4.2</b>	<b>Questionário sobre práticas de leitura</b> .....	<b>48</b>
4.2.1	Escolha de leitura e respectivos motivos .....	54
4.2.2	Divisão de temas e quantidade de alunos que têm a mesma preferência ..	55
4.2.3	A maneira dos alunos selecionarem os livros .....	57
4.2.4	A disponibilidade do estudante de se dedicar à leitura .....	57
4.2.5	Importância do ato de ler na concepção dos alunos .....	58
4.2.6	Experiência de leitura .....	58
<b>4.3</b>	<b>Íntegra da sequência básica</b> .....	<b>59</b>
4.3.1	Primeiro momento: PRODUÇÃO INICIAL .....	60
4.3.2	Segundo momento: IDENTIFICAÇÃO DO CONTO FANTÁSTICO ....	62
4.3.3	Terceiro momento: MÓDULO I .....	63
4.3.4	Quarto momento: MÓDULO II .....	64
4.3.5	Quinto momento: MÓDULO III .....	66
4.3.6	Sexto momento: MÓDULO IV .....	67
4.3.7	Sétimo momento: PRODUÇÃO FINAL .....	68
<b>4.4</b>	<b>Relato e análise do desenvolvimento da sequência básica</b> .....	<b>68</b>
4.4.1	Produção inicial .....	68

4.4.1.1	Análise da versão inicial do aluno A .....	72
4.4.1.2	Análise da versão inicial do aluno B .....	74
4.4.1.3	Análise da versão inicial do aluno C .....	79
4.4.1.4	Análise da versão inicial do aluno D .....	81
4.4.1.5	Análise da versão inicial do aluno E .....	82
4.4.2	Módulo I – Conto: Pedro, João e José. Autor: Ricardo Azevedo .....	85
4.4.3	Módulo II – Conto: A sombra. Autor: Hans Christian Andersen .....	90
4.4.4	Módulo III – Conto: Teleco, o coelhinho. Autor: Murilo Rubião .....	93
4.4.5	Módulo IV – Conto: A história de Willie, o vagabundo. Autor: Walter Scott	97
4.4.6	Produção final e culminância da sequência didática com o lançamento do livro de contos fantásticos da turma	98
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	109
	<b>REFERÊNCIAS</b>	111
	<b>APÊNDICE A</b>	114
	<b>APÊNDICE B</b>	117

## 1 INTRODUÇÃO

O PROFLETRAS tem como objetivo incentivar a capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, no sistema público de ensino, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País.

Assim, parece boa medida, no âmbito do PROFLETRAS, a proposição de estudos e pesquisas que visem à ampliação da competência leitora do aluno, especialmente da leitura literária. Segundo Leffa (1996), a leitura pode ser definida sob três aspectos diferentes. Ler pode ser “*abstrair*”, retirar o significado de um texto; mas também, segundo o autor, há quem compreenda a leitura como processo de “*atribuir*” significado a um texto. Há, ainda, autores que defendem a leitura como um processo de interação entre o leitor e o texto, no qual o significado é “*construído*” justamente nesse processo. Podemos entender, então, de modo geral, que ler é estabelecer uma relação triangular entre o leitor, o texto e o significado do texto. Em se tratando da formação de leitores qualificados de textos literários, torna-se imprescindível falar de letramento literário.

Com esse entendimento, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCNLP (BRASIL, 1998) sustentados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB N.º 9.393/96, ressaltam que o Ensino Fundamental, etapa intermediária da Educação Básica, tem por objetivo o desenvolvimento da competência leitora do aluno; e, em razão disso, esses documentos orientam que em situações de ensino e aprendizagem, “o texto literário constitui uma forma peculiar de representá-lo e estilo em que predominam a forma criativa da imaginá-lo e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua”.

Concernente a isso, Zilberman (2009, p. 18) afirma que o exercício da leitura é o ponto de partida para a aproximação à literatura. A escola dificilmente o promoveu, a não ser quando condicionado a outras tarefas, a maior parte de ordem pragmática. É necessário conceber a leitura como ponto primordial para o desenvolvimento do aluno letrado, que pode alcançar maior eficácia quando a imaginação é convocada a trabalhar junto com o intelecto, responsável pelas operações de decodificação e entendimento de um texto ficcional.

A escolha do gênero conto fantástico se justifica pela necessidade de despertar o aluno para o ato de ler, não a leitura apenas como decodificação de letras ordenadas mas como letramento literário. O conto, por ser uma história curta, com poucos personagens e podendo ser lido “em uma sentada”. O fantástico, por ser o enfrentamento sempre

problemático entre o real e o sobrenatural. Características que supomos despertar o interesse do público jovem, pelo seu caráter inebriante de fantasia e mistério, ou melhor dizendo, a busca do mistério e do inexplicável.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Abordamos, neste capítulo, as discussões teóricas nas quais a pesquisa proposta se fundamenta, os embasamentos teóricos que envolvem o ensino de Literatura nas escolas e os estudos relativos à constituição do ensino de Língua Portuguesa como disciplina escolar, sendo este um contexto específico que se pretende inserir a literatura fantástica. Temos a pretensão de discorrer sobre alguns aspectos considerados imprescindíveis e também destacamos a amplitude do fazer literário com a sua importância dentro da sala de aula.

Nos questionamos sobre a problemática do trabalho que envolve a formação do leitor, pensamos no que motiva e tenciona o estudo de Língua Portuguesa dentro da perspectiva da leitura enquanto parte essencial da aprendizagem do aluno. Contudo, sentimos a necessidade dessa consciência desde o início da formação de professores, sendo que somos essenciais neste processo por causa da influência que temos sobre os alunos e essencialmente sobre o fazer pedagógico, porém o tema permanece atual, levando-se em conta o quanto a tarefa é árdua e o quanto aquele que está à frente do processo de ensino-aprendizagem se sente responsável e até mesmo engendrado em uma tarefa que envolve a sociedade como um todo.

Formar leitores de textos, especialmente do texto literário, requer estudos aprofundados por parte de quem participa diretamente do processo de ensino-aprendizagem? Ensinar a decodificação de letras é menos problemático do que proporcionar meios para que o letramento aconteça? Pensar em letramento, especificamente, significa ler e entender o texto? Nas entrelinhas, através de inferências, descobrir o que o autor quis dizer, acionar os conhecimentos prévios do leitor para que o sentido se forme... O que o formador, aquele que está à frente do processo pode dispor, predispor, pospor ou interpor? São os variados questionamentos que impulsionam as pesquisas na área da linguagem, porque o especialista da linguagem sente a necessidade de respostas claras e concisas para o que anseia.

Buscamos renovação a cada trabalho iniciado, que na verdade surge de lacunas de pesquisas anteriores aliadas a indagações que geram intuições a respeito do trabalho realizado no cenário educativo. As reflexões propostas iniciam acerca do ensino de Língua Portuguesa enquanto componente curricular e a literatura em seu contexto, elencando a situação em que

se encontra, traz embasamentos e explicita algumas adversidades com o intuito de provocar questionamentos nada fictícios sobre a situação educacional e política recorrente na atualidade.

Em seguida, o capítulo aborda a definição de letramento literário, enquanto gerador do processo de interação entre leitor/obra/autor e as possibilidades de desenvolvimento leitor, em oposição à alfabetização vista como decifração de códigos para a transmissão de informação. Conseqüentemente, a importância do letramento literário para a formação do leitor torna-se tema de fundamental abordagem e como subitem, a definição de conto fantástico como impulsionador, o gênero escolhido como *corpus* da pesquisa devido ao caráter intrigante, estranho e, por isso, possível de participar com eficiência da formação de leitores adolescentes. Assim, a seção trata das teorias que definem o conto fantástico e as possibilidades de conquista do leitor iniciante.

E na última seção do capítulo abordamos a participação do professor como importante mediador do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, os problemas e as estratégias carregadas de erros e de acertos com reflexões acerca das mesmas.

## **2.1 Contexto da literatura na sala de aula**

O ensino da Língua Portuguesa pode participar efetivamente de uma das principais tarefas da escola que é de preparar o aluno para a vida e para o exercício de cidadania. Com caráter humanizador, o texto literário proporciona ao ser humano conhecimentos diversos em que realidades distantes e próprias da formação moral e intelectual são inculcadas e passam a fazer parte do patrimônio cultural/pessoal. Com essa justificativa, os governos federais e estaduais prepararam documentos que norteiam o ensino de literatura na escola, com análise do funcionamento dos recursos pedagógicos e das práticas de ensino.

Para iniciar a discussão a que nos propomos, constatamos que nós, professores somos orientados por nossos supervisores a redigirmos o planejamento anual das aulas de Língua Portuguesa de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Currículo Básico Comum (CBC), o Projeto Político Pedagógico (PPP) e Regimento Escolar Interno.

Caracterizando brevemente cada documento, observamos que os PCN se constituem em uma referência para as discussões curriculares da área em curso (Língua Portuguesa) e tenciona revisar e elaborar propostas didáticas. Esse aspecto pode ser considerado positivo e norteador para que se possa renovar práticas, dar abertura e um verdadeiro parâmetro para que possamos cumprir a proposta de desenvolvimento das práticas de letramentos a qual a língua

portuguesa se propõe. Enfim, precisamos experimentar na rotina diária o que a teoria nos propõe e, para isso, as estratégias consistentes precisam ser planejadas e abordadas com eficácia, cabendo à equipe escolar, preocupar-se com os aspectos linguísticos que envolvem a aprendizagem do aluno. Pensamos que quando a leitura do texto histórico, geográfico, científico e até mesmo matemático, que mesmo não sendo literário, é trabalhada de maneira a desenvolver o cognitivo do educando, fazendo dele um leitor eficiente, a LP é trabalhada e a leitura literária encontrará espaço para que haja ampliação do trabalho já iniciado. O letramento acontece conforme o aluno lê e entende, a partir do que entende vai fazendo inferências, ou seja, percebendo os pressupostos e os subentendidos do texto.

Portanto, consideramos que, para que o caminho a ser traçado esteja de acordo com os documentos educacionais vigentes, o Ministério de Educação, em 1998, disponibilizou orientações para facilitar discussões teóricas recentes na área da educação. Os PCN podem ser adotados pelas instituições educacionais ou não, por serem orientações e não normas a serem seguidas (BRASIL, 1998). Em Minas Gerais, tomaram-se os Parâmetros Curriculares Nacionais como base e as orientações resultaram no estudo do aporte teórico atualizado que trata da educação e formalizado no país, o que resultou na elaboração, pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, do documento chamado Currículo Básico Comum (CBC) que estabelece conhecimentos, habilidades e competências a serem adquiridos pelos alunos de educação básica, ou seja, uma proposta curricular.

A partir dos documentos de maior alcance, a escola tem a autonomia de elaborar outros com a finalidade de resguardar a comunidade atendida e valorizar as características regionais e culturais. Desta intenção, resulta o Projeto Político Pedagógico que deve se constituir na referência norteadora de todos os âmbitos da ação educativa da escola. Porém, sua elaboração requer a participação de todos aqueles que compõem a comunidade escolar, haja vista o seu caráter coletivo; articular além de construir espaços participativos, produzir no coletivo um projeto que diga não apenas o que a escola é hoje, mas também aponte para o que pretende ser, exige método, organização e sistematização (VEIGA, 2000).

A elaboração coletiva do PPP é uma oportunidade de participação democrática para que a educação seja propiciada e garantida para todos os envolvidos no processo educativo, sendo que o projeto passa por etapas de debates e de compartilhamento de ideias, lembrando que todos os aspectos são observados com a participação da família, da equipe gestora e dos alunos. O PPP complementa e organiza a estrutura escolar em suas particularidades, inclusive, orienta a formulação do Regimento Escolar, considerado o último documento na escala hierárquica da escola. O Regimento Escolar tem o objetivo de regularizar e respaldar os



critérios de organização interna, como disciplina escolar, uso de uniforme, critérios de avaliação, entre outros.

A intenção de elencar a forma como os documentos que regem a instituição escolar são elaborados, nada mais é do que mostrar o contexto em que o ensino de Literatura está inserido, afinal, toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade.

Assim, os conteúdos ensinados, o enfoque que se dá a eles, as estratégias de trabalho com os alunos, a bibliografia utilizada, o sistema de avaliação, o relacionamento com os alunos, tudo corresponderá, nas nossas atividades concretas de sala de aula, ao caminho por que optamos. Em geral, quando se fala de ensino, uma questão prévia – para que ensinamos o que ensinamos?, e sua correlata: para que as crianças aprendem o que aprendem? – é esquecida em benefício de discussões sobre o como ensinar, o quanto ensinar, o que ensinar, etc. Parece-me, no entanto, que a resposta ao “para que” dará efetivamente as diretrizes básicas das respostas (GERALDI, 2006, p. 40).

Cabe dizer que a interferência do meio em que o aluno é formado recai diretamente ao quanto ele pode ser receptivo ou predisposto a ler, seja uma obra literária, quadrinhos, textos informativos, bulas de remédios, receitas ou quaisquer gêneros que lhes forem apresentados.

Os documentos permeiam também os meios físicos que são disponibilizados como recursos pedagógicos, pois é com base neles que os livros didáticos são escolhidos. Para a seleção e avaliação, o Governo Federal do Brasil lançou o PNLD.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público (BRASIL, 2017).

O próprio programa analisa as obras a serem selecionadas pelos professores, à luz dos documentos oficiais, para que atendam às necessidades didáticas do professor no que diz respeito à adequação aos documentos que norteiam o ensino, como o já mencionado PCN.

O que percebemos de inconveniente é o caráter genérico das obras, ou seja, são preparadas e avaliadas de acordo com documentos nacionais, por se tratar de um programa federal e os problemas surgem a partir do momento em que entra em cena a diversidade brasileira, onde as várias regiões geograficamente divididas mostram realidades diferentes dentro das escolas e fora delas. Muitas vezes o livro didático mais adequado não condiz com

as necessidades de determinada escola, ou seja, não atendem particularmente aos documentos regionais e internos.

Podemos pensar no livro didático como recurso didático protagonista da sala de aula em muitas escolas do interior do Brasil devido a sua praticidade em auxiliar professores e alunos nas suas atividades rotineiras, atendendo ao intuito de ser um meio físico, palpável e até mesmo um substituto da obra literária a ser lida e estudada. Mas

os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura compartilhada (COSSON, 2016, p. 23).

Talvez pela preocupação exagerada com teorias exteriores ao próprio texto literário, o livro didático que mais poderia auxiliar o trabalho do professor pode se tornar o vilão do incentivo à leitura, também devido à maneira fragmentada que os textos são colocados, à didatização dos mesmos que muitas vezes servem apenas para serem trabalhados como pretexto para atividades linguísticas formais e estruturais ou gramaticais. Além do mais, pode ocorrer o distanciamento do texto original e a descaracterização do que é considerado literário.

Considerando-se as atuações que se realizam sobre o texto, no processo de apropriação didática, pode-se afirmar que o texto a ser lido em sala de aula é um novo texto, muito distante do texto que deu origem. Esse distanciamento pode acontecer pela descontextualização por que passa o texto em relação às condições de sua produção, o que inclui o distanciamento em relação às condições de sua produção, o que inclui o distanciamento em relação à obra a que pertence; ou pela apresentação de um recorte que suprime características que autor do texto que produziu. É controverso, nesse sentido, afirmar que o fragmento lido em um livro didático seja *o texto* produzido pelo autor (PIETRI, 2009, p. 38).

Mesmo tendo em vista os perigos de desapropriação da característica literária, quando a obra é apresentada fragmentada no livro didático, vemos que recebe tal prestígio que parece se tornar inquestionável para os alunos e até mesmo para o professor; alunos e professores perfazem sua rotina pedagógica em volta do que pede este instrumento. Contrária a essa postura, vale-nos acrescentar que os Parâmetros Curriculares Nacionais preveem a fruição estética do texto como estratégia para a formação de leitores, como atesta Freitas (2008, p. 65):

Os PCN insistem também na incorporação do texto literário às atividades de sala de aula, mas compreendendo a literatura em sua especificidade, levando o aluno ao fruir estético, à formação do gosto e não a usando de uma forma escolarizada para fazer provas, construir um sentido único, preencher fichas ou como pretexto para o estudo da gramática. Enfim, os PCN insistem que a formação do leitor e escritor só

será possível na medida em que o próprio professor se apresentar para o aluno como alguém que vive a experiência da leitura e da escrita.

O que reforça a crítica de que a leitura em sala de aula por vezes serve como fonte de atividades escolares e dissociada da leitura significativa, passa pelo viés da facilitação do texto no livro didático. Temos contatos com fragmentos de obras e perguntas sobre ela, algumas vezes recebemos o texto também como motivador para a discussão sobre assuntos polêmicos na sociedade, usando como exemplos hipotéticos: suicídio, violência e uso de drogas ilícitas e tantos outros.

O que percebemos é a literatura em sala de aula fadada a textos ou fragmentos de textos que estão, muitas vezes desconexos ao sentido real do que deveria significar a leitura para o aluno.

A leitura literária em sala de aula deveria tornar-se importante nos materiais oferecidos como suporte. Para além da necessidade de serem atraentes e incentivarem atitudes de interesse e cuidado nos leitores, parece-nos que, quando se fala de motivação, deve-se insistir nos conteúdos que transmitem (SOLÉ, 2012).

Afinal, Cosson (2006) afirma que a temática e a linguagem devem ser compatíveis com os interesses da criança, do professor e da escola, preferencialmente na ordem inversa. Além disso, o autor afirma que os textos devem ser curtos, contemporâneos e divertidos, sem deixar de considerar o ambiente escolar como o lugar ideal para que a literatura seja explorada de maneira adequada. O leitor precisa ser instigado a ler a obra individualmente e participar do letramento literário que a escola pode proporcionar através da ordem e da facilidade de manipulação, habilidades adquiridas desde então.

Magalhães (2012) reforça essa ideia dizendo que na construção de uma comunidade de leitores de textos literários, importa, e muito, como são apresentados esses textos.

Acontece que, para que o letramento literário seja trabalhado em pleno século XXI, encontramos um contexto difícil devido ao desenvolvimento acelerado da tecnologia. Os jovens e adolescentes parecem saturados de informações provenientes, principalmente da internet e dos recursos tecnológicos de nosso tempo. Lemos através de celulares, computadores, *tablets* e outros. Mas lemos o texto fácil, de circulação rotineira e que não exige nada a mais. Os recursos digitais são chamativos, cheios de movimentos, em várias dimensões e diante desta realidade, estamos diante da seguinte dúvida: o que fazer para que os nossos alunos se animem e tenham consciência do enriquecimento que podem adquirir ao lerem textos literários que exigem, mais do que atenção, concentração e esforço intelectual?

Deparamo-nos com sujeitos digitais e o ambiente escolar precisa se adaptar ao aluno visto que a literatura na escola tende a não cumprir o seu papel, e uma nova organização com currículos flexíveis se torna preponderante. Entretanto, o sujeito digital aqui delineado busca sua formação educacional no espaço escolar onde a pouca velocidade exigida para a concretização de um raciocínio ao lado das múltiplas ideias concebidas instantaneamente permite-nos colocar como hipótese a questão: as ações de alunos detentores de cabeças digitais (FREITAS, 2006), no ambiente escolar, ações tidas como indisciplina escolar podem ser resultado da existência de pensamentos rizomáticos no qual estão imersos. Você quer dizer alunos imersos? Isso?

O mundo está em constante mudança, se não o mundo, os sujeitos que nele se integram e interagem. Conforme Lemos (2003) e Lévy (2010), isso se deve ao fato de a sociedade estar vivendo há um longo tempo na chamada *cibercultura*, nome que traduz como vivemos na contemporaneidade.

Diante da realidade atual, vemos os textos que se apresentam nas obras literárias são, aparentemente, meras letras escuras, muitas vezes pequenas, em folhas brancas/amareladas e o mundo tecnológico invade telas com cores e movimentos que chegam prontos aos olhos de adolescentes ávidos de emoção. Pode ser que por este motivo o aluno de hoje não faça caso do que traz a escola e pode ser que a motivação necessária para a leitura seja difícil diante dos recursos utilizados pelo professor (talvez o aluno proporcione a ele o letramento digital e recuse o letramento literário). Diz Cosson (2016), que a literatura parece enfrentar o seu momento mais difícil e percebemos que algo deve ser feito com relação ao uso das novas tecnologias. Antes, a leitura solitária, o silêncio das bibliotecas e hoje o movimento, as cores, as dimensões das imagens presentes no mundo digitalizado. E a sala de aula, como ambiente sem maiores estímulos, não acompanha as mudanças que a humanidade sofre; por isso, pensamos na forte ligação existente entre vivência e aprendizagem quando Freitas diz que

a verdadeira integração do computador e da internet na realidade da escola supõe uma nova organização escolar mais descentrada, um currículo mais flexível, a instauração de novos tempos escolares, menos rígidos e programados, mudanças no próprio espaço da sala de aula. E isso não acontece do dia para o outro: requer tempo, ajudas específicas, incentivos, toda uma estrutura de apoio (FREITAS, 2006, p. 197).

Mas o fato que se concretiza a cada dia é que o mundo mudou radicalmente, e a escola continua a mesma desde o seu início. Questionam-se, também, os métodos impostos pelo

livro didático que também continua o mesmo não importando o quanto o aluno tenha mudado com o passar dos anos

A frequência e, em algumas ocasiões, a exclusividade com que a sequência leitura/perguntas/exercícios aparece, indica que para professores, autores e editores esta é a melhor e talvez a única forma de proceder no ensino da compreensão. Sem menosprezar a utilidade dessas atividades na aprendizagem da leitura e de outros aspectos da linguagem, defenderei neste livro, como o fizeram numerosos outros autores como (Baumann, 1990; Colomer e Camps, 1991; Cooper, 1990; Smith e Dahl, 1988, entre muitos outros) que é possível ensinar aos alunos outras estratégias que propiciem a compreensão leitora e a utilização do que foi lido para múltiplas finalidades (SOLÉ, 2012, p. 36).

Pensamos, então, acerca dos motivos que nos levam, enquanto professores, ao exercício de “Compreensão e Interpretação” repetidas vezes, deixando de lado estratégias pedagógicas variadas para chamarmos a atenção do nosso aluno. A fruição é importante na fase de formação do leitor e determinados métodos podem deixar a impressão de que ler é uma atividade inerte e desnecessária.

Solé (2012) diz que uma atividade leitora será motivadora para alguém se o conteúdo estiver ligado aos interesses da pessoa que tem que ler e, naturalmente, se a tarefa em si corresponde a um objetivo. Por isso, a escolha do que será lido é importante; afinal, o ser humano parece ser movido pelo prazer que pode sentir, daí a importância do sentimento de fruição, que nada mais é do que prazer em ler, mas a leitura que não é obrigatória, feita por escolhas dos professores, em momento e espaço privilegiados. Trata-se de uma forma de leitura partilhada entre professores e alunos, sem que haja avaliações ou quaisquer outras cobranças.

Afinal, quando o professor consegue suscitar no educando o envolvimento total no objeto a que se propõe ler, a formação humanizadora ganha espaço e a literatura literária cumpre o seu papel. Além do desenvolvimento intelectual e cognitivo, podemos dizer que o ato de ler é lúdico quando dizemos que através de uma atividade prazerosa, em vários aspectos, ocorre o desenvolvimento da aprendizagem.

Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em que lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências. A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande

as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação mas decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 2008, p. 23).

Tratamos aqui da formação da criança e do adolescente em formação leitora e sua relação com os objetos que fazem parte como incentivadores ou mesmo formadores da integridade cidadã. Através do texto literário, faz-se com que o leitor se coloque no lugar do outro, sinta o que o outro sente e, com isso, possa refletir sobre a sua existência e sem que perceba, humanizar-se. Ele entra em contato com realidades alheias ao seu mundo real e passa a conhecer modos de vida e lugares que fisicamente talvez nunca entre em contato.

Lembrando que o professor pode despertar o interesse no leitor através da empolgação e do ânimo que se apresenta ao seu aluno com relação às suas leituras. É preciso tornar o ato de ler mais atrativo e aparentemente descompromissado para o aluno, como nos lembra Soares:

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real (SOARES, 2008b, p. 33).

Ao falar de leitura, voltamos à lembrança do instrumento que temos nas mãos para concretizar a introdução do aluno no mundo leitor; então, falamos do livro didático porque percebemos que, por questões administrativas ou mesmo políticas, acontece a fragmentação do texto literário, o que faz com que os textos literários sejam apresentados aos alunos como pseudotextos, que além de fragmentados, servem como fonte ou como pretexto para abordar algum assunto que se faz necessário no contexto de sala de aula. São textos, muitas vezes, preparados exclusivamente para compor a coleção do livro didático. Às vezes começando pela metade, outras vezes com o seu final alterado ou ignorado, outras vezes com recortes feitos no corpo do texto apenas para adequá-lo ao espaço, segundo Paiva (2005), o que acontece, em geral, com o objetivo de facilitar o trabalho de leitura, o que superficializa a interpretação de texto.

Entretanto, a facilitação da leitura, tal como a proporcionada pelos fragmentos de texto e o uso de pseudotextos, em nada contribui para que o aluno, leitor em formação, se constitua em leitor proficiente (PIETRI, 2009).

Assim, a preocupação maior parece ser transmitir conceitos, estando a escola preocupada com a formação do conteúdo acadêmico. Ler na escola constitui perda de tempo e

não se valoriza a mediação do professor na iniciação do processo de leitura, principalmente do texto literário.

O problema do ensino da leitura na escola não se situa somente no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma que é avaliada pelas equipes de professores, no papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola. Então o trabalho de leitura costuma restringir a ler o texto e, a seguir, responder algumas perguntas sobre ele, geralmente referentes a detalhes ou a aspectos concretos (SOLÉ, 2012, p. 35).

Portanto, a vida escolar é pautada por atividades de leitura que não desenvolvem habilidades para a dimensão da interação verbal, havendo a ausência do “encontro” com alguém do outro lado do texto, sem despertar interesse, puramente escolar, reduzida a momentos de exercícios e culminância através da confecção de fichas de leitura.

As atividades de Língua Portuguesa a serem trabalhadas com o aluno ao longo do ano são diversas e extensas e cabe ao professor selecioná-las, planejá-las e colocá-las em prática. No entanto, o tempo para ler não pode ser aquele considerado nobre, a leitura fica como tarefa de casa e o aluno que necessita de mediação se desilude por não conseguir entender o que lê. Esta é uma das barreiras que colocamos entre o aluno e o ato de ler, especialmente da apreciação do ato de ler.

Enfim, uma escola ‘sem tempo para a leitura’, porque, como declararam os alunos, ‘tinha que aprender narrativas, a língua portuguesa e as palavras que a gente fala errado’ ou, ainda, porque ‘atrapalha o professor em suas explicações’ (SILVA, 1986, p. 27, destaques no original).

Ao contrário, o texto a ser lido precisa ser motivador do leitor e essa motivação passa necessariamente pela sua história de vida, a sua história de leitor (COSSON, 2017, p. 47). Muitos teóricos não consideram a expressão “prazer na leitura”, como verdadeira, mas concordamos que no momento em que conseguimos tornar uma leitura efetiva e coerente, somos impulsionados a ela. A escolha das leituras a serem feitas pelos alunos deve ser criteriosa. E para o ensino de literatura na escola, no sentido de formar leitores, o professor poder permitir uma adequação do texto ideal às vontades e opções de seus alunos é um caminho que pode ser considerado estratégia com muitas possibilidades para se chegar ao objetivo pretendido.

Lajolo (1988) constatou que, em contextos escolares, o texto costuma virar pretexto, ser intermediário de aprendizagens outras que não ele mesmo. E, no entanto, nenhum texto nasceu para ser objeto de estudo, de dissecação, de análise. Ao mesmo tempo que se ensina gramática, produção de texto, utilização da língua e variedades linguísticas através do texto,

quando se pensa estar trabalhando literatura. O professor se dá por satisfeito em “cobrar” um número de livros por bimestre, livros clássicos, infanto-juvenis e fica satisfeito porque pensa estar ofertando àquele aluno, às vezes desinteressado, uma oportunidade de se tornar leitor. Outro fator importante trata da escolha da obra a ser lida, afinal, nós professores dizemos ao aluno o que ler, por se tratarem de “obras obrigatórias” porque serão cobradas nas provas de seleção para a universidade. Por se tratarem de narrativas de outras épocas, o jovem fica frustrado com a leitura. A solução para este problema seria usar o horário nobre da escola, aquele horário destinado ao estudo da gramática, para que o professor faça a mediação do aluno com a leitura ou da leitura com o aluno. Ambos precisam de intimidade, leitura e leitor, para que a relação seja duradoura e consistente. Na verdade, o professor se pauta no livro já conhecido por ele ou no livro considerado mais adequado para a idade ou ano escolar. Como bem explica Silva:

O problema então não é tanto os motivos. Nem no caso do primeiro – livro já lido – nem no caso do segundo – o do livro adequado. Sugerimos a amigos livros que fomos leitores entusiasmados, na expectativa de que eles gostem tanto quanto nós. Da mesma forma, procuramos levar em conta os interesses, o desenvolvimento intelectual ou as experiências de vida e leitura das crianças, concretas, às quais damos livros de presente, por exemplo (SILVA, 2006, p. 87).

É preciso respeitar a caminhada do leitor, especialmente o aluno como leitor. O leitor iniciante, ou até mesmo mais experiente, tem o direito de iniciar uma leitura e abandoná-la. Afinal de contas, qual o problema de o aluno experimentar textos que despertam o seu próprio interesse, se podemos perceber que gradualmente poderá evoluir até leituras mais complexas? Conseqüentemente, Zilberman (1988, p. 21) diz que a proposta de que a leitura seja reintroduzida na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando sobretudo a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. Com efeito, o texto precisa ser discutido por professores e alunos para que possa acontecer uma interação com os textos literários e o aluno, sendo leitor literário, estará pronto para qualquer tipo de leitura e também de escrita, cumprindo, assim, o papel da Língua Portuguesa de preparar o aluno para a vida e para o exercício de cidadania.

## **2.2 O Conto Fantástico**

O contexto a que o gênero literário é inserido na sala de aula acaba por modificar as estratégias de interferir no mundo do leitor, seja ele iniciante ou proficiente. Tratamos aqui do



contexto escolar, onde o leitor precisa ser formado, passar por um processo de iniciação ou mesmo de contato frutivo com o texto e a partir desse prazer literário, constituir-se um leitor eficiente, não apenas do conto fantástico como também de todos os tipos de textos, desde instrucionais e formativos a ficcionais.

O gênero conto, por ser uma narrativa curta, parece adequado para a formação do leitor, didaticamente falando, especialmente quando se trata de leitura do texto literário. Ele pode ser abordado em completude para leitura coletiva e discussão em sala de aula, podendo servir como *corpus* para o contato direto do aluno com o texto literário e a mediação direta do professor. Cortázar comenta na sua obra “Do conto breve e seus arredores” que

é preciso chegar-se a ter uma ideia viva do que é conto, e isto é sempre difícil, na medida em que as ideias tendem à abstração, à desvitalização do conteúdo, enquanto que, por outro lado, a vida rechaça com angústia esse laço que quer lançar-lhe a conceptualização, para fixá-la e categorizá-la (KIEFER, 2011, p. 5).

Apenas a critério de justificar a utilização do conto como forma de trabalhar com os alunos, buscamos citar as características que o tornaram útil, no sentido de dar conta de propiciar momentos de leitura dentro da sala de aula. No conto, torna-se importante que a leitura seja feita de uma assentada e o efeito ou impressão é um ponto de maior importância, com tudo isso, pensamos em aliar o conto ao que parece mais chamar a atenção dos nossos adolescentes, ou seja, o suspense e o mistério. Sobre a brevidade do conto, Poe fala de uma narrativa em prosa curta, que exige de meia hora até uma ou duas horas de leitura atenta (KIEFER, 2011, p. 31).

Para introduzir o assunto “conto fantástico no cotidiano escolar” como via de buscar a formação do leitor, é imprescindível levarmos em conta o ensino de literatura em sala de aula tal como se apresenta na atualidade. A rotina escolar, no que se refere ao desenvolvimento da leitura, necessita de maiores estímulos e de aperfeiçoamento das estratégias, melhor qualidade na seleção textual e nosso maior envolvimento como docentes.

Portanto, ao trazer uma atmosfera de encantamento e mistério, o conto fantástico traz o que pode causar estranhamento no primeiro momento e, posteriormente, despertar o imaginário do aluno através do aparecimento do estranho, do sobrenatural. Assim, Freud recorre aos seguintes versos de *Schelling* para definir o estranho:

Estranho (*Unheimlich*) “é o nome de tudo que devia ter permanecido... secreto e oculto mas veio à luz” (SCHELLING *apud* FREUD, 1919 *apud* GARCIA; MOTTA, 2009, p. 107).

[...] estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente e que somente se alienou desta através do recalque. Essa referência ao fator do recalque permite-nos, ademais, compreender a definição de *Schelling* do estranho como algo que deveria ter permanecido oculto mas veio à luz (FREUD, 1919 *apud* GARCIA; MOTTA, 2009, p. 109).

Temos em vista que o conto fantástico é um gênero textual que aborda uma narrativa curta de apenas um conflito e poucas personagens. Sendo assim, o leitor pode adentrar-se no mundo do narrador da história e participar com ele do que acontece. Percebemos que o adolescente em formação leitora se comove e apresenta maior receptividade devido às poucas experiências vividas se comparado ao que nós adultos já experimentamos ao longo da vida. Luzia de Maria, em seu livro *Amor Literário*, diz que todos nós sabemos que diante de uma obra de ficção, o leitor assume um acordo tácito e, como quem entra no jogo, acredita numa realidade imaginária [...] o leitor vai além nessa fantástica leitura, é parceiro no jogo. (MARIA, 2017, p.374). Além disso, existe, por parte do leitor certo encantamento, causado pela hesitação que o conto fantástico pode causar, devido à ruptura com os dados da realidade e uma transposição entre as fronteiras do real/irreal, surgindo o imaginado, o inexplicável, o sobrenatural.

Tzvetan Todorov em sua *Introduction à littérature fantastique* (1970), afirma que aquilo que distingue o fantástico narrativo é precisamente uma perplexidade diante de um fato inexplicável, uma hesitação entre uma explicação racional e realista e o acatamento do sobrenatural (TODOROV, 1970 *apud* CALVINO, 1985). E mais recentemente, David Roas (2014, p. 32) reafirma que a literatura fantástica nos revela a falta de validade absoluta do racional e a possibilidade da existência, debaixo dessa realidade estável e delimitada pela razão na qual vivemos, de uma realidade diferente e incompreensível.

Abordamos inicialmente as dificuldades encontradas no trabalho de literatura em sala de aula atualmente, para mostrarmos o contexto no qual o conto fantástico está inserido. Observamos que a abordagem deste gênero parece quase que extinta no nosso currículo escolar, bem como já dissemos, a própria literatura como fonte de produção do leitor. Este fato se deve ao uso indiscriminado do livro didático, que ao abordar os tópicos e subtópicos de conteúdo referentes à textualização do discurso narrativo (ficcional), raramente trata do conto fantástico. Muitas obras abordam o conto maravilhoso no sexto ano do Ensino Fundamental como uma retomada de enfoque dos textos da literatura infantil, não levando em conta os seus aspectos mais abrangentes e sim, como ensinamentos e lições de moral. Além, é claro, do pretexto para ensinar gramática, como já dissemos. Vale definir aqui a diferença entre a narrativa maravilhosa e a narrativa fantástica, pois como observa Bessièrre, na

primeira, a fantasia aparece em um ambiente todo irreal onde nada coincide com o que já conhecemos no mundo real. Já o que conhecemos por narrativa fantástica, se trata do sobrenatural acontecendo onde a vida segue o curso dentro da normalidade, existe a quebra de expectativa do leitor. Mas, por muitas vezes, ser erroneamente confundida com o fantástico.

No conto de fadas, o “era uma vez” situa os elementos narrados fora de toda atualidade e impede qualquer assimilação realista. A fada, o elfo, o duende do conto de fadas se movem em um mundo diferente do nosso, paralelo ao nosso, o que impossibilita a contaminação. Pelo contrário, o fantasma, a “coisa inominável, o incerto, irrompem no universo familiar, estruturado, ordenado, hierarquizado, onde, até o momento da crise fantástica, toda falha, todo deslizamento” parecia impossíveis e inadmissíveis (BESSIÈRE apud ROAS, 2014, p. 33). [grifos no original]

Observando o contexto em que o aluno está inserido, percebemos que o elemento emoção precisa adentrar na sala de aula e impulsionar o nosso objetivo maior que é a leitura. Após todo trabalho feito na educação infantil, com o conto maravilhoso, pensamos em explorar o já conhecido mundo fantasioso e adentrar com a leitura de algo novo, algo que chame a atenção, especialmente se o aluno passa pelo maravilhoso sem despertar totalmente para a leitura. Saindo de um lugar totalmente inventado, para um cenário real que sofre o aparecimento de algo irreal, e ainda mais que irreal, insólito.

Por isso, a importância da abordagem do fantástico e suas nuances. Encantamento, fantasia, ideário, escapismo, perplexidade, hesitação, susto, surpresa e demais substantivos, ao serem inseridos no ambiente formador, podem, através da emoção, despertar o discente para o imaginário. Escreve Luzia de Maria.

Embora seja inverossímil alguém acordar e se descobrir transformado num gigantesco inseto, o leitor que vai além nessa fantástica leitura, é parceiro no jogo. Já se tornou presa do autor e segue num misto de curiosidade e espanto. Sabe que a ficção é uma forma de buscar sentido na infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou podem acontecer no mundo real. Acontecimentos, em sua grande maioria, absolutamente extraordinários, terríveis ou pungentes e sem justificativa plausível (MARIA, 2009, p. 374).

O conto pode ser o caminho para despertar o leitor, principalmente no contexto de sala de aula, afinal é um gênero que persiste desde o século XIV, quando mesmo sem o registro escrito, o conto fazia parte da vida humana. No século XIX, o conto que era transmitido oralmente recebe registro escrito e vai firmando a sua categoria estética. Não se refere a um só acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se, afirma Raúl Castagnino (GOTLIB, 2006, p. 12).

[...] A teoria de Poe sobre o conto recai no princípio de uma relação: entre a extensão do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor ou o efeito que a leitura lhe causa. [...] A composição literária causa, pois, um efeito, um estado de “excitação” ou de “excitação da alma” (GOTLIB, 2006, p. 32)

A definição do gênero conto e as características específicas do conto fantástico predisõem o trabalho de literatura em sala de aula como envolvente e encantador, quando possui traços que supostamente possam envolver o estudante. Segundo Todorov, o fantástico dura o tempo da hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem que devem decidir se o que percebem depende ou não da “realidade” tal qual existe na opinião comum. É preciso observar que as definições do fantástico que se encontram na França em escritos recentes, se não são idênticas à nossa, tampouco a contradizem.

Castex escreve em *Le conte Fantastique en France*: “O fantástico... se caracteriza... por uma intromissão brutal do mistério no quadro da vida real (CASTEX, 1951, p. 8 *apud* ROAS, 2014, p. 75). Louis Vax, em *L’Art et la Littérature fantastique*: “a narrativa fantástica gosta de nos apresentar, habituando o mundo real em que nos achamos, homens como nós, colocados subitamente em presença do inexplicável” (VAX, 1960, p. 5 *apud* ROAS, 2014, p. 75). Roger Caillois em *Au Coeur du fantastique*: “todo o fantástico é ruptura da ordem estabelecida, irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana” (CAILLOIS, 1958, p.161 *apud* ROAS, 2014, p. 75).

Na concepção de Todorov (2008), o conto exige três condições para ser considerado fantástico: que o texto obrigue o leitor

- I. A considerar o universo das personagens como seres que têm vida.
- II. A hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural.
- III. A recusar tanto uma interpretação “alegórica” quanto uma interpretação “poética” do texto.

No fantástico, o absurdo surge em um mundo conhecido, habitado por personagens conhecidos provocando um estranhamento, uma sensação de que algo está errado e precisa ser consertado. Seus personagens nos são comuns, sem personificações ou qualquer referência a seres mitológicos.

Não somente o conto em si, mas também a abordagem mediada e incentivada pelo professor que precisa ser também leitor, ter base teórica e didática compatível para que o conto fantástico seja apresentado de maneira a atingir no aluno toda a finalidade a qual se pretende.

Roas (2014, p. 45) observa também que a participação ativa do leitor é, portanto, fundamental para a existência do fantástico: precisamos colocar a história narrada em contato com o âmbito do real extratextual para determinar se uma narrativa pertence ao gênero.

Queremos esclarecer que o primeiro registro da manifestação do fantástico na literatura, foi o romance gótico inglês que inicia a sua trajetória com *O castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole (ROAS, 2014, p. 48). Lembramos que apenas o romance gótico que lida com o sobrenatural pode ser considerado fantástico.

Acontece que os alunos já se encontram com maior maturidade, se não leitora, pelo menos escolar, e trazem para a sala de aula suas vivências e experiências não mais infantis, mas de transição. Consideramos assim, que ao tratarmos do conto fantástico, estaremos introduzindo histórias de mitos e símbolos que se aproximam das histórias que fazem parte do cotidiano, por causa da convivência que costumam ter ao ouvir histórias contadas pelas pessoas mais velhas e até mesmo pelas mídias tecnológicas. Principalmente porque o aluno do Ensino Fundamental está em busca da própria identidade, o que o leva a querer descobrir novas histórias, a deixar livre a imaginação.

Lima (1998) lembra que, para Wallon, a emoção é a base sobre a qual se dá o desenvolvimento da inteligência. Ou seja, não há dicotomia entre emoção e razão no ser humano, nem há uma interferência negativa da emoção na racionalidade humana. Na verdade, elas são interdependentes. A formação do ser humano tem como elemento constituinte a emoção que a própria ficção pode proporcionar ao leitor. O mundo do leitor pode ser percebido “como se” fosse real, “como se” o ficcional pudesse fazer parte do seu próprio mundo. Não se trata do próprio mundo, mas um outro à parte, existente no imaginário fantástico que o ser humano é capaz de fazer parte. Por isso que ele

Provoca impressões afetivas no sujeito que, de sua parte, causam atividades de orientação e, desta forma, reações sobre o mundo seria então a função de uso produzida pelo como se. Para isso, é necessário irrealizar-se o mundo do texto, para assim transformá-lo em análogo, ou seja, em exemplificação do mundo, para que com isso se provoque uma relação de reação quanto ao mundo (ISER, 1983, p. 394).

O aspecto social da leitura é apontado como um bem intransferível e apostamos no conto fantástico na sala de aula constituindo-se como fomento de promoção à leitura para os adolescentes que sentem certa atração pelo insólito. Consideramos esta fase escolar, e mesmo fase da vida, como profícua para o despertar do adolescente ao mundo fictício, imaginário e encantador da leitura literária. O que a literatura do conto fantástico pode dar conta, levando-

se em consideração a abordagem do sobrenatural e a intensidade emocional que ele causa. Assim escreveu Gotlib (1995) em Teoria do conto:

Edgar Allan Poe foi o primeiro a definir a teoria do conto, que recai no princípio de que a leitura deve ser realizada de uma só assentada, para se conseguir um estado de “exaltação da alma”. Poe também ressalta a importância de se atingir, através do conto, uma unidade de efeito; ou seja, o conto deve excitar, exaltar e provocar emoções no leitor tendo o cuidado de não deixar tais efeitos diluírem-se com a leitura da narrativa. É preciso deixar o leitor interessado e curioso do princípio ao fim; para obter tal efeito de unidade o conto não deve ser extenso e nem curto demais. Soma-se a essas características o fato de o conto ser, na maioria das vezes, condensado (com poucos detalhes), claro e forte; de maneira que ele deve atingir emocionalmente o leitor, deve “sequestra-lo momentaneamente” sem o confundir, utilizando-se de uma linguagem comum, simplificada e desprovida de embaraços (GOTLIB, 1995, p. 32). [grifos no original]

Todos os textos de ficção têm sua base na realidade (MARIA, 2017, p. 335). A ficção aparente insulta o leitor a se deparar com o que acontece em sua vida ou mesmo em seus sonhos. Quando lemos uma obra, os acontecimentos que ali acontecem podem tomar conta de nossa vida pela proximidade que pode mostrar no interior mais profundo do ser humano. Daí em diante o leitor se coloca dentro da leitura, mesmo que seja para colocar os medos que enfrentam, a curiosidade que o texto desperta ou pela identificação do leitor com a personagem. Um novo mundo pode ser apresentado aos alunos no momento em que descobrem o poder revelador de si mesmo que a leitura pode oferecer.

### **2.3 Letramento literário na escola**

O ato de ler pode significar extração ou atribuição de sentido ao texto. Se for considerado o termo extração, a direção é do texto para o leitor e o significado estará no próprio texto. Por esta definição, o leitor conseguirá obter o significado do texto somente através de esforço e persistência. Pode ser que o uso do dicionário seja essencial tanto em casa como na sala de aula, desde que começa a haver leitura. E nunca se deve ir adiante nessa leitura sem se saber exatamente o sentido das palavras que estão escritas, ou melhor dizendo, o leitor participa da construção de sentido oferecida no texto e a partir de suas experiências e expectativas no mundo em que vive (realidade) (O USO DO DICIONÁRIO, 1987, p. 17).

As definições da palavra *leitor* de acordo com o dicionário da língua portuguesa de Soares Amora são: 1. Que lê; 2. o que lê; aquele que lê em voz alta para outros ouvirem (2009, p. 4). Assim, somente a condição de analfabeto poderia impedir alguém de ser leitor. Mas ser leitor é bem mais do que o dicionário é capaz de definir. A mera decodificação das

letras, com a pronúncia formada, ou simplesmente o recitar de um texto não faz o verdadeiro leitor. O significado vai do texto para o leitor, através dos olhos. Nenhuma palavra é entendida antes de ser vista. O raciocínio do leitor é comandado pela informação que entra pelos olhos. O leitor está subordinado ao texto, que é o polo de maior importância (LEFFA, 1996, p. 13), desde que provoque o raciocínio e ao mesmo tempo, acione os conhecimentos prévios para que a formação de sentido e a interpretação individual aconteça.

Antagonicamente, ler pode provocar atribuição de significado ao texto, quando levamos em conta a intenção do autor que não deve ser totalmente desconsiderada, haja vista que existe a escolha individual dos termos usados e a maneira como ele escreve pensando no público alvo que ele pretende atingir. Mesmo considerando os ditos e “não ditos” do autor, evidenciamos que o mesmo texto pode provocar visões diferentes da realidade porque, em cada leitor e em cada leitura, o significado está na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor.

Existe a necessidade maior da compreensão do que se lê que é um requisito essencial para ler eficazmente, pois, se não entrássemos em estado de alerta, quando não entendêssemos a mensagem de um texto, simplesmente não poderíamos fazer nada para compensar essa falta de compreensão (SOLE, 2012, p. 41).

E a partir do momento em que o leitor faz inferências e interfere no que o autor quis dizer, podemos falar em leitura. Mas não é somente isso. A interação entre leitor e texto vai bem mais além. O leitor precisa possuir, além das competências fundamentais para o ato da leitura, a intenção de ler.

Sabe-se, pelas pesquisas recentes que é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre os aspectos relevantes do texto. Muitos aspectos que o aluno sequer percebeu ficam salientes nessa conversa, muitos pontos que ficam obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão (KLEIMAN, 2016, p. 36).

Temos que considerar o papel do leitor, o papel do texto e o processo de interação entre o leitor e o texto. Leitura implica uma correspondência entre o conhecimento prévio do leitor e os dados fornecidos pelo texto. Conforme Jauss anota, uma obra “só se converte em acontecimento literário para seu leitor”; portanto, é esse sujeito que afiança a vitalidade e continuidade do processo literário. O autor considera que, entre obra e leitor, estabelece-se uma relação dialógica (JAUSS, 1976, p.168).

Leffa parte do princípio de que, para haver interação, é necessário que haja pelo menos dois elementos e que esses elementos se relacionem de alguma maneira:

No processo da leitura, por exemplo, esses elementos podem ser o leitor e o texto, o leitor e o autor, as fontes de conhecimentos envolvidas na leitura, existentes na mente do leitor, como conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, ou ainda, o leitor e os outros leitores. No momento em que cada um desses elementos se relaciona com o outro, no processo de interação, ele se modifica em função desse outro. Em resumo, podemos dizer que, quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo (LEFFA, 1999, p. 14-15).

Dessa forma, entende-se que o processo interativo entre leitor/texto/autor, exige a ativação de conhecimento prévio do leitor e que esse deve estar em consonância com o que está dito no texto. As diferentes experiências que o leitor viveu são ativadas pelo cérebro no momento da leitura. Além disso, aquele que lê precisa ter a competência necessária para dar uma interpretação autorizada pelo autor do texto. Para que haja interação entre autor e leitor, o primeiro, que detém a palavra, precisa ser informativo, claro e relevante, mapeando claramente as pistas que permitam uma reconstrução do significado e da intenção comunicativa. Porém, no texto literário a dinâmica muda porque o texto literário não é comunicacional, o leitor deve se adaptar ao texto.

A fantasia é acionada, colocando o imaginário e a vivência interior frente a frente; por isso dizemos que a literatura provoca efeito duplo no leitor. O texto literário introduz um universo que leva o leitor a refletir sobre o seu cotidiano e a incorporar novas experiências, afinal, o posicionamento intelectual que ele provoca sendo inventivo ou distanciado pelo tempo introduz um novo universo (ISER, 1983).

Depois que a leitura conquista definitivamente o leitor, depois de se incorporar ao seu cotidiano, ela promove a grande transformação: o sujeito torna-se alguém que também tem algo a dizer e para isso quer usar a escrita (MARIA, 2017, p. 334).

Zilberman afirma que nenhum leitor fica imune às obras que consome, da sua parte, não são indiferentes às leituras que desencadeiam. Complementam Fulgêncio e Liberato (2017, p. 31):

Quando lemos, não estamos jogando unicamente com aquilo que é expresso explicitamente, mas também com um mundo de informação implícita, não expressa claramente no texto, mas totalmente imprescindível para se poder compor o significado. O leitor deve acrescentar conhecimentos extras àquilo que vem dito literalmente. Essas informações fornecidas pelo leitor, que servem para criar lógica no texto, são essenciais para a compreensão daquilo que o autor quer comunicar.

Nem sempre a relação que se estabelece com o texto precisa ser explicada, mas além do que existe em cada linha do texto pode ser entendido também nas suas entrelinhas. Neste



momento, o leitor compreende o que o autor quis dizer, associado à vivência do leitor que aciona seus conhecimentos prévios e juntamente com o contexto inserido, as informações serão completadas.

O letramento literário precisa ser trabalhado na escola de maneira que chame a atenção do aluno que está em início de desenvolvimento leitor e ainda não se sinta instigado a ler. Quanto ao texto literário, Cosson (2017) argumenta que a leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade de ler e interpretar o texto; e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular.

Da alfabetização, tarefa que a escola desempenhou burocraticamente desde seus inícios, passou-se à necessidade de letramento, sobretudo de letramento literário (ZILBERMAN, 2009, p. 15). Mas para formar leitores, de acordo com o que diz o autor francês Bellenger, a leitura se baseia no desejo e no prazer:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se como apaixonado ou como místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas leem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer (BELLENGER, 1978, p. 17 *apud* KLEIMAN, 1993, p. 15).

A experiência que a leitura proporciona pode ser rica e ampla, a ponto de internalizar obras no leitor. Tanto é que na literatura, quase tudo é possível, como saber o que pensam os interlocutores, conhecer lugares sem sair de casa, saber o que se passa no íntimo de vilões e de heróis, conhecer o futuro e o passado, viver tragédias ou comédias. A literatura nunca passa por nós sem deixar suas marcas, às vezes tênue, às vezes inapagáveis. Ela nos forma e nos transforma (MARIA, 2017, p. 375).

A escola é um ambiente socialmente rico, pois a socialização acontece em diferentes níveis e assim cumpre uma função que até vai além de ensinar a ler e a escrever, pois um ambiente profícuo se faz através do contato de estudantes advindos de diferentes famílias, letradas e não letradas, com costumes e hábitos diferenciados desde que possa contar com a intermediação do professor. Pois, “os benefícios de um ambiente familiar rico em eventos de letramento resultam em maior sucesso no desenvolvimento inicial da leitura e,

consequentemente, maior sucesso nas primeiras séries escolares.” (CLARK, 1976; WELLS, 1985, 1986).

O ser humano pode perceber que a leitura atrai e instrui de alguma forma, quando, em sua tenra idade, se depara com livros em casa e costume conviver com familiares que praticam atividades leitoras e, portanto, viva em ambientes voltados para a produção e recepção de gêneros textuais diferenciados. Isto porque, as pessoas que estão a sua volta dedicam o seu tempo aos objetos de leitura e apresentam atitudes particulares provenientes dessa experiência.

Quando o estudante, ao contrário, vem a ter contato maior com a leitura somente quando começa a frequentar a escola, e ali pode ser que se depara com formas imponentes e autoritárias de cobrar a leitura, o ato de ler pode ser considerado, ou mesmo desconsiderado, como atividade cansativa e pouco produtiva.

No ambiente escolar, a troca de experiências diversas, anteriormente citadas, de alunos leitores e não leitores, faz com que ocorra a interação entre os alunos de forma que troquem informações acerca de suas vivências, leitoras e não leitoras, onde o fato de determinados alunos lerem venha a influenciar os seus pares e a partir dessa influência positiva, a leitura literária encontre espaço.

Importante lembrar que a intermediação do professor é fundamental neste processo, já que a didatização das atividades está a seu encargo, não como um peso, mas porque a sua experiência como docente e seus conhecimentos deverão influenciar no processo, a partir de estratégias destinadas a explorar os textos como recursos para envolver o leitor e, por meio desse envolvimento, promover a construção literária dos sentidos, isto é, o letramento literário (COSSON, 2017, p. 116).

Evitando abordagens rígidas, fixas, previsíveis, estaremos demonstrando na prática que a leitura é uma atividade individual, singular até na maneira de ler, pois o que queremos de uma leitura determina como faremos essa leitura. Essa flexibilidade própria do leitor maduro deve ser modelada desde os primeiros contatos com a escrita, num primeiro momento para fornecer um modelo que valha a pena ser imitado, para depois ser incorporado como parte constitutiva das estratégias de leitura e das atitudes do leitor (KLEIMAN, 2016, p. 43).

Mesmo porque, o contato com a literatura é direito do ser humano, sendo que a leitura literária tem muito a oferecer a todos os homens por promover o diálogo entre as pessoas e transformá-las para melhor, pois se tornam mais amáveis e tolerantes umas com as outras. Afirma Antônio Cândido que a literatura atende a uma necessidade inalienável da condição humana

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura.

[...] Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável desse universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em casa um de nós, analfabeto ou erudito – [...].

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CÂNDIDO, 1989, p. 5).

As teorias do letramento literário partem do princípio de que, quem tem competência para o texto literário, também a tem para quaisquer textos. Kleiman definiu letramento como sendo um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos (KLEIMAN, 2004, p.19).

Ler, desde os anos iniciais, quando se adentra ao mundo da leitura, com a decodificação das letras, parece algo desprovido de qualquer fruição, o que vem mudando devido ao reconhecimento de sua importância. O professor constantemente apresenta palavras desconhecidas e frases desconexas que não fazem sentido para a criança, o que provoca o afastamento do alfabetizando do prazer da leitura, da busca de algo maior. O trabalho de leitura, costuma se restringir àquilo que se relatou: ler o texto e, a seguir, responder a algumas perguntas sobre ele, geralmente referentes a detalhes ou a aspectos concretos (SOLÉ, 1998 p. 35).

Contrariamente ao que ocorreu com a alfabetização, que se vem ampliando cada vez mais, a leitura de Literatura tem-se tornado cada vez mais rarefeita no âmbito escolar, bem como observou Regina Zilberman (2003, p. 258), seja porque diluída em meio aos vários tipos de discurso ou de textos, seja porque tem sido substituída por resumos, compilações, etc. Por isso, faz-se necessário e urgente o letramento literário: empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo ela a experiência literária. Estamos entendendo por experiência literária o contato efetivo com o texto. Só assim será possível experimentar a sensação de estranhamento que a elaboração peculiar do texto literário, pelo uso incomum da linguagem, consegue produzir no leitor, o qual, por sua vez, estimulado, contribui com sua própria visão de mundo para a fruição estética. A experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição. Desse modo, explica-se a razão do

prazer estético mesmo diante de um texto que nos cause profunda tristeza ou horror [...] (BRASIL, 2006, p. 55).

O letramento pode se mostrar efetivo se o professor assumir a perspectiva de que podemos atingir uma autoconsciência mais profunda e catalisar uma visão mais crítica da nossa própria identidade. O que não ocorre muitas vezes devido a falta de tempo pelo excesso de burocracia no preenchimento de papéis, encargos próprios do exercício docente, reuniões e cumprimento de atividades extraclasse.

Os fragmentos de texto que o livro didático traz favorecem a ausência de letramento porque muitas vezes é negado ao aluno o contexto. É importante compreender que o letramento literário requer que o leitor se atualize constantemente em relação ao universo literário por não ser uma habilidade pronta e acabada. O leitor dá sentido ao texto, transcendendo os limites de tempo e espaço, não apenas se aprende literatura, mas se vive literatura em cada texto.

#### **2.4 Professor como mediador**

O professor irá propor atividades aos seus alunos conforme a sua própria concepção de leitura e projetar as próprias experiências no seu trabalho em sala de aula. Quando ensinamos a ler, devemos levar em conta que ler, sobretudo, é uma atividade voluntária, ou seja, não adotar postura impositiva e autoritária diante do aluno, pelo contrário, auxiliá-lo no desenvolvimento das práticas de leitura.

Para isso, deve haver atividades de “trabalho com leitura” e “momentos de leitura sem compromisso”, para que o aluno perceba que a leitura pode ser fruitiva e o professor deverá acompanhar o aluno nos momentos de leitura para que fique clara a postura de leitor. Os bons leitores se refugiam na leitura e os maus fogem dela; portanto, se houver ambiente competitivo na sala de aula, os sentimentos de competência das crianças que encontram maiores problemas contribuirão para o seu fracasso. As atividades leitoras em sala de aula deverão ser significativas e englobar situações orais, coletivas, individuais, silenciosas e compartilhadas, levando-se em conta o significado que irá ser atribuído pelo aluno. O professor deve pensar antecipadamente a complexidade que poderá haver em cada atividade e oferecer ajuda aos discentes para que possam superar os desafios.

Importante atentar também para as escolhas que o aluno faz quando a leitura livre é proposta, perceber os motivos das escolhas e interferir sempre que possível usando de estratégias para que a intervenção não seja vista como imposta. Para Solé, uma atividade de

leitura será motivadora para alguém se o conteúdo estiver ligado aos interesses da pessoa que tem que ler e, naturalmente, se a tarefa em si corresponde a um objetivo (SOLÉ, 2012, p. 43). Ser livre para escolher pode dar a ele a sensação de autonomia como um ponto positivo a se tratar, mas o intermédio do docente ao direcionar o gosto pela leitura, levando em conta o conhecimento que tem, da sua vivência como leitor e sabedor dos assuntos de interesse do aluno, pode ser enriquecedor.

Primeiramente, o professor deve ser aquele que busca adentrar o mundo do aluno e fazer a mediação entre o mundo em que ele está acostumado e as possibilidades de leituras que existem, de forma a incentivá-lo e despertar a consciência do quão importante a leitura se faz para a sua formação acadêmica e humana. Para isso, as atitudes do docente podem interferir na visão de leitura que o adolescente traz consigo, tendo em vista o quanto é observado e considerado formador de opinião: lê por conta própria, conhece livrarias, bibliotecas, e-books e faz suas próprias escolhas de leitura, mantém acesa a curiosidade. A leitura, além de tudo o mais que representa, seguramente oferece um manancial de “elementos não associados”, podendo significar um aporte à criatividade, um nutriente especial para a imaginação e, sem dúvida, a abertura de horizontes (MARIA, 2009, p. 172). O sucesso do futuro leitor pode ser associado ao mediador, diz Luzia de Maria, que acrescenta: formar leitores – em qualquer nível escolar – há que ser uma experiência prazerosa e democrática. Logo com uma boa margem de liberdade, de escolha, de encantamento (MARIA, 2009, p. 160).

Luzia de Maria constata que alguns problemas acontecem na escola

1. professores que se acomodaram à zona de conforto das regras gramaticais (apreendidas, são quase imutáveis e pouco exigem do professor), em grande parte apoiados por livros didáticos e apostilas de grandes grupos corporativos da educação, cheios de exercícios e mais exercícios, como se assim os estudantes aprendessem a escrever e produzir bons textos. 2. O segundo inimigo da leitura é a exigência da própria escola, orientada pelo Discurso de Resultados acadêmicos, privilegiando conteúdos de gramática facilmente cobráveis em testes e avaliações objetivas, e estimulando o exagero de exercícios e tarefas descontextualizadas (quem sabe assim alguma coisa fique e ressoe na hora dos testes – é o que devem pensar) (MARIA, 2017, p. 265).

Nessa análise, percebemos que a mudança de postura do professor e também da escola é vital para que o desenvolvimento da leitura seja possível. Mesmo porque, avaliar objetivamente um bom desenvolvimento da escrita e da leitura individualmente torna-se mais difícil, sendo mais confortável cobrar esquemas e regras exaustivas para o aluno.

Nesse sentido, podemos dizer que o professor precisa demonstrar em suas atitudes e motivações didáticas a sua experiência de leitura. Ele deve deixar transparecer o seu amor pelos livros e sua bagagem literária, a fim de não apenas ensinar que ler é bom para a formação do aluno, para a sua formação interpessoal, como também que a leitura possa se tornar a fonte de verdadeiro prazer.

Isto demonstra que o professor deve, muitas vezes, intervir na escolha, sabendo previamente o que irá agradar para que ele sinta o quanto o livro pode se tornar interessante. Mesmo porque, não é todo tipo de história que agrada todo mundo. Existe o gosto pessoal para cada coisa e nisso se inclui o livro que se lê. Não que ele deva se ater a determinado gênero, mas principalmente no início da formação leitora, este aspecto se torna extremamente importante, afinal, ao desvendar o texto como leitores, nós o fazemos a partir do nosso próprio contexto, de nossas próprias presunções, de nossa realidade concreta, assim como disse Bakhtin (1999), que o sentido da palavra está intimamente ligado ao contexto do leitor que constitui o auditório social do autor, podemos dizer que os sentidos possíveis de serem atribuídos a um dado texto são tantos quantos forem os seus possíveis leitores e as situações histórico-sociais em que se encontram.

Porém, concordamos com Solé quando diz que o interesse se cria, se suscita e se educa e que tem diversas ocasiões que ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar (SOLÉ, 2012, p. 43).

O professor como mediador não é aquele que lê e entende o texto para o aluno, mas sim aquele que seleciona o que deve ser lido levando-se em conta onde o leitor iniciante se encontra em seu desenvolvimento literário. E para indicar textos, o professor precisa, antes de tudo, ser leitor e, como leitor, ser capaz de enriquecer o contato do leitor iniciante pela oferta de outros textos com os quais cotejar o que se leu e como se leu o que se leu (GERALDI, 2006).

É preciso também conhecer o nível de competência literária do aluno para que não ocorra o erro de considerar que em uma turma todos devam apresentar o mesmo nível de desempenho. A leitura deve ser criteriosa e para o ensino de literatura na escola, o professor deve ser mediador e vários fatores são acrescidos à seleção dos textos a serem lidos pelos alunos.

O primeiro trata dos programas que selecionam textos de acordo com fins educacionais, o segundo traz a questão da legibilidade e o terceiro está relacionado à

precariedade das bibliotecas escolares que não possuem profissionais adequados para formar leitores e seus livros raramente são renovados.

Diante desse panorama, como efetuar escolhas de livros de qualidade para os alunos? Muitos professores se sentem amparados pelos cânones, que são aquelas obras consideradas representativas de determinada nação ou idioma. Mas os cânones têm recebido questionamentos quanto a questões que abordam, tais como preconceitos de classe, gêneros e etnias. Mas tem professores que insistem em indicá-los pois, segundo Cosson (2016, p. 33), essas obras trazem um ensinamento que transcende o tempo e o espaço e demandam uma profundidade de leitura fundamental para o homem que se quer letrado. Selecionado o livro, é preciso trabalhá-lo adequadamente em sala de aula. Já sabemos que não basta mandar os alunos lerem (COSSON, 2016, p. 34).

O aluno não pode ser responsabilizado pela sua deficiência leitora, sendo que os meios que possam envolvê-lo e despertá-lo deveriam partir da família e da escola. Muitas famílias deixam de passar para a criança o quanto é importante e prazeroso ler, talvez por pouca experiência com o mundo letrado e, por isso, entregam o desafio à escola.

Se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor (LAJOLO, 1988, p. 53).

Cabe à escola, portanto, selecionar os textos que são relevantes e buscar oferecer aos seus alunos o reconhecimento deles e de seus campos discursivos enquanto espaços de manifestação cultural, logo passíveis de apropriação e recriação pessoal e social (COSSON, 2017, p. 67).

Como conclusão do presente capítulo, ressaltamos que existem vários meios plausíveis para que possamos conseguir o nosso intuito de formar verdadeiros letrados em literatura literária, mas partimos do princípio de que todos nós, envolvidos no ambiente educacional devemos ter, no mínimo, consciência da sua importância.

Dizemos consciência no sentido de buscar embasamento teórico no fazer educacional para a busca de sentido e de alimento para o fazer pedagógico e para a didática. A tarefa é árdua, pois como dissemos antes, existem “atrativos” diversos no mundo para “competir” com a leitura, na hora do aluno escolher a atividade a ser feita nos momentos de lazer.

Pensamos ser este o principal motivo para que possamos fazer da própria escola um ambiente leitor, onde o aluno se propõe a ler em horário nobre, naquela hora em que dedicaríamos o nosso tempo para realizar as atividades propostas no livro didático. É neste momento que evidenciamos o quanto a leitura é essencial para a vida, para o ser humano em formação escolar.

A mediação no momento de fazer a leitura literária faz diferença por causa da linguagem rica em recursos linguísticos e o caráter imagético da literatura, quando, através de descrições detalhadas, o texto provoca sensações e imagens que aluno não faça parte dos conhecimentos prévios de pessoas com menos experiências de vida. Mas quando fazemos o trabalho de situar o aluno em outras épocas, outros ambientes e no interior dos personagens, a leitura começa a fluir e a fruição acontece.

Apostamos no conto fantástico como participante especial no processo que acabamos de descrever por causa do seu caráter instigante e pelo elemento sobrenatural que sempre participa da história contada. Temos a ideia de que, por se tratar de adolescentes, sentem maior interesse por estas histórias, o que pode facilitar o seu desenvolvimento como leitor profícuo.

Assim, com o intuito de contribuir na formação de leitores, pensamos em atividades de leitura de contos fantásticos para propiciar leituras prazerosas e instigantes a fim de desmistificar a imagem que o aluno porventura pode ter de desinteressante, maçante e enfadonha. Esperamos que a importância de boas leituras seja percebida e internalizada no aluno, este que é o maior incentivador mesmo que muitas vezes não saiba, de todas as nossas pesquisas.

### **3 MÉTODOS E RECURSOS**

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos orientadores da pesquisa em que verificamos a contribuição da leitura individual e coletiva do conto fantástico na formação do leitor. Acreditamos que as experiências construídas e observadas nas práticas da pesquisa, incorporadas às aulas, representam, para o processo de ensino-aprendizagem, a importância do desenvolvimento reflexivo dos professores ao analisarem suas metodologias e planejamentos escolares.

#### **3.1 O contexto e os sujeitos**

A pesquisa é uma pesquisa-ação de cunho qualitativo, sendo os sujeitos participantes alunos do 7.º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual de São José da Barra, totalizando 22 estudantes. A Escola Estadual Dr. Juscelino Kubitschek foi fundada no ano de 1928 e tinha o nome de Escola Mista, mas já foi chamada de Escolas Combinadas e



Escolas Reunidas. Nesse tempo, a mesma estava situada na “Barra Velha”, cidade que foi inundada durante a construção de uma barragem no ano de 1963. Com o alagamento da cidade, a escola foi transferida, juntamente com os seus habitantes e com outras instituições, para um vilarejo: São José da Barra, que hoje é uma pequena cidade situada às margens do Rio Grande onde se encontra a Usina Hidrelétrica de Furnas, é responsável pelo abastecimento de energia elétrica de grande parte do Brasil.

Esta cidade mineira se desenvolveu e foi emancipada há 23 anos e conta com aproximadamente sete mil habitantes. Possui poucas casas comerciais, três postos bancários, uma unidade mista de saúde, duas farmácias, uma agência dos Correios, três contadores, dois despachantes, três supermercados, a prefeitura e a câmara municipal. É nesse cenário que a escola cresceu e se desenvolveu ao longo do tempo.

No ano 2000, a Prefeitura Municipal assumiu a Educação Infantil e Ensino Fundamental I e, com isso, a Escola Estadual passou a oferecer apenas Ensino Fundamental II e Ensino Médio. O corpo de funcionários da Escola Estadual conta com 30 professores, 2 supervisoras, 10 cantineiras e 5 secretárias, 2 bibliotecárias além do diretor e de uma vice-diretora.

A clientela atendida “pela escolona”, como é carinhosamente chamada por muitos, trata-se de crianças e adolescentes da cidade, dos bairros adjacentes e da zona rural. Basicamente, o turno da manhã atende 215 alunos da comunidade considerada Urbana e o turno da tarde atende 311 discentes advindos da zona rural. Este fato é bastante relevante quando se trata de entender a realidade da rotina da comunidade escolar.

O fato é que os discentes oriundos da cidade são mais extrovertidos, independentes, tem mais acesso às tecnologias e suas famílias são mais próximas (nem sempre mais participativas). Já as crianças e adolescentes que viajam para chegarem até a escola, em estradas de terra, ficando grande parte do dia fora de casa, se mostram também, receptivos ao ensino. Portanto, as atitudes pedagógicas necessárias são adversas entre um turno e outro.

Um fato marcante para evidenciar a peculiaridade de cada realidade se dá no interesse por gibis da Turma da Mônica demonstrado pelos alunos da tarde, enquanto que os alunos da manhã já conheciam os oferecidos e também possuíam os da Turma da Mônica Jovem. Mas trabalhar a diversidade é um desafio das escolas atuais e tem seus enriquecimentos. Prova disso é que a Escola Estadual de São José da Barra, escondida no mapa e pouco conhecida pelo mundo acadêmico, tem preparado pessoas para serem inseridas no trabalho, construir boas famílias e alunos para as universidades do Brasil inteiro. Portanto, a beleza da função social da escola e os objetivos educacionais fazem parte da vida

dos profissionais da educação em todo o nosso país, trabalhando em conjunto com a família e com a sociedade.

A metodologia que usamos é uma estratégia de pesquisa social e tem o papel de conduzir e atender às exigências científicas, possuindo natureza argumentativa (ou deliberativa) dos procedimentos. Estabeleceu-se vínculo entre o raciocínio hipotético e as exigências de comprovação, além de argumentos dos pesquisadores e participantes. Baseou-se também em pesquisa bibliográfica de cunho analítico crítico, a fim de que se faça a identificação de autores e obras significativos no estudo dos conceitos de literatura fantástica como incentivadora da leitura no Ensino Fundamental, de modo que a definição, classificação e situações de uso de tais conceitos foram estudados, uma vez que também contemplou propostas de produção de textos em sala de aula. Destaque-se que tais propostas tiveram abordagens distintas. Inicialmente, as didáticas envolveram o “Sarau Fantástico” em que os alunos compartilharam histórias costumeiramente contadas em casa que tinham a presença do sobrenatural e logo após, a partir da mesma história, a produção de contos fantásticos, com abordagens convencionais sobre esse assunto, a saber: comentários sobre a estrutura desse gênero, a sua divisão tradicional em introdução, desenvolvimento e conclusão, presença ou não de *flashback*, a necessidade de se despertar a criatividade e a esfera de suspense ao longo do texto, etc.

### **3.2 Coleta de dados**

Os procedimentos utilizados foram: primeiramente fizemos um questionário sobre hábitos de leitura dos alunos”, em que puderam explicitar os seus costumes, gostos e possibilidades de leitura e somente a partir deste conhecimento pudemos delimitar a problemática motivadora da pesquisa. Fizemos 12 perguntas de múltipla escolha e 6 perguntas abertas abrangendo vários aspectos que puderam revelar o tipo de leitura que estão acostumados, que livros possuem, assuntos preferidos, o que motiva a leitura, principais experiências com livros, dentre outros.

A partir desta coleta de dados, traçamos o perfil leitor da turma e logo começamos a pensar em uma intervenção que fosse eficiente e, assim, decidimos pela aplicação de uma sequência didática.

As atividades programadas envolveram vários procedimentos pedagógicos como pesquisas de contos orais, contação de histórias, escrita e reescrita, leitura prévia, leitura compartilhada, audição de histórias contadas, vídeos, conceitos, representação teatral,

formulação de perguntas, simulação de personagens, confecção de desenhos e gincana literária. Tudo foi registrado no nosso caderno de anotações e fotografias tiradas no decorrer das práticas que desenvolvemos e os alunos tiveram em mãos um caderno de registro de experiências que demos o nome de “Diário de leitura e de escrita”, instrumento valioso no qual o aluno teve a oportunidade de escrever suas reflexões e impressões dos trabalhos desenvolvidos.

### **3.3 Seleção do *corpus***

No segundo momento, foi introduzido aos alunos o contato com diferentes histórias clássicas a fim de que o aprendiz se familiarizasse com seu estilo e estrutura, e se interessasse em fazer leituras cada vez mais eficientes para a sua vivência escolar e mesmo como formação humana.

Algumas atividades de pesquisas sobre histórias contadas no meio familiar foram propostas para que a produção dos textos dos alunos se tornasse mais rica no sentido de apresentar a cultura popular de contar histórias e compará-las aos contos fantásticos em estudo. Foram também desenvolvidos exercícios de análises e de interpretações dos contos apresentados através do ato de contar histórias feito pela professora, exibição de filmes, técnicas de dramatização, diálogos das histórias, entrevistas com personagens das histórias, leituras meditativas, memorizações das histórias e, por fim, a culminância com o lançamento do livro “Contos fantásticos no sétimo ano”. Fizemos o encerramento do projeto com um evento de contação de histórias, no qual as famílias dos alunos foram convidadas e na mesma noite, houve sessão de autógrafos dos autores nos livros produzidos.

Utilizamos os seguintes contos, considerados fantásticos, como leituras essenciais para a sequência didática: “Pedro, João e José” de Ricardo Azevedo, “A sombra” de Ans Cristian Andersen, “Teleco, o coelhinho” de Murilo Rubião, e “A história de Willie, o vagabundo” de Walter Scott.

Por causa da ausência de um livro que servisse para o manuseio de cada aluno, sendo que cada conto se encontra inserido em obras distintas, optamos pelo uso de fotocópias, que foram disponibilizadas pela escola em que a pesquisa foi desenvolvida.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS E COMENTÁRIOS DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os relatos de experiências vividas no desenvolvimento do projeto de pesquisa “O conto fantástico na formação do leitor” como continuidade do que explicitamos no primeiro capítulo e contextualiza todo ambiente em que se situa. Quando falamos de ambiente, queremos situar os documentos nos quais a educação está evidenciada e nas quais a realidade do aluno se transpõe. A importância do fazer educacional pode ser percebida no desenvolvimento teórico envolvido no momento em que tratamos de letramento literário, antes já dito que se trata do ler e do entendimento do que se lê e partimos do princípio de que o texto em si, em vários desdobramentos e na sua capacidade multiletrada, já tem importância singular enquanto meio de comunicação entre os seres.

Mas destacamos aqui o fazer literário que pode e vai além de uma simples exposição de fatos na notícia, de um “passo a passo” em um manual de instruções ou de uma receita culinária, um anúncio de classificados, um texto científico com descobertas instigantes ou uma argumentação para formação de opinião em massa. O texto literário pode ser tudo o que foi citado ao mesmo tempo, conforme o autor sinta a necessidade de estimular o imaginário do leitor, com uso pouco habitual da palavra, ou melhor dizendo, usando de recursos diversos do idioma utilizado.

Falamos também da leitura sob a perspectiva da interação entre autor/texto/leitor, na construção de sentidos baseada nesta importante tríade do fazer literário e percebemos que, muitas vezes, a compreensão do texto ocorre na conversa sobre o texto e não na sua leitura individual e solitária, o que nos faz pensar no envolvimento de mais um participante no processo. Neste caso de leitura compartilhada, várias possibilidades se fazem presentes, principalmente no contexto de sala de aula, onde diferentes sujeitos de realidades diversas participam da atividade leitora e contribuem com o que vivenciaram, conforme afirma Zilberman (2012, p. 182), reafirmando a perspectiva do leitor que, da sua parte, esse leitor, independentemente de sua formação ou profissão, carrega também sua história de leituras, construída a partir de sua relação com a literatura e com outras formas de textos transmitidos pela escrita.

E é importante lembrar que os conhecimentos prévios do leitor são ativados no momento da leitura porque é neste momento que as experiências vividas passam para a consciência e quando vários relatos de experiências se relacionam, muito há de

enriquecimento ao fazer literário pretendido pelo autor. Como escreve Chartier (1994, p. 11), “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar significado”.

Dando sentido ao que diz Chartier, colocamos aqui o público de leitores em formação que nos propomos a trabalhar. São alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, como já dissemos, e ressaltamos que são, em sua maioria, moradores de localidades rurais. É uma turma heterogênea, onde muitos têm condições razoavelmente boas e outros em situações muito ruins, financeiramente falando. A escola em que estudam é basicamente a única que existe na pequena localidade em que se situa o município pequeno e emancipado há poucos anos (23 anos). Pensando nisto, pensamos que a escola cumpre o papel de socializar os adolescentes de toda a comunidade, além de fornecer o desenvolvimento acadêmico e escolar. Dado essa especificidade, observamos que os alunos buscam o ambiente escolar como fonte de formação como cidadãos e também uma forma de distração ou até mesmo de lazer.

Pensamos em como a literatura pode influenciar os estudantes que vivem como os nossos, afinal, Soares nos lembra que

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real (SOARES, 2008b, p. 33).

Segundo Zilberman, o exercício da leitura é o ponto de partida para a aproximação à literatura e o texto artístico talvez não ensine nada, nem queira fazê-lo; mas seu consumo induz a práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias (2009, p. 18). E por tais conceitos, acreditamos na eficiência da literatura enquanto participante e enriquecedora de seu caráter pedagógico no desenvolvimento escolar.

A busca constante do adolescente por algo que o insira no mundo nos faz pensar em proposta de leitura que vá ao encontro das suas expectativas no mundo, porém inseridas na escola, para que ele tenha satisfação em praticar o que lhe é ensinado. Tão somente por isso, elegemos o conto fantástico como incentivador e como via de desenvolvimento do leitor. Como o conto fantástico pode participar efetivamente na formação do leitor? Com esta indagação advinda da preocupação com o letramento literário na escola, propusemos a pesquisa intitulada por nós como “O conto fantástico na formação do leitor”. A partir daí, desenvolvemos uma sequência didática de intervenção na perspectiva do sociointeracionista com objetivo de levar o aluno a ler e escrever melhor.

#### **4.1 Definição e apresentação da sequência básica<sup>1</sup>**

Neste momento de introdução da sequência básica, o primeiro passo foi esclarecer aos alunos como as atividades aconteceriam e que se trataria do conto fantástico na formação do leitor para que já adiantassem o assunto em casa, com a família.

Logo em seguida, juntamente com a direção da escola, convidamos os responsáveis para uma reunião na qual explicamos do que se trata o Profletras e explicamos resumidamente a nossa trajetória no programa. Falamos sobre a sequência básica que pretendíamos colocar em prática e da importância da participação dos alunos e autorização dos pais. Todos os presentes tiveram acesso ao Termo de Esclarecimento e em seguida, ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, muitos deles assinaram e nos devolveram; outros levaram para casa e devolveram depois.

#### **4.2 Questionário sobre práticas de leitura**

Em um dos encontros com a turma do sétimo ano, explicamos a intenção do trabalho, dissemos que durante alguns meses iríamos realizar algumas atividades de leitura.

Deixamos claro que, no próximo encontro, daríamos maiores detalhes sobre as próximas aulas, pois a intenção era a de que o primeiro questionário fosse respondido sem interferências ou expectativas.

A fim de conhecer o perfil-leitor da classe, o questionário foi organizado com 12 questões fechadas e 6 abertas sobre práticas de leitura. Para a aplicação, os alunos foram organizados em quatro fileiras, durante o tempo de duas aulas, de cinquenta minutos cada.

A maioria dos alunos têm 12 anos e são do sexo masculino.

Os gráficos 1 e 2 revelam que a maioria dos alunos estudam no turno matutino e moram na zona rural, respectivamente.

---

<sup>1</sup> Não nos referimos ao modelo de sequência didática (SD) proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly vinculado à Universidade de Genebra. Nosso trabalho segue a proposta de sequência básica de Cosson.

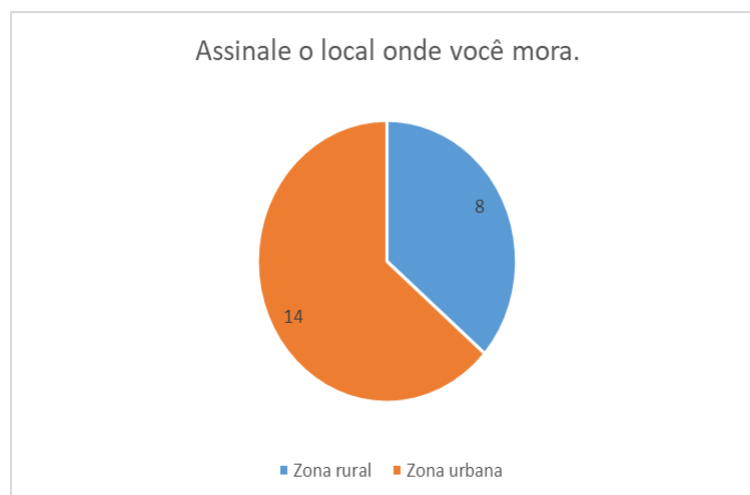
Gráfico 1 - Dados relativos às respostas da pergunta n.º.1 do questionário sobre hábitos de leitura.



Fonte: Da autora, 2019.

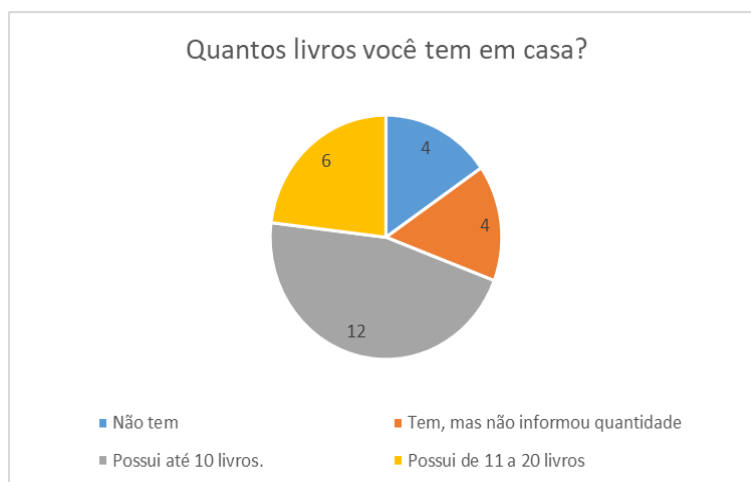
Havia duas turmas de sétimo ano em curso na escola no ano de 2018, porém a turma participante da pesquisa frequentou no turno matutino, conforme declararam no questionário.

Gráfico 2 - Dados relativos às respostas da pergunta n.º 2 do questionário sobre hábitos de leitura.



Fonte: Da autora, 2019.

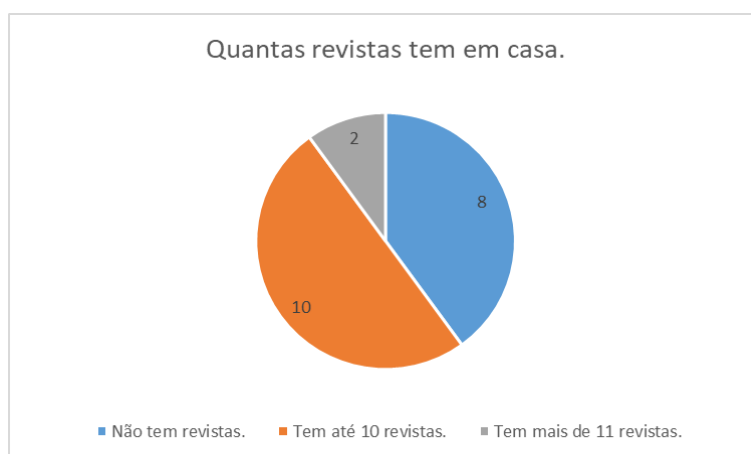
Gráfico 3 - Dados relativos às respostas da pergunta n.º 3 do questionário sobre hábitos de leitura.



Fonte: Da autora, 2019.

A maior parte dos alunos declarou que possui até 10 livros em casa, seis deles disseram que possuem de 11 a 20 livros e o restante ficou dividido em uma parte que não tem livros e, na outra parte, os alunos sabem que possuem livros em casa mas não souberam ou não quiseram informar a quantidade deles.

Gráfico 4 - Dados relativos às respostas da pergunta n.º 4 do questionário sobre hábitos de leitura.



Fonte: Da autora, 2019.



O questionário mostrou que grande parte dos alunos não têm revistas em casa e os que têm, quando responderam em pergunta aberta, na questão número 10, muitos responderam que usam revistas de compra e venda, como Jequiti, Avon, revistas de moda, móveis, dentre outros assuntos.

Figura 1 – Resposta do aluno A referente à pergunta n.º 10 do questionário sobre hábitos de leitura.

10. Que revista você gosta de ler?

R.: A revista das mulheres.

Porque Porque ela fala sobre modas.

Fonte: Da autora, 2019.

Figura 2 – Resposta do aluno B referente à pergunta n.º 10 do questionário sobre hábitos de leitura.

10. Que revista você gosta de ler?

R.: Eu não sei revista.

Porque Porque eu acho muito bom a -  
ca.

Fonte: Da autora, 2019.

Figura 3 – Resposta do aluno C referente à pergunta n.º 10 do questionário sobre hábitos de leitura.

10. Que revista você gosta de ler?

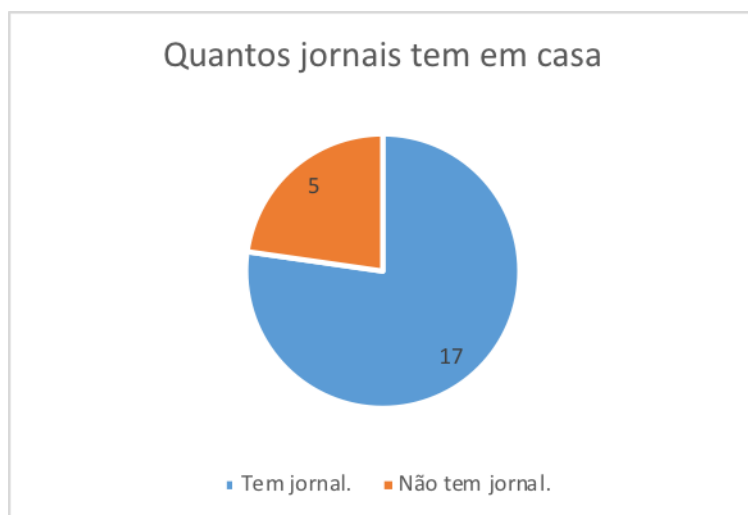
R.: Jequiti.

Porque vender as coisas.

Fonte: Da autora, 2019.

As figuras 1, 2 e 3 serviram de amostra de respostas abertas que os alunos colocaram no questionário de hábitos de leitura, não houve muita variação de respostas. O que observamos foi um contato muito pequeno das famílias com o tipo de leitura em questão.

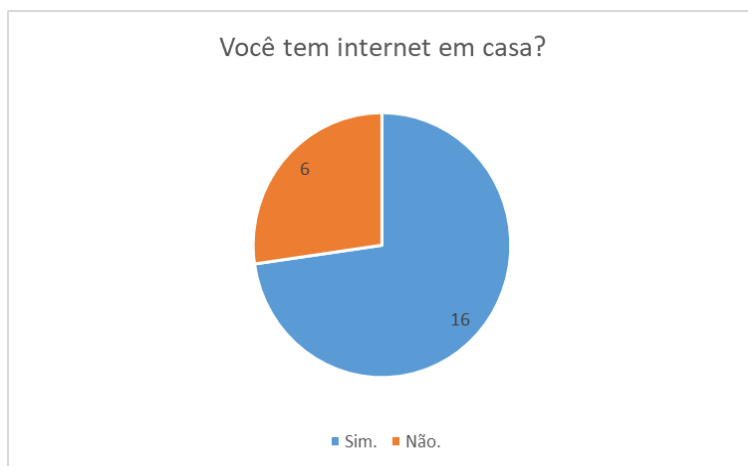
Gráfico 5 - Dados relativos às respostas da pergunta n.º 5 do questionário sobre hábitos de leitura.



Fonte: Da autora, 2019.

A maioria dos alunos não costuma ler jornais, percebe-se que poucos possuem em casa este meio de comunicação coletiva.

Gráfico 6 - Dados relativos às respostas da pergunta n.º 6 do questionário sobre hábitos de leitura.



Fonte: Da autora, 2019.

A maioria dos alunos possui internet em casa, observamos que a pergunta não especifica o tipo de internet, portanto se refere ao aluno ter acesso ou não à rede (wifi ou 4G).

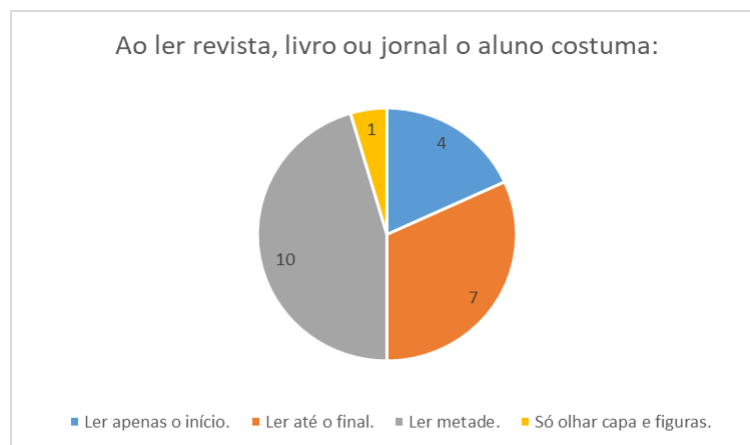
Gráfico 7 - Dados relativos às respostas da pergunta n.º 7 do questionário sobre hábitos de leitura.



Fonte: Da autora, 2019.

Observamos que uma minúscula parte dos alunos declarou não gostar de ler, ficando a grande maioria dividida entre dizer que gosta de ler e que lê às vezes.

Gráfico 8 - Dados relativos às respostas da pergunta n.º 8 do questionário sobre hábitos de leitura.



Fonte: Da autora, 2019.

Analisando o gráfico 8, percebemos que a grande maioria dos alunos consegue ler apenas a metade ou apenas o início do texto a que se propôs, seja revista, livro ou jornal. Porém, grande parte deles consegue chegar até o final da leitura com sucesso. Existe também uma pequena parte do grupo que apenas olha capas e figuras.

#### 4.2.1 Escolha de leitura e respectivos motivos

O quadro 1 apresenta a relação entre o livro que o aluno mais gostou de ler e sua justificativa.

Quadro 1 - Relação entre o livro que mais gostou de ler e sua justificativa

<b>Quantidade de alunos</b>	<b>Livro preferido</b>	<b>Motivo</b>
03	Turma da Mônica	É engraçado
02	Diário de um Banana	
01	Na prisão	
01	Os Três porquinhos	
01	Jogo de adivinhar bicho invisível	
01	Os Sete Anões	
01	Motim na Baía dos Ossos	Não justificou
01	Olhar Azul	Gostou do assunto, achou interessante.
01	Todas as Princesas Soltam Pum	
01	Romeu e Julieta	
01	Crepúsculo	Assistiu o filme e achou muito bom
01	Bíblia	Porque fala de Deus
01	Cinderela	Gosta de Contos de Fadas
01	De Quanta Terra Precisa o Homem	Porque fala sobre coisas boas
01	Gatos de Botas	Fala de guerreiro
01	O vestido azul	História de menina pobre
01	O Sabino	É um romance
02	Não gostou de nenhum.	-

Fonte: Da autora, 2019.

Os alunos gostam de ler livros de variados assuntos, sendo que a minoria não gosta de nenhum assunto abordado pelo livro.

O quadro 2 apresenta as preferências dos alunos quanto aos temas sobre os quais prefere ler, cada aluno escolheu três assuntos.

Quadro 2 - Preferências quanto aos temas sobre os quais prefere ler

<b>Assunto</b>	<b>Quantos alunos apreciam</b>
Aventura	18
Terror	10
Suspense	06
Animais	06
Ação	05
Mistério	05
Romance	04
Família	03
Terra	02
Futebol	02
Amizade	01
Ficção Científica	01
Jornal	01
Nenhum	02

Fonte: Da autora, 2019.

Observa-se que os temas ou assuntos são variados, sendo que aventura e terror são os preferidos dos alunos e existem alunos que não gostam de nenhum.

#### 4.2.2 Divisão de temas e quantidade de alunos que têm a mesma preferência

O quadro 3 apresenta os temas citados pelos alunos sobre assuntos que tem interesse caso fossem escrever um livro.

Quadro 3 - Temas citados pelos alunos sobre assuntos que tem interesse, caso fossem escrever um livro.

<b>Tema de preferência</b>	<b>Número de alunos</b>
Terror	03
Aventura	02
Irmãos gêmeos	01
Animais	01
Futebol	01
Escola	01
A batalha final	01
Brincadeiras	01
Drama e suspense	01
Família	01
Amizade	01
Violência	01
Turma da Mônica	01
Romance	01
Nossa Senhora Aparecida	01
Futuro	01
Mistério	01
Capoeira	01
Não tem assunto preferido para escrever	01

Fonte: Da autora, 2019.

Podemos observar que as preferências de temas dos alunos para ler e para escrever são variados, dentre eles, terror, aventura, irmãos gêmeos, animais, futebol, escola, batalha, brincadeiras, drama, suspense, amor, amizade, violência, Turma da Mônica, romance, religião, futuro, mistério e capoeira.

#### 4.2.3 A maneira de os alunos selecionarem os livros

O quadro 4 mostra o modo como o aluno escolhe a sua leitura, sendo que cada aluno pode escolher duas opções.

Quadro 4 - Modo como o aluno escolhe a leitura

<b>Modo de selecionar o livro que vai ler</b>	<b>Quantidade dos alunos</b>
Olhando capa e figuras	10
Pelo título ou nome do livro	05
Por iniciativa própria	03
Por indicação de um amigo	01
Por indicação do professor	01
Quando ganha de presente	01
Pelo tamanho do livro	01

Fonte: Da autora, 2019.

Observa-se que a parte física do livro ainda é o principal atrativo dos alunos que participaram da pesquisa porque observam com interesse as figuras e a capa no momento da escolha.

#### 4.2.4 A disponibilidade do estudante de se dedicar à leitura

O quadro 5 mostra o tempo disponível a atividades variadas e prazerosas a fim de observar a inclinação da criança ou adolescente para dedicar tempo para a leitura, sua consideração e interesse.

Quadro 5 - Atividades desenvolvidas nos momentos de folga

Variáveis		n.º
Atividade que realiza nas horas de folga	Assistir TV	06
	Praticar esporte	06
	Jogar no celular	03
	Brincar	02
	Jogar Play 2	02
	Comer	01
	Ler	01
	Rezar	01
Considera o seu tempo dedicado à leitura...	Suficiente	12
	Insuficiente	10
O que dificulta o seu tempo de leitura...	Tempo	10
	Lentidão na leitura	08
	Dificuldade no uso da biblioteca	01
	Esquecimento	01
	Pesquisa	01
	Celular	01

Fonte: Da autora, 2019.

O quadro mostra que, nos momentos de folga, os alunos realizam atividades variadas e alguns motivos para não se dedicarem à leitura, mesmo considerando o tempo insuficiente para realizá-la.

#### 4.2.5 Importância do ato de ler na concepção dos alunos

No quadro 6, podemos verificar o que os alunos pensam sobre a importância da leitura.

Quadro 6 – O que os alunos pensam a respeito da leitura

<b>Motivos</b>	<b>Quantidade dos alunos</b>
Melhora o raciocínio e a escrita	09
Melhora a leitura	05
Transmite ensinamentos	02
Melhora o diálogo	01
É importante para no futuro tirar habilitação para dirigir	02
Ajuda no mundo do trabalho	02
Não acha importante	01

Fonte: Da autora, 2019.

Podemos perceber forte consciência dos discentes quanto aos benefícios adquiridos por leitores e, como consequência, a grande necessidade que o ser humano tem de ler.

#### 4.2.6 Experiência de leitura

O quadro 7 nos mostra que os alunos entrevistados estão em desenvolvimento escolar e já tiveram várias experiências com trabalhos e projetos de leitura. Abaixo estão alguns relatos de participação dos discentes, nos quais destacam suas melhores experiências.



Quadro 7 - A melhor experiência com livros e leitura

<b>Experiência de leitura</b>	<b>Quantidade dos alunos</b>
Nenhum ou não se lembra	04
Trabalho escolar	03
Teatro	03
Amiga, irmão ou vó emprestou livro	03
Livro inesquecível	03
Ganhou um livro de presente	02
Lê bem	01
Lê Turma da Mônica Jovem	01
Gosta de copiar os livros	01
Leu o livro e assistiu ao filme	01

Fonte: Da autora, 2019.

Através do questionário, concluímos que a leitura precisava ser desenvolvida com maior eficácia. Por este motivo, optamos por uma pesquisa voltada para o letramento literário, o que proporcionou mediação do professor em atividades pedagógicas voltadas para o assunto de preferência do aluno.

Dado o interesse em narrativas que envolvessem o terror, o medo e o suspense, nos decidimos por voltar os nossos estudos para o conto fantástico. Pensamos no conto pela possibilidade de ocasionar a leitura integral dentro da sala de aula, ambiente rotineiro e em horário nobre, a fim de dar a importância devida ao ato de ler. Outro tipo de gênero poderia dar conta deste intento, porém, através do conto, pudemos partilhar do efeito que o aspecto fantástico pode causar no leitor atento.

#### **4.3 Íntegra da sequência básica**

A sequência básica do letramento literário na escola, proposta por Cosson (2016, p. 51) é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Nos propomos a concretizar o trabalho com a finalidade de desenvolver atitudes e habilidades leitoras com contos fantásticos.

Antes de relatar os procedimentos e análise de todo o trabalho, colocamos aqui, na íntegra, o que planejamos na sequência básica.

#### 4.3.1 Primeiro momento: PRODUÇÃO INICIAL

*Tempo de duração:* 4 aulas

*Preparação:*

- A sala de vídeo será ambientada com cenário preparado para o evento: cortinas escuras, fundo musical com imagens.

- Os alunos passarão os nomes atribuídos por eles das histórias que irão contar e a professora irá auxiliar dando dicas para aos alunos de como contar as histórias.

- Orientar que irão usar figurinos diferentes ou usar o que será proposto pela professora.

*Procedimentos:* “Sarau de contação de histórias que causam medo. ”

Os alunos já se prepararam anteriormente para este momento, pesquisando histórias que já ouviram em casa para contá-las aos colegas então neste momento a professora irá apresentar um a um os contadores.

Cada aluno terá 5 minutos para contar a sua história, sequencialmente, de acordo com chamada previamente combinada com a professora.

*Haverá um intervalo de 10 minutos para que os alunos descansem e serão servidos chá e biscoitos.*

Após todos se apresentarem, haverá uma roda de conversa onde os alunos farão comentários e apreciação do evento.

*Produção:* Cada aluno deverá contar a sua história em forma de redação. Como na hora de contar, ao escrever, o aluno deverá atentar para a estrutura narrativa:

a) introdução: situação inicial na qual as personagens são apresentadas, cenário e tempo em que a história acontece.

b) desenvolvimento: Através das ações das personagens, constrói-se a trama e o suspense que culmina no clímax.

c) conclusão: Final da história.

Com relação à Estrutura da Narrativa:

O que se pede:

Imaginação para compor uma história cativante que entretenha o leitor, provocando expectativa e medo.

Elementos básicos da narrativa:

Depois de escolher o tipo de narrador que vai utilizar, é necessário ainda conhecer os elementos básicos de qualquer narração.

Todo o texto narrativo conta um fato que se passa em determinado tempo e lugar. A narração só existe na medida em que há ação; esta ação é praticada pelos personagens.

Um fato, em geral, acontece por uma determinada causa e desenrola-se envolvendo certas circunstâncias que o caracterizam. É necessário, portanto, mencionar o modo como tudo aconteceu detalhadamente, isto é, de que maneira o facto ocorreu. Um acontecimento pode provocar consequências, as quais devem ser observadas.

- **Fato** – o que se vai narrar (O quê?)
- **Tempo** – quando o fato ocorreu (Quando?)
- **Lugar** – onde o fato se deu (Onde?)
- **Personagens** – quem participou ou observou o ocorrido (Com quem?)
- **Causa** – motivo que determinou a ocorrência (Por quê?)
- **Modo** – como se deu o fato (Como?)
- **Consequências** – Geralmente provoca determinado desfecho.

Após definir os elementos da narrativa, basta organizá-los para elaborar uma narração. Os alunos então poderão escrever seus contos em folha disponibilizada pela professora como primeira versão da história contada.

Observação: A segunda versão será escrita na semana seguinte para que haja o distanciamento do autor, importante para o enriquecimento do texto.

#### 4.3.2 Segundo momento: IDENTIFICAÇÃO DO CONTO FANTÁSTICO

*Tempo de duração:* 2 aulas

*Preparação:*

- Material explicativo sobre as características do conto fantástico para colar ou copiar no diário de leitura.

- Produção de texto feita pelos alunos no 1.º momento.

*Procedimentos:*

- Retomar o assunto e falar sobre as características do gênero do conto fantástico.

- Estas características podem ser encontradas ou percebidas nas histórias contadas pelos alunos.

- Momento de socialização de ideias: quais as características dos contos fantásticos vocês encontraram nos contos apresentados por vocês no “Sarau de Contação de Histórias que causam medo”?

- Fazer a releitura da história que cada um escreveu para observar o que há de características do conto fantástico.

*Produção:* Reescrever o conto já produzido, observando as características dos contos fantásticos e modificando caso seja necessário. Em folha disponibilizada pela professora, para arquivamento.

Denomina-se ‘Contos fantásticos’ os contos pautados numa realidade não lógica, ou seja, uma narrativa que se desenrola num mundo real, marcado pelo absurdo, pela inverossimilhança e por situações ou ações extraordinárias. Com origem no século XVII, os contos fantásticos provocam uma sensação de “estranhamento” no leitor, por meio da ruptura realidade-ficção e, com isso, estimulam uma experiência rica de leitura. Dentre os grandes nomes da literatura fantástica para crianças e jovens temos Ricardo Azevedo, Edgar Allan Poe, Walter Scott, Hans Christian Andersen e Murilo Rubião.

### 4.3.3 Terceiro momento: MÓDULO I

Conto: Pedro, João e José

Autor: Ricardo Azevedo

Tempo de duração: 6 aulas

Preparação:

- Os alunos receberão o texto anteriormente para leitura prévia e serão orientados a atentarem para as palavras desconhecidas, tentando compreendê-las no seu contexto ou buscar significado em pesquisa oral ou no dicionário.

- Formular perguntas para os personagens. Deverão levantar questões que ficaram implícitas na história ou mesmo com relação às atitudes que tomaram. Se você se encontrasse com algum dos personagens, o que perguntaria? Fazer algumas anotações para reformulação em sala de aula. (Anotar no caderno de leitura.)

- Selecionar um aluno(a) que simulará um(a) programa de entrevista.

- Organizar o cenário e a programação.

*Procedimentos:*

1.<sup>a</sup> etapa: Leitura, compreensão e preparação para entrevista.

- Inicialmente haverá uma leitura em sala de aula com mediação da professora.

- Conversa informal sobre a leitura. \*Como foi? \*Quanto tempo gastou? \*Leu tudo de uma vez? \*Qual foi seu personagem favorito? \*Encontrou dificuldades para entender a história?

- Leitura compartilhada (selecionar previamente o leitor de cada personagem);

- Alguns alunos deverão reformular as perguntas feitas em casa para os personagens: Pedro, João, José, pai, velha e moça. A reescrita das perguntas deverá ser feita em papéis avulsos.

- Outros alunos irão se preparar para responder as perguntas feitas pelos colegas como se fossem os personagens da história, para isso, receberão as perguntas antecipadamente e formularão as suas respostas previamente em casa.

2.<sup>a</sup> Etapa: Entrevista.

- Haverá a simulação de um programa de entrevistas em que um dos alunos será o apresentador que fará as perguntas e apresentará o programa.

- As personagens serão apresentados: Pedro, João, José, pai, velha e moça (possivelmente caracterizados).

- Encerramento do programa: apresentação do autor do conto: Ricardo Azevedo.

*Produção:*

O aluno deverá escrever no diário de leitura:

Desde a leitura do texto, formulação de perguntas ou respostas à apresentação da entrevista simulada:

- O que mais gostou?    - Do que não gostou?    - O que você aprendeu de novo?

#### 4.3.4 Quarto momento: MÓDULO II

Conto: A sombra

Autor: Hans Cristian Andersen

Duração: 4 aulas

*Preparação:*

- Preparação de jogral para contar a história de Hans Cristian Andersen.

- Pedir que os alunos leiam o texto previamente em casa, anotando as palavras desconhecidas e procure saber o significado de cada.

*Procedimentos:*

- Jogral falado: os alunos irão apresentar um jogral contando a vida do autor.

**HANS CHRISTIAN ANDERSEN**

1. O escritor Hans Christian Andersen nasceu na cidade de Odense, na Dinamarca, no dia 2 de abril de 1805. Seu pai era um sapateiro pobre, conhecido como o "lunático" da cidade.

2. Hans era uma criança muito feia cujo corpo lembrava a figura de uma cegonha, e não tinha amigos. Sua única diversão era ler as histórias de homens pobres que ficaram famosos.

3. Aos 14 anos, ele se mudou para Copenhague, capital do país, e tentou ser cantor. Tinha uma linda voz de soprano, tomou aulas de dança e canto, mas não alcançou o estrelato nos palcos.

4. Publicou seu primeiro conto com 17 anos. Em toda sua vida, escreveu 156 no total, traduzidos em mais de cem idiomas. Alguns de seus títulos mais famosos foram "A Roupa Nova do Imperador", "O Patinho Feio" e "A Pequena Sereia". Também compôs seis romances e mais de mil poemas.

5. Andersen tinha muito medo de ser enterrado vivo. Fez alguns amigos prometerem que cortariam uma de suas artérias antes de colocá-lo no caixão.

6. Os contos de Andersen não fizeram sucesso na época em que foram publicados. O autor já tinha cerca de 40 anos quando sua obra começou a ser reconhecida pelo público infantil.

7. Hans Christian Andersen nunca foi bonito. Há rumores de que a história "O Patinho Feio" tenha sido baseada em sua própria experiência pessoal.

8. Apesar da carreira literária, quando criança, Hans detestava ir à escola. Ele costumava dizer que os anos de estudo foram a época mais sombria de sua vida.

9. Apesar da facilidade de entender a mente infantil, Hans Christian Andersen nunca se casou nem teve filhos.

10. Quando estava mal de saúde, deixava um recado em sua mesinha-de-cabeceira antes de dormir: "Estou só parecendo morto". O escritor morreu em 4 de agosto de 1875 em Copenhague, na Dinamarca. Ele tinha 70 anos.

- Os alunos irão fazer a leitura do texto novamente em sala de aula para que o professor possa auxiliá-los;

- Finalmente haverá a leitura compartilhada do conto. Narrador – sábio – sombra – princesa;

- Compartilhamento dos textos.

*Produção:*

- O aluno deverá reescrever a história da sua maneira, porém em 1.<sup>a</sup> pessoa, como se fosse a sombra.

- Reescrita.

## 4.3.5 Quinto momento: MÓDULO III

Conto: Teleco, o coelhinho

Autor: Murilo Rubião

Duração: 4 aulas

*Preparação:*

- Leitura prévia do texto.

- Preparar cenário e figurino.

- Pedir previamente que os alunos tragam lápis de colorir para a aula de desenhos.

*Procedimentos:*

- Perguntar sobre as palavras desconhecidas e conversar sobre o significado na contextualização.

- A professora irá contar a história.

*Produção:**Atividades:*

- 1- Teleco é herói ou anti-herói? Justifique.
- 2- O que você acha que Teleco fez durante o tempo em que esteve fora da casa do seu amigo?
- 3- Faça uma lista dos animais em que Teleco se transformou e escreva as características principais de identificação de cada um.
- 4- Quem é o narrador?
- 5- Escreva sobre Tereza.
- 6- Escreva o que entendeu do final da história, analisando a mensagem passada pela história.



7- Você gostou da história?

- Debate e desenhos ilustrativos confeccionados pelos alunos.

#### 4.3.6 Sexto momento: MÓDULO IV

Conto: A história de Willie, o vagabundo

Autor: Walter Scott

*Duração:* 4 aulas

*Preparação:*

- Orientar os alunos para a tarefa de formular perguntas sobre o conto: as perguntas devem ser coerentes.

- Preparação do ambiente.

- As regras deverão ser esclarecidas e anotadas anteriormente (no diário de leitura).

*Procedimentos:*

- Leitura do texto.

- Haverá uma disputa de equipes: meninas X meninos.

1.<sup>a</sup> tarefa: cada equipe formulará 10 perguntas referentes ao conto lido.

2.<sup>a</sup> tarefa: cada equipe deverá responder corretamente às perguntas da outra equipe.

Regras:

- Para início, um integrante da equipe feminina e um integrante da equipe masculina competirão entre si para saber quem inicia as perguntas. (Ímpar X par)

- As perguntas que forem repetidas, mal elaboradas ou de entendimento duvidoso serão descartadas da competição.

- Haverá revezamento de alunos para perguntas e respostas: o (a) participante somente irá perguntar ou responder apenas uma vez.

- A cada acerto a equipe somará 10 pontos.

- A equipe que somar mais pontos será a vencedora.

- Compartilhamento das histórias dos textos escritos pelos alunos.

*Produção:*

- Os alunos escreverão histórias baseadas no conto estudado. Poderão fazer modificações conforme desejarem.

- Reescrita.

#### 4.3.7 Sétimo momento: PRODUÇÃO FINAL

*Duração:* 4 aulas

*Preparação:*

- Resgatar primeiro texto produzido pelo aluno nesta sequência didática.

- Preparar confecção do livro da turma: cotar preços.

- Fazer sondagem para saber o dia e o horário que serão convenientes aos pais para que venham à escola.

- Preparar convite para a “A fantástica noite de autógrafos”.

- Preparar ambiente, roteiro e recursos audiovisuais.

- Produção de mural para cenário de fotos dos alunos com seus familiares.

*Procedimentos:*

- Os alunos farão a reescrita do texto inicial e haverá a produção de um livro dos contos fantásticos da turma.

- Após a correção dos textos, a professora ficará encarregada de providenciar a confecção do livro da turma.

- Na “Fantástica noite de autógrafos” toda a comunidade escolar será convidada. Algumas atividades que foram trabalhadas em sala de aula serão expostas em forma de apresentação e exposição de desenhos.

### **4.4 Relato e análise do desenvolvimento da sequência básica**

#### 4.4.1 Produção Inicial

Iniciamos as práticas relacionadas à sequência básica a que nos propusemos, conversando com os alunos sobre o que seria desenvolvido durante as aulas de Língua

Portuguesa nos próximos meses. Eles já tinham conhecimento do projeto e se mostraram interessados e até mesmo curiosos e animados por serem atividades “diferentes”, ou seja, sairiam da rotina adotada até então nas aulas, seguindo a proposta pelo livro didático.

Então, dando início às atividades planejadas, conversamos sobre histórias que causam estranhamento contadas nas famílias, atividade que demonstrou o quanto o costume de contar histórias ainda existe nas famílias atuais. Vários alunos souberam histórias, mas mesmo assim, pedimos que conversassem em casa para aperfeiçoarem e, posteriormente, todos contariam para a classe. Ficou marcado para a semana seguinte o que chamamos de “Sarau Fantástico”, sem muito alarde na escola, porque pensamos que os alunos deveriam ficar à vontade para que a atividade se tornasse prazerosa.

No dia marcado, preparamos o ambiente na sala de vídeo da escola por causa dos efeitos que foram usados no recurso multimídia, juntamente com chá, café e biscoitinhos que foram servidos no final da atividade. Usamos vídeos com sons e imagens que serviram de fundo e provocaram uma ambientação voltada para o suspense e o medo, além do escurecimento causado por tecidos negros que foram usados nos vidros da sala.

A figura 1 mostra o mural de fundo que foi montado para mudar o ambiente da sala e causar um clima voltado para o tema do sarau.

FIGURA 4 – O mural da sala



Fonte: Da autora, 2019.

A figura 5 mostra o ambiente usado para a contação das histórias conforme foi descrito anteriormente.

FIGURA 5 – Ambiente preparado para receber os alunos no sarau fantástico



Fonte: Da autora, 2019.

Quando os alunos chegaram e quando se depararam com a sala ambientada, ficaram admirados e foram entrando no clima “fantástico”. A porta se abriu lentamente e, à medida que foram ouvindo o som de fundo e vendo as imagens, foram expressando o estranhamento que sentiram e se envolvendo com a atividade.

Assim que todos entraram, se sentaram e foram se preparando para contar, cada um, a história que aprendeu em casa. Então demos início, cada aluno pode contar a sua história e os colegas ouviram com muita atenção, cada um mais interessado que o outro. Poucos não conseguiram contar, mas já era esperado por nós, afinal, existe a diversidade que devemos respeitar, mesmo após todo o incentivo e preparação. Mesmo alguns alunos que não conseguiram contar as suas histórias, ouviram atentos e se envolveram com a atividade.

A figura 6 mostra como os alunos se posicionaram para ouvirem as histórias contadas pelos colegas e o quanto ficaram atentos.

Figura 6 – Durante a realização do sarau fantástico



Fonte: Da autora, 2019.

Houve um pequeno lanche, onde todos se serviram e aproveitaram para comentar com os colegas as impressões que tiveram e entregamos uma pequena lembrancinha para cada um (um lápis com ponteira de livrinho conforme figura 7) a fim de valorizar ainda mais o momento vivido.

FIGURA 7 – Mimos distribuídos a cada aluno no final do sarau fantástico



Fonte: Da autora, 2019.

Ao retornarmos à sala de aula pedimos que trouxessem as histórias contadas e as escrevessem no “Diário de leitura e escrita”, sendo essa a produção inicial da sequência didática.

Em um segundo momento, levamos os alunos na sala de vídeo para que assistissem a um vídeo sobre contos/Literatura Fantástica em que houve uma mescla de exemplificação de contos e características do conto fantástico. Vídeo que retiramos do You Tube e direcionado aos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), encontrado no *link* <https://www.youtube.com/watch?v=XrD8qrPOe5k>.

Ao retornarmos à sala de aula, conversamos sobre os aspectos estruturais da escrita de textos, tais como: introdução, desenvolvimento e conclusão; relembremos, também, os elementos básicos da narrativa: escolha do tipo de narrador a utilizar (primeira ou terceira pessoa do discurso). Lembramos que o texto narrativo conta um fato que se passa em determinado tempo e lugar; ações são praticadas pelos personagens e um fato principal acontece por determinada causa e desenrola-se envolvendo certas circunstâncias que o caracterizam. É necessário, portanto, mencionar o modo como tudo aconteceu detalhadamente, isto é, a maneira que o fato aconteceu e gerou consequências que devem ser observadas.

Reservamos um momento especial para pensarmos, com os alunos, as características que identificam a história como conto fantástico. Fizemos a atividade através de um momento de socialização de ideias retomando a atividade da produção inicial: quais as características de conto fantástico encontramos nas histórias apresentadas no “Sarau Fantástico”? Os alunos entenderam que o que causava “medo” na história que contaram era justamente o elemento estranho, quando não podíamos entender ou explicar o motivo daquele acontecimento. A partir dessa concepção, percebemos juntos o que caracterizava a história como conto fantástico, mas observamos que nossa intenção no trabalho não é a preocupação com o aspecto formal do texto e sim despertar o interesse pela leitura, facilitando o processo de desenvolvimento do leitor.

#### 4.4.1.1 Análise da versão inicial do aluno A

Fizemos a releitura das histórias escritas pelos alunos, lembrando que se denomina conto fantástico a narrativa que se desenrola no mundo real, marcado pelo absurdo, pela inverossimilhança e por situações ou ações extraordinárias. Com origem no século XVII, os contos fantásticos provocam a sensação de estranhamento no leitor, por meio da ruptura

realidade-ficção e, com isso, estimulam uma experiência rica de leitura. Dentre os grandes nomes da literatura fantástica para crianças e jovens, temos Ricardo Azevedo, Walter Scott, Hans Christian Andersen e Murilo Rubião.

Logo após esse estudo, pedimos que retomassem os textos iniciais que produziram e tentassem incrementá-los e enriquecê-los, pensando no aparecimento de aspectos insólitos, elementos estranhos, presença do sobrenatural, ou seja, pensando nas características da literatura fantástica.

O envolvimento dos alunos foi melhor do que o esperado, reescreveram no “Diário de Leitura e escrita” e também em um formulário avulso intitulado: Produção inicial: 1.<sup>a</sup> Versão. A proposta foi reservar esta primeira produção para retomada posterior aos módulos trabalhados durante a sequência didática.

Mostraremos, na figura 8, a produção inicial do aluno A que fez um breve resumo da história que contou no sarau fantástico.

#### FIGURA 8 – Versão inicial do aluno A

Transcrição:

No dia 24/08/1958 uma mulher foi ganhar seu filho num lugar chamado Guapé.

De repente entraram num salão bem grande e escuro. Na noite desse mesmo dia, algo de estranho aconteceu, seu marido ouviu alguma coisa na cozinha. Adivinhem oque era: tinha um unicórnio preto com um chifre branco ele começou a atacar o homem, ele é claro se defendeu do animal. Quando ele deu um chute no animal então começou a flutuar, de repente tudo se apagou.

Ele acordou tudo estava normal, como nada estivesse acontecido.

Depois de um tempo eles foram embora.

Eles disseram que aquele unicórnio preto era uma mulher que adora aquele lugar.

Data: 20/08/2018.

Título: Seu bicho!

1	No dia 24/08/1958 uma mulher foi ganhar
2	seu filho num lugar chamado Guabi.
3	De repente entraram num salão bem
4	grande e escuro. Na noite desse mesmo dia, al
5	go de estranho aconteceu, seu marido viu al
6	guma coisa lá na cozinha. Atravessou que era:
7	uma um unicórnio preto com um chifre
8	branco ele começou a atacar o homem, ele é
9	claro ele defendeu do animal. Quando ele deu
10	um chute no animal então começou a flu
11	tuar, de repente tudo se apagou.
12	Ele acordou tudo estava normal, como na
13	de vestiu-se aconteceu.
14	Depois de um tempo eles foram embora.
15	Eles disseram que aquele unicórnio pre
16	to era uma mulher que cobria aquele lu
17	gar.
18	

Fonte: Da autora, 2019.

Podemos perceber a ausência de recursos para provocar o envolvimento do leitor na história. A aluna fez um texto resumido da história contada, sem maiores detalhes, apesar de percebermos características como a ambientação dos personagens no tempo e no espaço, a indagação que o autor faz ao leitor, algo estranho que modifica o andamento da história “um unicórnio preto com chifre branco” e a crença em histórias sobrenaturais demonstrada pelos personagens. Apesar de o texto apresentar problemas formais, ortográficos e estéticos, apresenta também coerência e coesão, possibilitando o entendimento do que o aluno quis contar.

#### 4.4.1.2 Análise da versão inicial do aluno B

Na figura 9, a produção inicial da aluna B mostrou criatividade no detalhamento da história, o que a foi capaz de envolver o leitor.

FIGURA 9 – Versão inicial do aluno B

Transcrição:

O Medo

Ele não sabe onde está, tudo está escuro, sua cabeça pesa muito. Tenta se levantar, mas não sente forças para isso, usa suas mãos para apalpar o lugar e pode sentir paredes frias e úmidas, além de um cheiro no podre que o embrulha o estômago. Põe sua mão no bolso de



sua calça, na esperança de encontrar seu celular, mas não tem nada, o desespero começa a se apoderar dentro dele.

- Tem alguém aqui? Pedro diz em voz alta, mas o silêncio predomina.

Não sabe quanto tempo dormiu, não sabe se está de noite ou de manhã, aos poucos tenta se levantar, mas suas forças desaparecem.

Ouve um barulho que o assusta, isso o mantém acordado, um suor frio escorre pela sua nuca e o terror começa a devorá-lo.

- Alguém está aqui? – Perguntou novamente e dessa vez, uma voz responde:

- Pedro... É você? – A voz é da mesma garota que ele conheceu em um bar, mas ele não consegue se lembrar o nome dela.

- Sou eu. Sabe como viemos parar aqui? Pedro ficava cada vez mais zozó e aos poucos o nome vem em minha mente: Emily.

- Não sei... – A voz dela soa triste, e aos poucos ele ouve um choro abafado.

- Fica calma e presta atenção em mim, Emily, vamos sair desse lugar eu te prometo – diz Pedro.

- Que lugar é esse, Pedro? Está muito escuro onde você está.

Segue minha voz, Emily, vem!

- Não sinto minhas pernas. – Emily fala assustada com voz baixa.

- Calma, eu vou até você, só continua falando para eu te encontrar. – Fala Pedro.

Pedro tenta se levantar mas seu cérebro não obedece suas ordens, começa a rastejar como uma cobra no chão frio, “Que lugar é esse?” pensa consigo mesmo e continua seguindo.

- Emily, fala alguma coisa. – Diz Pedro.

Sussurra sem saber que direção seguir, mas o silêncio predomina no recinto. Sem resposta dica confuso e segue rastejando em frente.

Para ao ouvir um barulho alto de carne esmagada, mas não consegue ver o que está acontecendo. O medo o cobre e aos poucos começa a se afastar, tentando ficar longe do que está à frente, mas algo gelado toca em minha perna me arrastando para a direção contrária que seguia.

Tenta se soltar, só que aquilo é mais forte. Sem enxergar nada chuto o vazio e escuto um som de riso demoníaco.

- Quem é você? – Pergunta Pedro se arrepiando de medo.

- Eu sou o medo. Me alimento do seu desespero e da sua carne. Todos que me temem sofrem eternamente. A criatura sem face deu risada e Pedro pensa: “Sinto seus dentes abocanhando minha pele.”

Ele grita mas ninguém o ouviu. Sente seu corpo rasgando, a dor é insuportável. Algo quente começa a escorrer pela roupa dele e sente seus membros sendo arrancados de uma vez, tudo se apaga.

Ele acorda assustado, percebe que tudo não passava de um sonho. Aliviado, respirou fundo e nota que está na sua cama, em seu quarto. Volta a pensar em Emily, suas memórias sobre ela ficam cada vez mais claras, estavam namorando, porém, quando tenta se levantar, não consegue, vê que algo está faltando. – minhas pernas não estão aqui e entro em desespero.

- Amanhã eu volto. – A voz do medo fala no ouvido de Pedro e ele chora desesperado, desejando a morte.

Pedro depois de perceber que suas pernas não estão ali que o que aconteceu na noite passada era verdade, pois era a única explicação, já se desespera!

Mais tarde Emily vai até a casa de Pedro com flores, ela entra no quarto o abraça, perguntando como ele se sente. Pedro desesperado já conta do sonho pra Emily e ela sem entender nada, pergunta:

- Amor, tem certeza que você não bateu a cabeça no acidente? (Risos de Emily)

- Que acidente? (Pergunta Pedro).

- O acidente, Pedro, com o carro, que você sofreu na noite passada, foi até para o hospital, não acordava, e os médicos só te deram alta, porque tinham certeza que a cirurgia não tinha afetado nada, acordou hoje, seu irmão me ligou, vim te ver. – Explicou Emily.

- Então tudo não passava de um sonho!?

- Que, Pedro??

- Nada não, esquece.

Emily concorda e vão almoçar.

Data: 20/07/2016.

Título: O Medo

1 Ele não sabe onde está, tudo está escuro, sua cabeça  
 2 pesa muito. Tenta se levantar, mas não sente forças para isso,  
 3 usa suas mãos para apalpar o lugar e pode sentir paredes  
 4 frias e úmidas, além de um cheiro no padre que o embu-  
 5 lha e sufocando. Foi sua mão no bolso de sua calça, na espe-  
 6 rança de encontrar seu celular, mas não tem nada, o  
 7 desespero começa a se apertar dentro dele.  
 8 — Tem alguém aqui? Pedro diz em voz alta, mas o  
 9 silêncio predomina.  
 10 Não sabe quanto tempo dormiu, não sabe se está de  
 11 noite ou de manhã, aos poucos tenta se levantar, mas  
 12 suas forças desaparecem.  
 13 Quê? um barulho que o assusta, isso o mantém  
 14 acordado, um suor frio escorre pela sua nuca e o temor  
 15 começa a devorá-lo.  
 16 — Quem está aqui? — Perguntou novamente e dessa  
 17 vez, uma voz responde:  
 18 — Pedro... É você? — A voz é da mesma garota que  
 19 ele conheceu em um bar, mas ele não consegue se lembrar  
 20 o nome dela.  
 21 — Por eu não, como viemos parar aqui? Pedro fica  
 22 cada vez mais zangado e aos poucos o nome vem em minha  
 23 mente? Emily.  
 24 — Não fui... — A voz dela soa triste, e aos poucos ele  
 25 ouve um choro abafado.  
 26 — Fica calma e presta atenção em mim, Emily, vamos  
 27 sair desse lugar e te prometo — diz Pedro.  
 28 — Que lugar é esse Pedro? Está muito escuro, onde  
 29 você está.  
 30 — Fique minha voz, Emily, vem!

— Não sinto minhas pernas. — Emily fala assustada com voz baixa.  
 — Calma, eu vou até você, só continua falando para eu te encontrar. — Fala Pedro.  
 Pedro tenta se levantar mas seu cérebro não dedica suas ordens, começa a rastejar como uma cobra pelo chão frio, "Que lugar é esse?", pensa consigo mesmo e continua rastejando.  
 — Emily fala alguma coisa — Diz Pedro.  
 Jura sem saber que direção seguir, mas o silêncio predomina no aposento. Sem resposta fica confuso e continua se rastejando em frente.  
 Para ao ouvir um barulho alto de carne esmagada, mas não consegue ver o que está acontecendo. O medo o cobre e aos poucos começa a se afastar, tentando ficar longe do que está à frente, mas algo gelado toca em minha perna me obrigando para a direção contrária que seguia.  
 Tenta se pular, só que aquilo é mais forte sem emergir nada chuto o vazio e estulto um pom de riso demoníaco.  
 — Quem é você? — Pergunta Pedro se ocupando de medo.  
 — Eu sou o medo. Me alimento do seu desespero e da sua carne. Todos que me temem sofrem eternamente. — A realidade sem face deu risada e Pedro pensa "Sinto meus dentes abocanhando minha pele".  
 Ele grita mas ninguém o ouve sente seu corpo rasgando, a dor é insuportável algo quente começa a escorrer pela roupa dele e sente suas pernas sendo arrancadas de uma vez, tudo se apaga.  
 Ele acorda assustado, percebe que tudo não passava de um sonho. Aliviado, respirou fundo e nota que está na sua cama, em seu quarto. Volta a pensar em Emily, suas memórias sobre ela ficam cada vez mais claras, estavam namorando, porém, quando tenta se levantar, não consegue, vê que algo está faltando: — minhas pernas não estão aqui e entro em desespero.  
 — Amanhã eu volto — A voz do Medo fala no ouvido de Pedro e ele chora desesperado, desejando a morte.  
 Pedro depois de perceber que suas pernas não estão ali que o que aconteceu na noite passada era verdade, pois era a única explicação, já se desespera.  
 Mais tarde Emily vai até a casa de Pedro com flores, ela entra no quarto o abraça, perguntando como ele se sente. Pedro desesperado faz conta do sonho para Emily e ela sem entender nada pergunta:  
 — Amor, tem certeza que você não bateu a cabeça no acidente? (liso de Emily).  
 — Que acidente? (pergunta Pedro).

— O acidente Pedro com o carro que você sofreu na noite passada, foi até pro hospital, não acordava, e os médicos só te deram alta, porque tinham certeza que a cirurgia não tinha afetado nada, acordou hoje, seu irmão me ligou, vim te ver. — Explicou Emily.  
 — Então tudo não passava de um sonho?  
 — Que Pedro??  
 — Nada não esquece.  
 Emily concorda e vão almoçar.

A aluna usou recursos diversos para que a história se tornasse envolvente, introduzindo detalhes, diálogos, impressões de sentido, ambientação no espaço e no tempo. A contação da história ficou rica no sentido de buscar inserir o leitor na realidade literária apresentada. Porém, encontramos problema quando a história termina com uma explicação possível: um terrível sonho aconteceu por causa de uma experiência vivida pelo personagem que, na verdade, sofreu um acidente. O final da narrativa descartou a possibilidade de considerarmos o texto como um conto fantástico. Pensamos que durante sequência básica o aluno demonstrou maior entendimento e conhecimento das características do conto fantástico e na versão final modifique a conclusão da história.

#### 4.4.1.3 Análise da versão inicial do aluno C

Expomos na Figura 10, a produção inicial do aluno C que recontou a história pesquisada em casa.

##### FIGURA 10 – Versão inicial do aluno C

Transcrição:

Tem alguém rondando em volta da casa.

Antigamente quando minha bisavó quando minha bisavó materna existia ela sempre contava histórias para passar medo em minha vó e ela como era pequena acreditava.

Então bem antigamente minha vó contou vó Antonia, que no caso onde ela morava era bem distante de São José da Barra a minha bisavó contou que na época de lua cheia tinha um homem que se transformava em lobisomem.

Então minha vó Antonia, e a bisavó contou que tinha alguma coisa rondando em volta da casa ela logo disse é um lobisomem to isso passou e no dia seguinte o lobisomem apareceu na janela com os dentes cheios de linha e falou que ele tinha comido o neném com roupa e tudo.

E esse neném começou a ficar com linha na cara e o lobisomem começou a ter reações muito estranhas.

Então a cada segundo uma coisa no menino, e quando vê, no que rosto não existia cachorro e quando vê apareceu um cachorro zumbi e o lobisomem começou a sair sangue e o neném sumiu.

O lobisomem a procura do neném que estava em sua frente sumiu, e os cachorros começaram a ter mais cachorros cada uma mais estranho que o outro quando vê quando vê apareceu uma pessoa vestida de morte ou era uma morte, e começou a olhar o lobisomem e

para o cachorro quando vê caiu um negócio do céu e começou a chuva muito forte, os trovões e relâmpagos e os cachorros começaram a correr e latir muito auto e quando vê a manhã apareceu e tudo voltou ao normal.

Data: 20/08/2018.

Título: Tem algum condado envolto do Coa.

1	Antigamente quando minha bisavó quando minha bisavó me contou
2	criativo ela sempre contou histórias para passar mais em minha vida e ela como
3	era pequena acreditava.
4	Então bem antigamente minha bisavó contou no Antonia, que no caso onde
5	ela morava era bem distante de São José do Rio Preto e minha bisavó contou
6	que na época de sua vida tinha um homem que se transformava em lobisomem.
7	Então minha bisavó contou que tinha alguns cães
8	condados em volta do caso ela logo disse é um lobisomem tá isso passou
9	e no dia seguinte o lobisomem apareceu no janela com os dentes cheio de
10	limbo e falou que ele tinha comido o menino como xampu e tudo.
11	E esse menino começou a ficar com pelos no corpo e o lobisomem
12	e começou a ter reações muito estranhas.
13	Então a cada segundo uma coisa no menino e quando ele,
14	naquele caso não existia cachorro e quando ele apareceu um
15	cachorro zumbi, o lobisomem começou a sair sangue e o menino sumiu
16	O lobisomem a procura do menino que estava em sua frente
17	sumiu, e os cachorros começaram a ter mais cachorros cada um mais
18	estranho que o outro quando ele quando ele apareceu uma pessoa vestida de
19	morte ou era uma morte e começou a andar para o lobisomem e para o cachorro
20	quando ele caiu um negócio do céu e começou a chover muito forte
21	os trovões relâmpagos e os cachorros começaram a correr e latir muito auto
22	e quando ele a manhã apareceu e tudo voltou ao normal.
23	

Fonte: Da autora, 2019.

O aluno C entendeu a proposta e contou uma história comum do folclore brasileiro, muito comum em cidades menores, o que não desmerece em nada o trabalho apresentado, afinal, trata-se de uma pesquisa de histórias passadas de geração em geração através da tradição oral das famílias dos alunos.

O que notadamente se observa é a necessidade de trabalhar melhor o texto, torná-lo mais coeso e coerente, afinal, a ausência de explicação para algo sobrenatural não pode ser confundido com desordem textual. Repetição, inconsistências dos fatos, falta de sequência narrativa, repetição de termos e ortografia em desacordo com as normas da língua portuguesa, são problemas que foram trabalhados durante a sequência didática.

#### 4.4.1.4 Análise da versão inicial do aluno D

A narrativa da figura 11 se trata da história contada pela família da aluna e é típica da cidade de São José da Barra, pois se trata de um antigo morador, hoje já falecido e os mistérios que o envolveram tempos atrás. As histórias sobreviveram ao tempo, por serem contadas de geração a geração.

FIGURA 11 – Versão inicial do aluno D.

Transcrição:

A história de Odilon

Há alguns anos atrás um médico chamado Odilon, ele era muito conhecido por ser um ótimo médico, rico e muito mal.

Infelizmente ele adoeceu e faleceu, suas terras foram vendidas. Odilon era muito apegado a suas terras. Com o passar dos anos coisas esquisitas começaram a acontecer na rua conhecida como Nossa de Fátima, em frente a uma casa tinha uma árvore de óleo. Nessa árvore aconteciam coisas estranhas, bizarras, teve uma vez que na quaresma apareceu um porco preto com manchas brancas e penas azuis e não parou por aí. No natal essa mesma árvore de óleo apareceu um homem todo vestido de amarelo, até os cabelos eram. Os moradores já assustados começaram a se preocupar porque teve uma vizinha da casa da minha vó que falou que um fusca azul atravessou a parede da casa dela, mas ninguém sabe quem foi, pois na hora que foram olhar não havia ninguém dentro do fusca.

Ao passar dos anos começaram a acontecer coisas estranhas e ninguém sabia ou imaginava o que estava acontecendo, mas o mistério estava para ser descoberto. Na mesma árvore estava Odilon em seu fusca azul, todo sujo, com cara de mal, dizendo:

- Ninguém se apossou de minhas terras, quem se apossar de minhas terras vai ser assombrado pela eternidade. E as pessoas começaram a ficar com medo.

Fim.

Data: 20/08/2018.

Título:

A História de Odilon

1	Há alguns anos abriu um médico chamado Odilon, ele
2	era muito conhecido, por ser um ótimo médico, rico e muito
3	mal.
4	Inferno ele adoeceu, e faleceu suas coisas foram
5	vendidas. Odilon era muito apegado a suas coisas. Com
6	as passadas dez anos suas coisas esquisitas começaram a acontecer
7	na sua cidade, como nessa história de Talma, em frente
8	a uma casa, tinha uma árvore de óleo. Nessa árvore
9	aconteceram coisas estranhas, biquinhas, teve uma vez
10	que na quarentena apareceu uma placa preta com manchas
11	brancas e penas azuis, e não pôde ser aí no natal
12	nessa mesma árvore de óleo apareceu um homem vestido
13	de de amarelo, até os cabelos eram. Os moradores já
14	assustados começaram a se preocupar, porque teve uma
15	visão da casa da minha mãe, que falou que um
16	luz azul iluminava a parede da casa dela, mas
17	ninguém sabe quem foi, pois não era que foram olhar
18	não havia ninguém dentro da casa.
19	As passadas dez anos começaram a acontecer coisas
20	estranhas, e ninguém sabia o que imaginava o que estava
21	acontecendo, mas o mistério estava por aí, a ser descoberto.
22	Na mesma árvore estava Odilon em seu lugar azul,
23	deu ruído, com cara de mal dizendo:
24	-Ninguém se aproxima de minha árvore, quem se
25	aproximar das minhas coisas vou ser arrebitado pela
26	solidão. Faz pessoas começaram a ficar com
27	medo.
28	Fim!
29	
30	

Fonte: Da autora, 2019.

O texto do aluno D precisa ser trabalhado em sua estrutura gramatical e ortográfica, mas considerando as características do conto fantástico, podemos dizer que cumpriu bem a proposta inicial do trabalho pois escreveu um texto com uma história real, comum de acontecer no cenário e no tempo proposto e contou com a presença do sobrenatural. Para um iniciante na escrita fantástica, consideramos uma boa história.

#### 4.4.1.5 Análise da versão inicial do aluno E

Na figura 12, trouxemos a história de outro ser folclórico denominado “nego d’água” que se trata da história contada pela família do aluno e é típica da cidade de São José da Barra.



Transcrição da figura 12:

Nego D'água

Em 07 de 1996, nascia o meu avô Joaquim em uma fazenda no vilarejo de São José da Barra, mais conhecido como Barra Velha.

O passatempo preferido da família era contar histórias do que aconteciam com eles, motivo que levava os amigos e vizinhos a se reunirem para uma roda de conversa toda noite.

Certo dia, Oliveira que era tio de meu avô foi pescar e quando estava no meio do rio Sapucaí que algumas coisas estavam se mexendo na canoa, tentando virá-la. Oliveira pegou um facão que estava sem sua canoa e bateu na mão daquele bicho horroroso conhecido como Nego D'água, ele vivia no rio e se alimentava de carne.

Manifestou-se com suas gargalhadas, era um ser de pele escura que em quase tudo se parecia com um rapaz de corpo atlético. A cabeça é careca e as orelhas são pontudas, os pés e as mãos tinham garras afiadas e entre os dedos existiam membranas como as que a gente vê nas patas dos sapos. Viviam como peixes no rio para se aquecerem no sol.

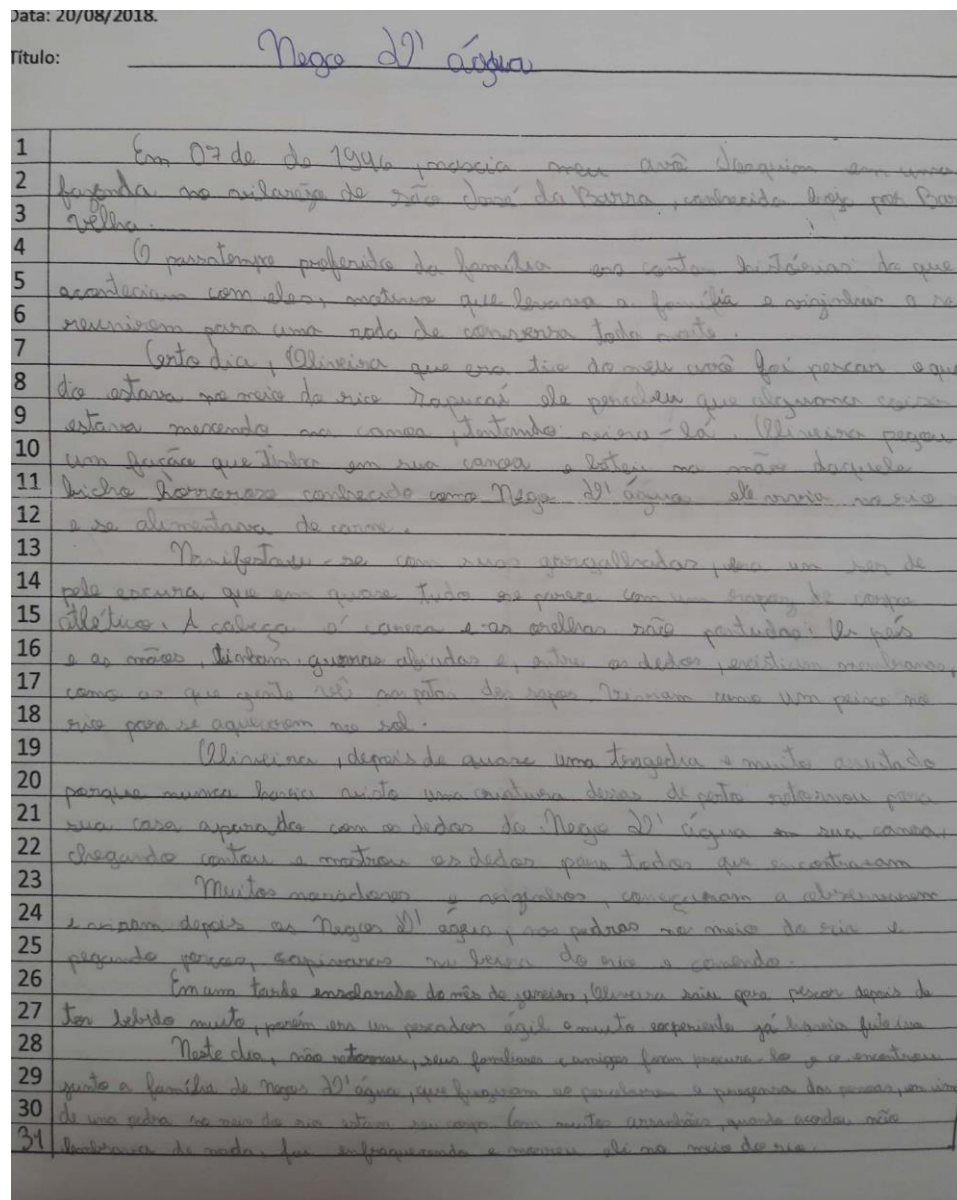
Oliveira, depois de quase uma tragédia e muito assustado, porque nunca havia visto uma criatura dessas de perto, retornou para a sua casa aparado com os dedos do Nego D'água em sua canoa, chegando contou e mostrou os dedos para todos que encontraram.

Muitos moradores e vizinhos começaram a observarem e viram depois os Negos D'água nas pedras no meio do rio e pegando porcos, capivaras no meio do rio e comendo.

Em uma tarde ensolarada no mês de janeiro, Oliveira saiu para pescar depois de ter bebido muito, porém era um pescador ágil e muito experiente, já havia feito isso.

Neste dia, não retornou, seus familiares e amigos foram procurá-lo e o encontrou junto às famílias dos Negos D'água, que fugiram ao perceberem a presença das pessoas em cima de uma pedra no meio do rio estava o seu corpo com muitos arranhões, quando acordou, não lembrava de nada, foi enfraquecendo e morreu ali, no meio do rio.

FIGURA 12 – Versão inicial do aluno E.



Fonte: Da autora, 2019.

O aluno inicia o conto relatando um costume dos avós de contar e de ouvir histórias e avisa o leitor que escreveria uma delas. A partir daí, ocorre o aparecimento da figura principal do conto: o nego d'água. A descrição aparece e os acontecimentos são relatados de forma que podemos visualizar um autor inteligente e “contador de histórias”. Apareceram algumas incorreções na concordância verbal e na ortografia, mas são aspectos que podem ser melhorados.

#### 4.4.2 Módulo I – Conto: Pedro, João e José. Autor: Ricardo Azevedo.

Demos início às leituras dos contos selecionados para atividades da sequência didática com o conto intitulado “Pedro, João e José” do autor Ricardo Azevedo. A intenção foi começar com um texto de linguagem mais simples e de fácil compreensão, porém diferente, de forma a chamar a atenção do aluno para o aspecto fantástico da história.

Os alunos receberam o texto para fazerem a leitura prévia em casa porque, mesmo sendo uma leitura mais acessível, trata-se de um texto longo e pensamos que seria cansativo realizá-lo em sala de aula. Contrariando a expectativa, que o incentivo deveria ser reforçado para que lessem em casa, assim que receberam as fotocópias, começaram a leitura e logo a maioria já havia terminado e estava empolgada. Eles observaram o fato da história dos três irmãos quase se repetirem, o que causou estranhamento na própria linguagem, natural, porque como observa Roas (2014), a transgressão que toda narrativa fantástica propõe não se limita unicamente à dimensão argumental e temática, manifestando-se também no nível linguístico. Os pequenos leitores julgaram que fosse falha nas fotocópias entregues e perceberam certa monotonia nesta parte da leitura, levando-se em conta a breve quebra de expectativa quando os fatos ocorridos se mostraram interessantes mas, de forma estranha e inesperada, tão somente os fatos se repetiram como também o mesmo texto foi usado.

No dia seguinte, fizemos leitura compartilhada em que houve o narrador, cada aluno representou um personagem e no momento da cantiga que a velha repetia em várias partes do enredo, todas as meninas cantavam. Foi uma experiência excelente que proporcionou um momento prazeroso de leitura conjunta.

Conversamos sobre a atividade que realizaríamos (e que serão descritas na sequência) e dividimos as tarefas. Alguns alunos fizeram o papel de cada personagem: Pedro, João, José, o pai, a velha bruxa e a princesa. Os demais alunos se reuniram em grupo e formularam perguntas direcionadas aos personagens, levando em conta as curiosidades e espaços vazios deixados pelas ações ocorridas no desenrolar da história. Os alunos levaram as perguntas dirigidas aos personagens que representariam para casa, com o objetivo de formularem as respostas.

Trouxemos as perguntas formuladas por todos os alunos da turma, de forma colaborativa, para que a entrevista fosse feita.

Personagem: José.

1- Como você sabia que deveria escolher os conselhos do pai?

2- Como se sentiu depois de ter seguido os conselhos de seu pai e salvado os seus irmãos?

3- Por que você quis ser o último a viajar?

4- Qual foi a sua reação ao ver a princesa presa dentro da bruxa?

5- José na hora que você e a feiticeira estavam na varanda, ela disse que queria namorar você. E você disse que estava comprometido, mas quando a princesa jovem e bela saiu do ovo, ela te deu um beijo e falou que irá ficar com você para sempre. Então, vocês ficam juntos. José, você não era comprometido?

6- Se a velha não fosse tão velha e feia, você teria coragem de namorar com ela?

7- O que passou pela sua cabeça quando viu a bruxa pela primeira vez?

8- Como você se sentiu quando seus irmãos desapareceram?

9- Por que você não amarrou seus animais e sua espada com mais força?

10- José, você se sente um herói por ter salvado a princesa e seus irmãos ou foi um ato de coragem?

11- Por que você mesmo quis amarrar os seus animais e a sua espada?

12- Por que você preferiu levar os conselhos do pai ao invés de dinheiro?

13- Qual foi o seu primeiro pensamento quando viu a princesa saindo de dentro daquele ovo que havia dentro da bruxa?

14- Como você sabia que aquela mulher era perigosa?

15- Como você sabia que a princesa era uma pessoa confiável?

Personagem: Pedro (Pedro)

1- Por que você não quis namorar a velha?

2- O que você fez enquanto estava no alçapão? Como era este lugar?

3- O que você sentiu quando a bruxa começou a lutar com você?

4- Qual a sua reação ao chegar na casa onde estava a bruxa?

5- Por que você quis sair de casa? Foi pelo espírito aventureiro ou para viver livre do pai?

6- Qual foi o seu pensamento quando o seu pai propôs as duas propostas: dinheiro ou conselho?

7- Qual foi a sensação que você teve ao encontrar uma bruxa?

8- Pedro, você aprendeu que conselhos valem mais do que bens materiais?

9- Pedro, você achou estranho a velhinha que era tão boa, mas com tantas condições?

10- Se a bruxa fosse mais bonita, você namoraria com ela?

11- Por que, de repente, você quis viajar?

Personagem: João.

- 1- Você sabia qual era a doença da sua mãe?
- 2 - Como você se sentiu ao saber que Pedro corria perigo?
- 3- Você não achou perigoso ir atrás de seu irmão, sendo que o seu pai podia pagar quem fosse para ir no seu lugar?
- 4- Por que você não quis aceitar os muitos conselhos do seu pai e escolheu levar mais dinheiro?
- 5- Por que você quis passar pelo caminho torto e pedregoso?
- 6- Como você reagiu ao ver que a velha era dez vezes mais forte que você?
- 7- Quando a velha prendeu o seu cavalo, o seu cachorro e a espada, você pensou que ela estaria te enganando?
- 8- João, o que você pensou e sentiu, quando a feiticeira disse para amarrar o cavalo e o cachorro e a espada em um fio de linha?
- 9- João, você imaginava que a bruxa seria tão forte?
- 10- Você teve inveja, quando José resgatou a princesa e ainda se tornou namorado dela?
- 11- Como foram os dias que você passou no alçapão?

Personagem: Feiticeira.

- 1- Por que você cantava para atrair os aventureiros?
- 2- Por que você estava “cavoucando” e cantando na frente de sua casa?
- 3- Por que você prendeu os jovens aventureiros? Qual é a sua intenção com eles?
- 4- Quantos anos você tem?
- 5- Por que você queria namorar os três filhos do rei?
- 6- Por que você prendeu a princesa por cem anos? Foi por inveja ou por algum outro motivo?

Personagem: Pai.

- 4- Como você conseguiu ter fortuna?
- 6- Como você conseguiu cuidar dos seus filhos, sem a sua esposa?
- 7- Quando a sua mulher morreu, porque você não arrumou outra mulher para te ajudar?
- 5- O que você fez na árvore para que quando um filho estivesse em perigo ela murchasse?
- 2- Como ficou o seu coração quando viu as árvores dos seus filhos murcharem, sabendo que era um sinal de que eles estavam em perigo?

3- Como se sentia podendo perder seus filhos, depois de já ter perdido a sua esposa?

8- Por que sempre perguntava aos seus filhos se eles preferiam muito dinheiro ou pouco dinheiro e conselhos?

9- O que passou na sua cabeça quando Pedro falou que queria viajar?

10 – Qual foi a sua viagem mais desafiadora?

11- Pai, como ficou o seu pensamento quando os filhos decidiram viajar sozinhos?

12- Você se sentiu só, quando os seus filhos foram embora?

Personagem: Princesa.

1- O que você fez de mal para a bruxa, para que ela te prendesse?

2- Por que você virou um ovo? E como aconteceu isto?

3- Qual foi a sua reação ao ver os três filhos do rei?

4- Você quis namorar o José por que o ama ou pelo dinheiro dele?

5- Você quer ter filhos com o José?

6- Você sabe por que a feiticeira te aprisionou por cem anos?

7- Como era estar dentro de um ovo?

8- Como você sobreviveu tanto tempo no corpo da feiticeira?

9- O que você fez para a feiticeira te amaldiçoar?

10- Como que a feiticeira te pegou se você é mulher e por isso não é atraente para ela?

11- Do que você mais sentia falta quando estava presa?

12- Qual foi a sua reação quando percebeu que havia sido libertada?

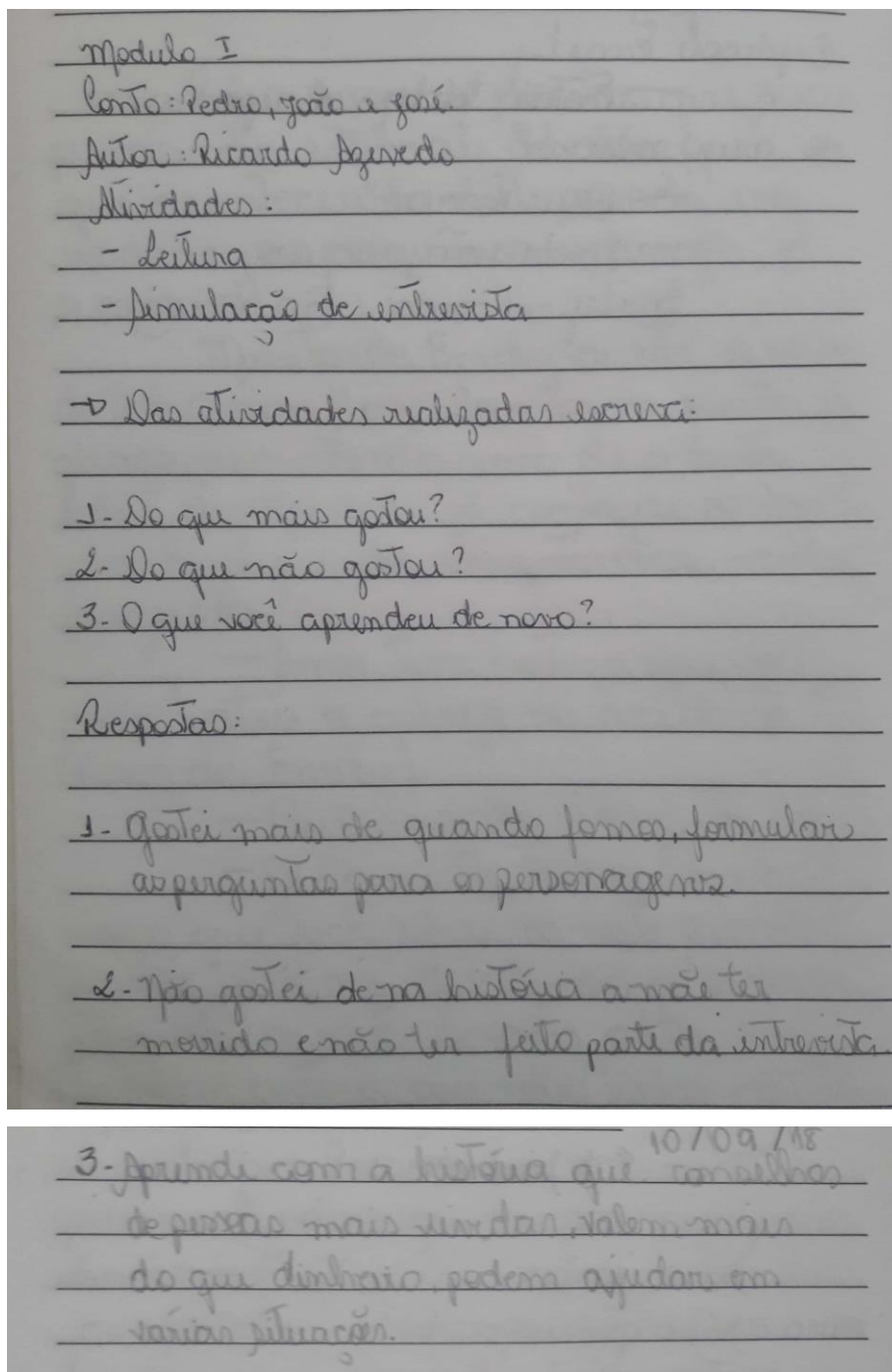
Preparamos o cenário, na sala de vídeo da escola, para que usássemos o recurso multimídia e fizemos a simulação de um programa de entrevistas, inclusive um dos alunos foi o entrevistador “Gentili” e três alunas fizeram vídeos com perguntas, simulando participação do público que assistia ao programa.

E, assim, depois de tudo preparado, convidamos o diretor da escola e fizemos a apresentação do programa que intitulamos como Entrevista Fantástica, na qual toda a turma participou como plateia do programa. O apresentador agradeceu a presença de todos e iniciou as perguntas aos personagens alternadamente e os personagens responderam com propriedade. No final, todos assistiram a um vídeo com o autor da história Ricardo Azevedo.

A atividade, que se tornou um verdadeiro evento, foi produtiva no sentido de que todos entenderam bem a história e puderam vivenciar a leitura de forma diferente. Tiveram a oportunidade de aprofundar o estudo, ou melhor, o entendimento do texto enquanto

preparavam a atividade e durante a realização da mesma. Quando finalizamos, pudemos perceber que alcançamos o intento de buscar formas diferentes de ler e de interpretar, no sentido de que os alunos estudaram o texto lido sem que achassem cansativo. Fizemos também uma pequena avaliação da atividade na qual os alunos responderam a três perguntas sobre o trabalho, como mostramos nas figuras 13 e 14, a seguir, que reproduzem perguntas e respostas dos alunos B e C.

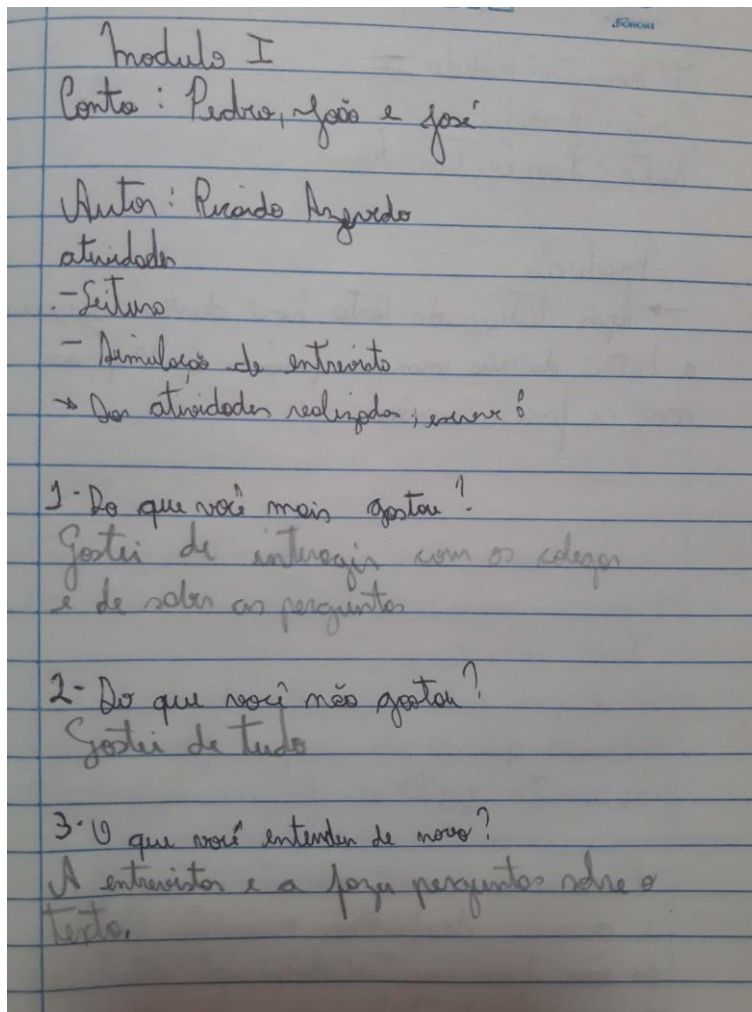
FIGURA 13 – Avaliação das atividades da “Entrevista Fantástica” do aluno B



Fonte: Da autora, 2019.

O aluno declarou em suas respostas que gostou de formular perguntas para os personagens, mas que não gostou do fato de a mãe ter morrido na história e não ter participado da entrevista, disse também que aprendeu com a história, que conselhos de pessoas mais vividas valem mais do que dinheiro.

FIGURA 14 – Avaliação das atividades da “Entrevista Fantástica” do aluno C



Fonte: Da autora, 2019.

O aluno C declarou que interagir com os colegas e saber as perguntas foi o que mais gostou, que na verdade, gostou de tudo o que foi realizado na atividade. Disse que aprendeu a fazer perguntas sobre o texto e a entrevistar.

#### 4.4.3 Módulo II – Conto: A Sombra. Autor: Hans Christian Andersen.

Apresentamos o conto “A Sombra” e pedimos que lessem em casa, atentando para as palavras desconhecidas, que tentassem compreendê-las em seu contexto ou pesquisassem os



seus significados em dicionários, na internet ou em pesquisa com pessoas mais próximas de sua convivência. Preparamos, previamente, um jogral falado para que alguns alunos apresentassem para a turma um pouco da história do dinamarquês Andersen e foi interessante quando reconheceram o autor de contos maravilhosos conhecidos por todos, como “O patinho feio”, por exemplo, como autor de contos fantásticos.

Fizemos a leitura compartilhada em sala de aula e a mediação tornou-se necessária no decorrer da leitura que foi mais difícil por causa da linguagem mais antiga, datada no século XIX.

Após ampla discussão, pedimos que todos fizessem a reescrita da história, conforme a interpretação que fizeram, porém mudando o foco narrativo para a primeira pessoa do discurso. O aluno deveria fazer a sua própria história como se fosse a sombra, partindo das impressões que tiveram da personagem e levando em conta as suas atitudes e sentimentos da personagem.

Após realizada a escrita, os textos foram compartilhados com os colegas e uma reescrita foi feita para que houvesse uma melhora nas convenções da escrita e no ajuste às características do gênero conto fantástico nos textos.

Mostraremos na figura 15 a reescrita do aluno C, em que o aluno/autor assume a autoria da história com a mudança do foco narrativo como primeira pessoa do discurso.

FIGURA 15 – Reescrita do conto “A sombra” feita pelo aluno C.

Eu a sombra e o meu dono sempre ficamos  
 grudados sempre crescendo ficando mais velhos  
 e tudo mais.

Eu fiquei quase a vida todo do lado  
 dele, mas quando ele viajou por um  
 país muito quente aí ficou ruim.

Ficamos numa casa exata sempre  
 e o meu dono não veio de lá  
 por isso ficou muito ruim, um dia ele  
 veio uma claridade no fundo chegou  
 perto do claridade e sumiu.

eu fiquei muito conformado por estivesse  
 lá por um lugar claro e logo quando eu  
 sei ele também não se isso foi indo.  
 eu fiquei assim, muito cansado de ser a  
 sombra dele, mas eu pensava que eu poderia  
 ser ele e ele ser eu, mas não.

Então saí para ele e foi pronto  
 alguns dias, ele morreu e eu fiquei com  
 a mulher que ele gostava.

! F i M ! !

Fonte: Da autora, 2019.

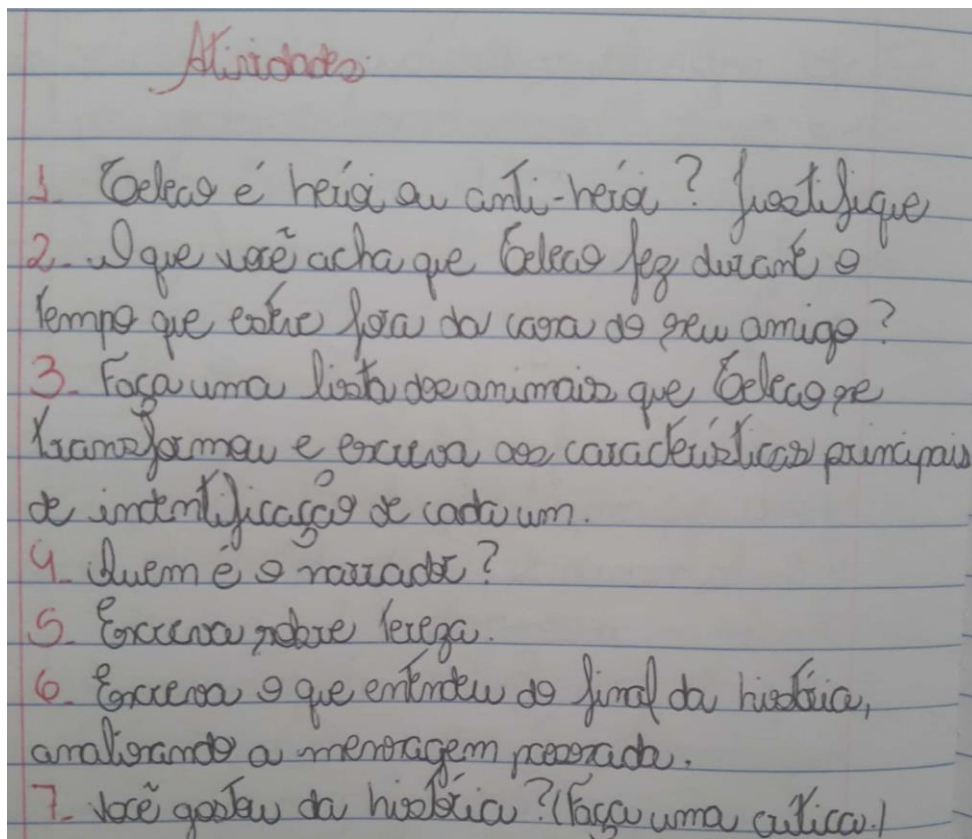
O aluno C cumpriu a proposta de reescrever a história em primeira pessoa do discurso sem maiores detalhes e impressões, não mostrou o ponto de vista da sombra, não escreveu o título e apresentou problemas ortográficos. Como a maioria dos alunos envolvidos, o aluno C apresentou dificuldades em realizar a atividade, talvez por não ter entendido muito bem o que foi lido ou por não conseguir ser empático o suficiente para mostrar outro ponto de vista relacionado aos fatos ocorridos.

#### 4.4.4 Módulo III – Conto: Teleco, o coelhinho. Autor: Murilo Rubião.

Os alunos fizeram leitura prévia, em casa e na aula, e ouviram a história por nós contada. Em seguida, pedimos que fizessem uma ilustração que demonstrasse o que entenderam. Os desenhos retratam, basicamente, o encontro de Teleco com o homem na beira da praia fumando um cigarro.

Alguns meninos questionaram a presença do cigarro na história, demonstrando um pouco de desprezo por essa atitude em especial. “Nossa, mostrando cigarro na escola!”, alguns disseram. Mas perceberam, ao final, que apesar do título ter uma conotação infantil o enredo trata de algo estranho e incompreensível para o leitor atento. Observaram os diversos temas colocados em discussão em especial quando se fala em ingratidão, quando o homem leva o coelhinho para a sua própria casa, mas recebe desprezo em troca. Fizemos algumas atividades com o intuito de provocar inferências através de observações mais atentas relativas ao desenrolar do enredo. Na figura 16, mostramos a atividade realizada pelo aluno F.

FIGURA 16 – Atividade realizada pelo aluno F de acordo com o conto “Teleco, o coelho”.



## Respostas

1. No começo era herói, mas depois que ele saiu da vida de seu amigo, e volta com Cazuza, ele fica sendo anti-herói.

2. Eu penso que ele deve ter ido em algum lugar onde era importante para ele, onde se transformando encontrou Cazuza.

3. Era um coelhinho cinzento e meio; em girafa e cavalo que galopava com garra e pela mancha; tigre e leão com uivar agudo e suas unhas; em peixe com um prudente malícia; uma pulga furiosa do do dedo correndo pela costela; em ave que possuía todas espécies de canções ou de zaga extinta; um congueu cheio de roupa mal alinhada; dha exondido no lado de ocular; uma preceira que pulava nos muros e cheia de arvo; em cachorro que saltava da favela; uma colina com vez

excessivamente tênua e triste; um pé com uma coroa com guizo; em pé de largate; até com lagrimas que escorriam dos seus pequenos olhos miúdos, que ficaram enormes na face de um hipopótamo; com um sorriso triste e por último em uma criança encardida, sem dentes morta.

4. O narrador é personagem, que é o amigo de Teleco.

5. Greza era namorada de Barbara, que o achava que valia muito a pena de não aceitar o pedido de casamento do amigo de Teleco, e que se transformava como ele.

6. Eu analisei os aspectos da história que também ocorrem na vida humana, pois a história fala que ele era bom, e depois não era mais, e no fim é com se ele pagasse por todo mal, pois ele perde tudo, até a vida, assim assim com as pessoas.

7. Sim, pois acho justo o que ocorreu. Teleco não estava certo agindo como ele estava, e no final ele acabou não comendo tudo, pois ele perde suas coisas, e morre.

Fonte: Da autora, 2019.

O aluno percebeu a mudança que ocorreu na aparente mudança de caráter da personagem Teleco, inicialmente herói e que se torna anti-herói logo depois. Com isso,

demonstrou dominar bem o conceito de herói e anti-herói que foi trabalhado oralmente durante a aula na atividade.

Na questão 2 das atividades: “O que você acha que Teleco fez durante o tempo que esteve fora da casa do seu amigo?”, o aluno respondeu que “deve ter ido em um lugar importante para ele, onde se transformando encontrou Tereza”. A resposta dada ao questionamento não demonstra que o aluno tenha realmente tentado imaginar onde Teleco estaria, como proposto na pergunta. Pode ser que não houve entendimento, problema que poderia ter sido sanado com formas variadas de mediação. O aluno relaciona os animais que aparecem na história e as características que identificam cada um, o que mostrou pesquisa atenta feita ao conto, cumprindo o objetivo de direcionar o aluno para um olhar mais atento aos detalhes dos acontecimentos. Escreveu que o narrador é o amigo de Teleco e sobre Tereza objetivamente.

Nas questões que pedem análise, o aluno F conclui mostrando o seu entendimento da moral da história como: coisas ruins aconteceram a Teleco por causa de suas más ações, relacionando causa e consequência.

#### 4.4.5 Módulo IV – Conto: A história de Willie, o vagabundo. Autor: Walter Scott.

Como nos outros contos fantásticos trabalhados, foram entregues fotocópias da história original para que os alunos fizessem uma leitura atenta em casa, observando os aspectos da linguagem para melhor entendimento. Durante as aulas que seguiram, convidamos os alunos que buscassem um lugar sossegado, dentro da escola para que pudessem ler atentamente. Neste momento, os alunos se espalharam pelo pátio, quadra de esportes, biblioteca, cantinho do muro, cantina, mesinha de lanche e outros lugares. E tiveram um momento restrito e bem aproveitado do leitor com o conto fantástico. Mesmo assim, depois de duas leituras individuais, tivemos a “roda de leitura” para conversarmos e socializarmos a leitura do conto em estudo através de uma roda de conversa. Os alunos demonstraram muitas dúvidas, muitos disseram que não entenderam o que a história queria dizer, por causa da linguagem rebuscada e do ambiente em que a história ocorreu, lugares e costumes totalmente alheios à realidade de alguns alunos.

No momento da escolha do conto fantástico de Walter Scott prevíamos as dificuldades devido ao grau mais elevado de exigência leitora devido à linguagem rebuscada e antiga, mas pensávamos que o ambiente carregado de suspense seria a atração suficiente para despertar o interesse do leitor em formação e que seria importante o contato com uma obra de

nível elevado e clássica. Relataram que a leitura foi difícil e que mesmo com todo o trabalho de mediação que foi feito, realmente não gostaram da história. Observamos que o encerramento do ano já estava se aproximando e que talvez por este motivo os alunos já não demonstraram o interesse e o ânimo do início da sequência básica.

Mesmo assim, programamos uma gincana entre duas equipes, uma equipe composta pelos meninos e uma equipe composta pelas meninas da classe. Cada equipe formulou dez perguntas para a equipe opositora e a equipe feminina acertou mais questões, vencendo a gincana. As perguntas foram bem formuladas e houve envolvimento por parte de todos os alunos das equipes. Havíamos programado uma escrita da história, com apreciação individual, mas percebemos que os alunos já estavam desinteressados e que atividades escolares que se acumularam na finalização do bimestre (feira de ciências, feira literária, provas bimestrais, trabalhos de outras disciplinas) resolvemos não fazer esta parte da atividade.

#### 4.4.6 Produção final e culminância da sequência básica com o lançamento do livro de contos fantásticos da turma.

Ao finalizar os módulos da sequência básica passamos para a fase final, quando voltamos à primeira produção. Quando os alunos escreveram a história que ouviram em casa e contaram no “Sarau fantástico”, deixamos o texto e passamos para a realização de estudos e do conhecimento de alguns contos fantásticos com a finalidade de proporcionar experiências de leitura para o aluno/autor do conto fantástico. Chegou a hora de reescrever a história inicial porque, segundo Ruiz (2015), quando o aluno refaz, reescreve, reelabora, reestrutura, retextualiza, enfim, revisa o próprio texto, em função de uma correção escrita feita pelo professor, a nova versão consiste, geralmente, numa reescrita de todo o texto.

Assim, os alunos leram as redações escritas inicialmente e reescreveram. Pedimos que lessem para a família e mostrassem para os colegas mais próximos para que sugerissem melhoras, o que foi produtivo e o envolvimento de todos repercutiu em melhoras nos textos. Logo após, fizemos correções ortográficas e estruturais. Em seguida, preparamos a confecção do livro de contos fantásticos da turma contendo todas as redações escritas pelos alunos envolvidos na pesquisa. Em conjunto, escolhemos o título: Contos fantásticos do sétimo ano. Achamos que a palavra “sétimo” apresenta certa conotação de suspense porque lembra costumes e superstições como por exemplo: missa de sétimo dia, crise dos sete anos, no sétimo dia recém-nascido não pode receber visitas e outras coisas que envolvem o imaginário popular. Segue imagem com a capa do livro na figura 17.



FIGURA 17 – Capa do livro “Contos fantásticos do sétimo ano”



Fonte: Da autora, 2019.

Preparamos também a noite de lançamento do livro e convidamos os alunos e as respectivas famílias para a sessão de autógrafos. Na figura 18, mostramos o ambiente preparado para o evento.

FIGURA 18 – Cenário preparado para a “Noite de autógrafos fantástica”



Fonte: Da autora, 2019.

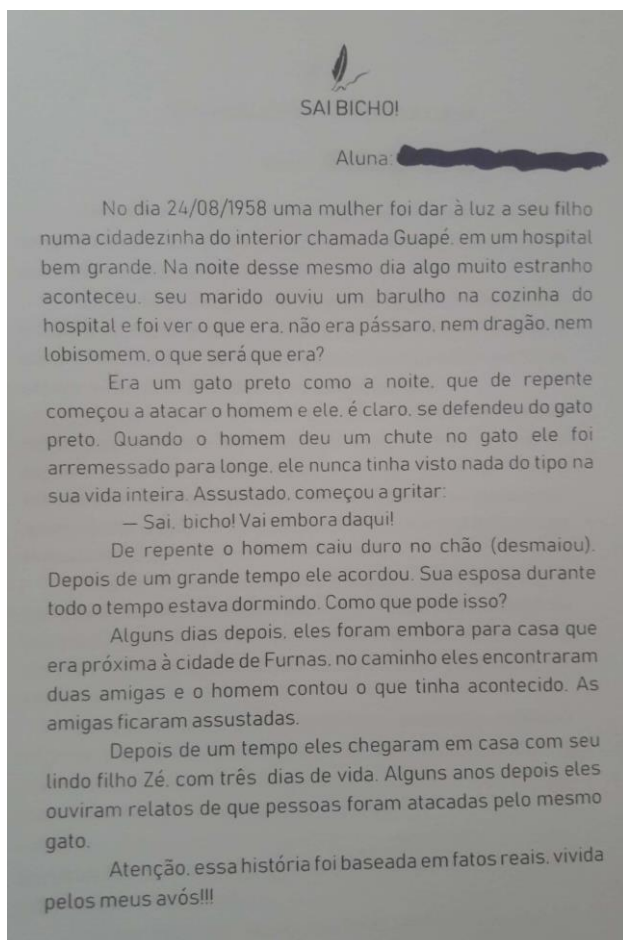
Fizemos o mural de fundo com a reprodução da capa do livro, colocamos uma estante onde os livros ficaram em destaque e a mesa central serviu para que os alunos se posicionassem, juntamente com os amigos e familiares para o autógrafo.

Foi uma noite agradável em que o diretor fez o acolhimento; como professora, falei sobre o desenvolvimento da pesquisa e agradei a todos que se envolveram, especialmente aos alunos. Logo em seguida, cada aluno falou algo sobre como foi participar e passamos para a sessão dos autógrafos. No final, houve uma pequena confraternização com salgadinhos e refrigerantes.

Avaliamos positivamente a culminância, em especial pelo envolvimento de toda a comunidade escolar, tão importante no desenvolvimento do aluno. Pensamos especialmente no incentivo à leitura, objetivo almejado desde o início da pesquisa. Os alunos se sentiram envolvidos e valorizados em um ambiente leitor que teve como resultado um livro contendo as suas produções escritas.

Propomos aqui a observação do texto final dos alunos, observando as modificações ocorridas, considerando a proposta que fizemos de reescrita da produção inicial para a verificação do resultado da pesquisa. Na figura 19 mostramos a produção final do aluno A.

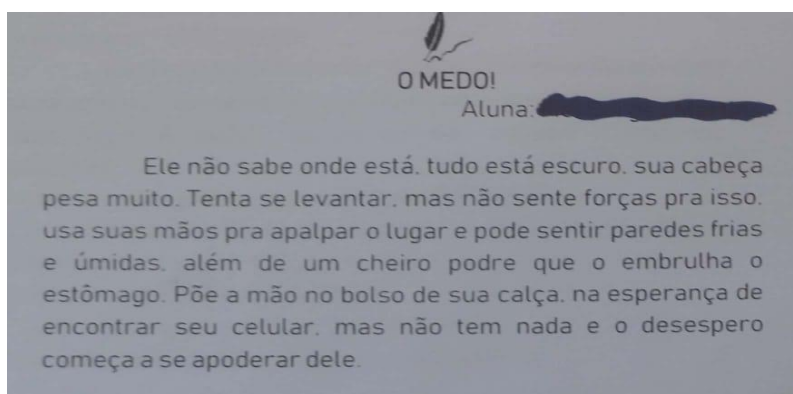
FIGURA 19 – Produção final do aluno A.



Fonte: Da autora, 2019.

Ao analisarmos a produção do aluno, pudemos perceber um pouco mais de detalhamento quando um diálogo foi incluído, o animal estranho foi modificado de unicórnio para gato preto e um aviso para os leitores dizendo que a história foi baseada em fatos reais, o que trouxe uma modificação da terceira para a primeira pessoa do discurso. Observamos a seguir, na figura 20, a produção final do aluno B.

FIGURA 20 – Produção final do aluno B.



- Tem alguém aqui? - Pedro diz em voz alta, mas o silêncio predomina.

Não sabe quanto tempo dormiu, não sabe se está de noite ou de manhã e aos poucos tenta se levantar, mas suas forças desaparecem. Ouve um barulho que o assusta, isso o mantém acordado, um suor escorre pela sua nuca e o temor começa devorá-lo.

- Alguém está aqui? - Pergunta novamente Pedro e dessa vez, uma voz responde.

- Pedro... É você? - A voz é da mesma garota que conheceu em um bar, mas ele não consegue se lembrar o nome dela.

- Sou eu. Sabe como viemos parar aqui? - Pedro ficava cada vez mais zozno e aos poucos o nome vem em sua mente: Emily.

- Não sei... - a voz dela soa triste e aos poucos ele ouve um choro abafado.

- Fica calma e presta atenção em mim, Emily, vamos sair desse lugar, eu te prometo. - Diz Pedro.

- Que lugar é esse Pedro? Está muito escuro onde você está.

- Siga minha voz, Emily, vem!

- Não sinto minhas pernas. - Emily fala assustada, com voz baixa.

- Calma, eu vou até você, só continue falando para eu te encontrar. - Fala Pedro.

Pedro tenta se levantar, mas seu cérebro não obedece suas ordens, começa a rastejar como uma cobra pelo chão frio. "Que lugar é esse?", pensa consigo mesmo e continua seguindo.

- Emily, fala alguma coisa! - Diz Pedro.

Pedro sussurra sem saber que direção seguir, mas o silêncio predomina no recinto. Sem resposta fica confuso e continua se rastejando em frente.

Para ao ouvir um barulho alto de carne esmagada, mas não consegue ver o que está acontecendo.

O medo o cobre e aos poucos ele começa a se afastar tentando ficar longe do que está à frente, mas algo gelado toca em minha perna me arrastando para a direção contrária que seguia.

Tenta se soltar, só que aquilo é mais forte, então, sem enxergar nada chuto o vazio e escuto um som de riso demoníaco.

- Quem é você? - Pergunta Pedro se arrepiando de medo.

- Eu sou o Medo. Me alimento de seu desespero e da sua carne. Todos que me temem sofrem eternamente. - A criatura dá risada e Pedro pensa: "Sinto seus dentes abocanhando minha pele".

Ele grita, mas ninguém o ouve. Sente seu corpo rasgando, a dor é insuportável. Algo quente começa a escorrer pela roupa dele e sente seus membros sendo arrancados de uma vez, tudo se apaga.

Ele acorda assustado, percebe que tudo não passa de um sonho. Aliviado, respira fundo e nota que está na sua cama, em seu quarto. Volta a pensar em Emily, suas memórias sobre ela ficam cada vez mais claras, estavam namorando, porém, quando tenta se levantar, não consegue, vê que algo está faltando: "- Minhas pernas não estão aqui! E entra em desespero.

- Amanhã eu volto. - A voz do Medo fala no ouvido de Pedro e ele chora desejando a morte.

Pedro depois de perceber que suas pernas não estão ali, descobre que o que aconteceu na noite passada era verdade, pois era única explicação, já se esperava!

Mais tarde Emily vai até a casa de Pedro com flores, ela entra no quarto e o abraça, perguntando como ele se sente. Pedro desesperado já conta do sonho para Emily e ela sem entender nada pergunta:

- Amor, tem certeza que você não bateu a cabeça no acidente? (Risos de Emily).

- Que acidente? (Pergunta Pedro).

- O acidente com o carro, Pedro, que você sofreu na noite passada, foi até para o hospital, não acordava, os médicos só te deram alta porque tinham certeza que não tinha afetado nada, a cirurgia foi feita, acordou hoje, seu irmão me ligou, e vim te ver. - Explicou Emily.

- Então tudo não passava de um sonho!?

- O que, Pedro?

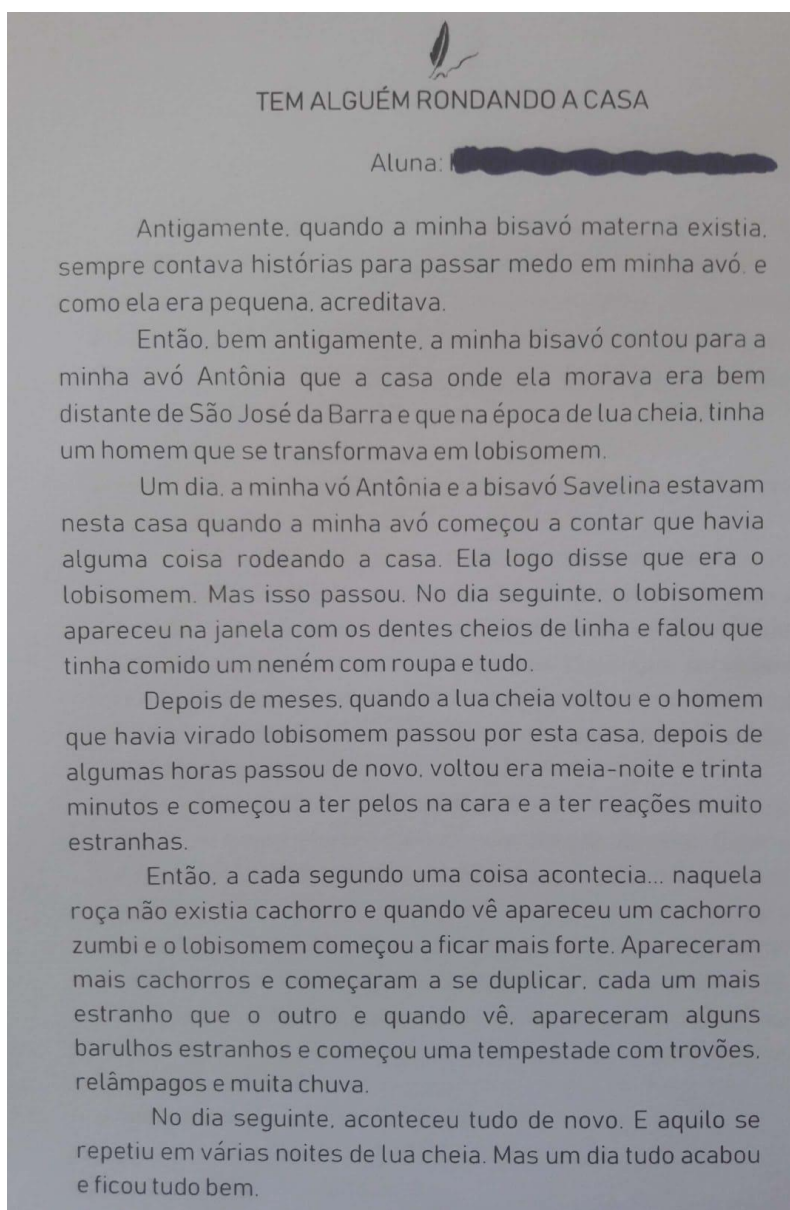
- Nada não, esquece.

Emily concorda e vão almoçar.

Verificamos que a produção inicial coincidiu com a produção final, com pequenas correções. Foi criada uma atmosfera de suspense e de mistério que o aluno manteve ao longo do texto; porém, ao final, uma explicação real é possível desde o momento que se descobre que tudo o que Pedro, o personagem principal, aparentemente viveu de enigmático foi apenas um sonho. Esta explicação descaracteriza o conto como sendo fantástico e abre a possibilidade de uma futura modificação no desfecho para que algo estranho se mantenha e o leitor possa fazer um acordo tácito com a história, aceitando ou não o estranhamento deixado pelo autor.

Na sequência, verificamos também a produção final do aluno C na figura 21.

FIGURA 21 – Produção final do aluno C.

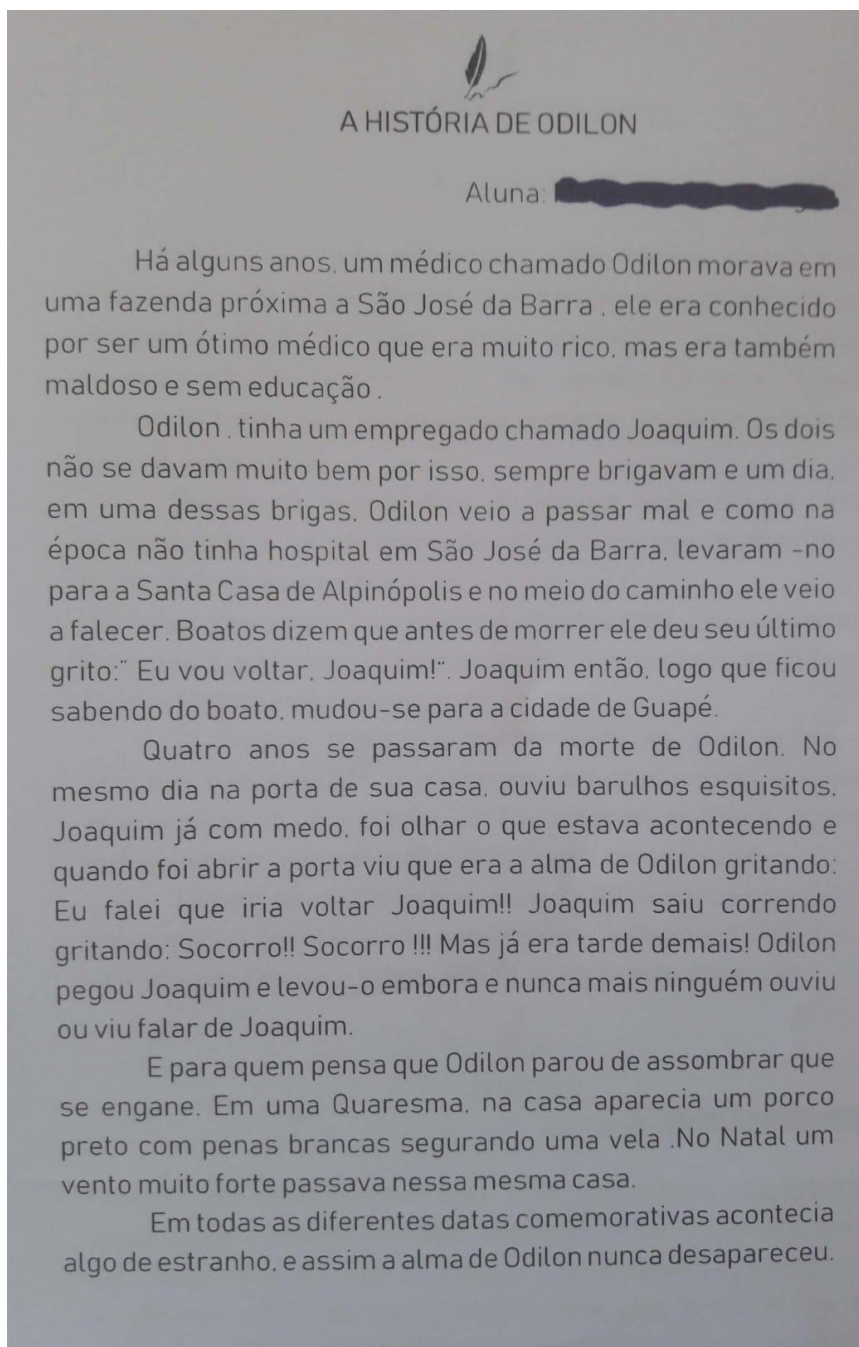


Fonte: Da autora, 2019.

Na produção do aluno C, observamos que a mesma história é contada, modificando apenas o momento final do conto. O suspense se manteve, mas na última produção o desfecho se tornou incerto, o que o caracterizou melhor como sendo conto fantástico.

A produção final do aluno D foi transcrita a seguir para observarmos as mudanças ocorridas desde a produção inicial que aconteceu no início da sequência didática.

FIGURA 22 – Produção final do aluno D.

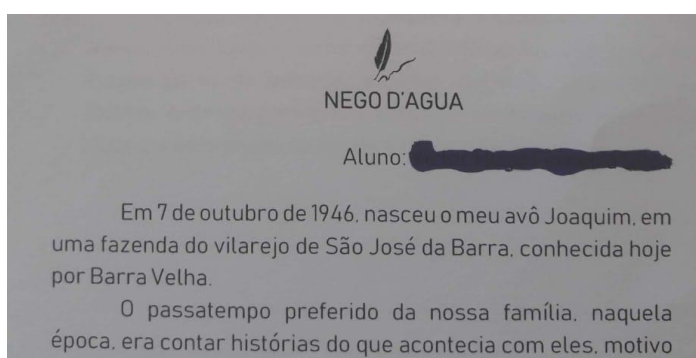


Fonte: Da autora, 2019.

Percebemos que houve uma mudança em toda a história do aluno D, mantendo o personagem principal que é Odilon, o aluno explicou que havia variadas histórias que envolviam o antigo morador da cidade e que ele resolveu trocar a história. O que a aluna propôs fugiu um pouco da atividade que propomos, mas levamos em conta que as duas escritas estão de acordo com as características do conto fantástico, o que os tornou interessantes, enriquecedores e pensamos também em respeitar a criatividade do aluno D.

E finalizando as atividades, observamos a produção final do aluno E na figura 23.

FIGURA 23 – Produção final do aluno E.





que levava a todos se reunirem para uma roda de conversa durante a noite.

Em uma destas noites, Oliveira, que era tio do meu avô, foi pescar e quando estava no meio do rio Sapucaí, percebeu que alguma coisa estava se mexendo a canoa, querendo virá-la. Oliveira pegou um facão que tinha e bateu na mão daquele bicho horrroso, conhecido como Nego D'água que vivia no rio e se alimentava de carne.

Manifestou-se com sua gargalhada, era um ser de pelo escuro que em quase tudo, se parece com um rapaz atlético. A cabeça é careca e as orelhas são pontudas. Os pés e as mãos tinham garras afiadas e, entre os dedos, existiam membranas, como as que a gente vê nas patas dos sapos. Viviam como se fossem peixes no rio e sentavam-se nas pedras no meio do rio para se aquecerem no sol.

Oliveira, depois de quase tragédia e muito assustado do que nunca havia visto uma criatura dessas de perto, retornou para a sua casa apavorado e com os dedos do Nego D'água em sua canoa. Quando chegou, contou tudo o que aconteceu e mostrou os dedos da criatura a todas as pessoas que encontrava.

Muitos moradores e vizinhos, começaram a observar e viram o Nego D'água nas pedras no meio do rio e comendo.

Um dia, Oliveira foi muito corajoso, pensou em montar uma armadilha mas como antigamente não tinha muito recurso, ele decidiu de colocar veneno no peixe e dar para ele.

E então ele foi, mas de repente, a canoa começou a se mexer e ele jogou o peixe envenenado na água, logo o Nego D'água parou de balançar a canoa, pegou o peixe e sumiu. Depois, a canoa começou a balançar novamente e ninguém mais soube notícias de Oliveira.

Fonte: Da autora, 2019.

O aluno E escreveu sobre um costume dos seus avós de fazerem “rodas de conversa” onde contavam histórias à noite e tentou reproduzir uma delas envolvendo a figura folclórica do nego d'água. Observamos nos dois textos, uma mudança do final da história e que na produção final a escrita se tornou mais sucinta do que a produção inicial. Porém, ambas conservaram o que foi proposto e mantêm o caráter fantástico das histórias.

Em análise geral, avaliamos todo o trabalho como produtivo no sentido de cumprir o que foi proposto. Os alunos tiveram a oportunidade de experienciarem atividades de leitura diferentes do que tem sido pedido em sala de aula, como aconselha Kleiman (2016, p. 43), evitando abordagens rígidas, fixas, previsíveis, pois a leitura é uma atividade individual. Conheceram melhor o gênero conto fantástico e segundo Roas (2011, p. 45) a participação do leitor é fundamental para a existência do fantástico e diz também Cosson que o envolvimento do leitor promove a construção literária dos sentidos e com tudo isso, podemos afirmar que os alunos se desenvolveram no sentido de formação leitora.

A sequência didática que propomos foi aceita pelos alunos com seriedade e cada etapa foi cumprida com empenho e cuidado. O que consideramos mais importante foi o fato de que as leituras foram realmente realizadas, não como codificação de letras, mas exploradas, interpretadas e provocaram inferências por parte dos participantes da pesquisa.

Por tudo isso, avaliamos que trabalhar língua portuguesa através de sequência didática torna-se um recurso eficaz pelo fato de modificar a rotina da sala de aula. O livro didático é deixado de lado para dar lugar ao que o aluno considera novidade porque não sabe ao certo qual será a próxima atividade proposta pelo professor. Zilberman (2003, p. 258) diz que a leitura de literatura tem se tornado cada vez mais rarefeita no âmbito escolar e a sequência didática trabalhada na presente pesquisa proporcionou contato direto do aluno com o texto literário no contexto escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando definimos que, em atendimento ao objetivo do PROFLETRAS, intentaríamos um estudo, que de alguma forma, viesse a contribuir para a ampliação da competência leitora do aluno do 7.º ano do Ensino Fundamental, logo optamos pelo gênero conto fantástico como incentivador da leitura e objeto de investigação. Assim, apresentamos algumas justificativas para a escolha desses objetos, mas ressaltamos especialmente a importância de buscar o que fosse chamar a atenção e despertasse a vontade de ler.

Partimos, então, para a constatação empírica, através da pesquisa usando um questionário com questões abertas e fechadas, de quais experiências leitoras foram vivenciadas até o início da pesquisa, qual o pensamento geral dos alunos a respeito de leitura e qual a convivência com a linguagem verbal escrita que possuíam. A partir de maior conhecimento do público a ser pesquisado, buscamos um *corpus* que fosse ao encontro do objetivo proposto.

A opção de envolver o conto fantástico nas leituras oferecidas, veio ao encontro da manifestação de interesse pelo suspense e pelo terror, que observamos ter um atrativo especial entre os adolescentes que participaram da pesquisa. Diante da diversidade de contos fantásticos e de autores importantes que os escreveram, optamos por quatro contos e a partir deles criamos uma sequência didática.

Pensando como se torna difícil desenvolver a leitura em um público adolescente que se encontra tão envolvido em redes sociais, séries, programas televisivos e jogos, precisaríamos de algo que chamasse a atenção e despertasse o interesse do aluno. Sendo assim, acreditamos que o desenvolvimento de sequência didática de literatura possa ser uma das melhores estratégias para o professor abordar o texto literário com objetivos definidos.

Acreditamos que a escolha do gênero conto fantástico contribuiu para que cada estudante pudesse se envolver e, com isso, trazer experiências vividas para busca de entendimento e apreensão de significados. O trabalho deu importância à mediação do professor especialmente falando-se em leitura literária por causa da linguagem pouco conhecida e estudada pelo aluno de Ensino Fundamental. Durante o desenvolvimento da sequência didática, também optamos pelas rodas de conversa, pela representação teatral, jogral falado, desenho, gincana literária e reescrita dos contos, ou seja, realizamos diversas atividades integradoras tendo o texto fantástico como motivador. Todas as atividades citadas foram feitas após a leitura dos contos fantásticos como diferentes formas de aprofundar os conhecimentos adquiridos.

O envolvimento da comunidade escolar foi relevante na realização do trabalho porque deu à leitura o verdadeiro valor. Quando os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar as suas leituras em horário de aula, puderam dar a ela a verdadeira importância. Porque deixar o livro didático, os exercícios gramaticais e ortográficos para ler e fazer atividades “diferentes”? Por que professores dedicarem suas pesquisas para o ato de ler? São questionamentos que vão ao encontro de algo comum nas pesquisas acadêmicas (problemas de leitura, o texto literário nas escolas) e talvez distantes dos bancos escolares, dos estudos de língua portuguesa.

Os trabalhos que envolveram a escrita dos alunos puderam propiciar um intenso trabalho de organização e de associação de ideias, desenvolveram textos a partir de histórias que ouviram e associá-las ao próprio imaginário. Sem deixar de lado a parte estrutural da linguagem, o que foi trabalhado durante todo o tempo com reescrita e atividades escritas relacionadas aos contos estudados.

O momento de finalização da sequência didática foi marcante por causa da presença da família na escola. Reunimos todos os textos em um livro de contos fantásticos com autoria dos alunos e preparamos uma sessão à noite para lançamento do livro da turma. Sentimos que os alunos viram a valorização de seus trabalhos e, em especial, de suas leituras.

Por tudo isso, concluímos a pesquisa com êxito na proposta de intervenção na escola e com a certeza que o conto fantástico na formação do leitor é importante, incentivador e que todo o trabalho que tivemos de estudo e preparação valeu e sempre valerá à pena. O letramento literário pode ter lugar amplo no ensino de língua portuguesa porque é fundamental desenvolver a leitura de obras literárias e, mais ainda, a leitura do conto fantástico precisa participar como incentivadora e digna de outros estudos no âmbito escolar, especialmente do público adolescente que busca algo que chame a sua atenção.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARBOSA, Juliana B.; BARBOSA, Marinalva V. (Orgs). **Leitura, literatura e mediação: professores: formação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. v. 2

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos – língua portuguesa**. Brasília: MEC, SEF, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio às Redes de Educação Básica. Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Diretoria de Ações Educacionais. Coordenação-Geral do Programa do Livro. **Língua portuguesa: <PNLD2018> guia de livros didáticos: ensino médio**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017. 109p. Disponível em: <<http://www.fnede.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/11148-guia-pnld-2018>>. Acesso em: 3 jan. 2019.

CALVINO, Ítalo. (Org.) **Contos fantásticos do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHARTIER, Roger. Comunidade de leitores. In: CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da UNB, 1994. p. 11-31.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

DALVI, Maria A.; REZENDE, Neide L. de.; FALEIROS, Rita J. (Org.) **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DIAS, André; FERES, Beatriz dos S.; ROSÁRIO, (Org.) **Leitura e formação do leitor: cinco estudos e um relato de experiência**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016.

FERNANDES, Eliane M. da F.; SOUSA FILHO, Silval M. de. (Org.) **Leitura: ações de mediação pedagógica**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

FREITAS, Maria T. A. A internet na escola: desafio para a formação de professores. In: COSTA, A. M. C. (Org.) **Cabeças Digitais: o cotidiano na era da informação**. Campinas: Loyola, 2006.

FULGÊNCIO, Lúcia; LIBERATO, Yara. **É possível facilitar a leitura**. São Paulo: Contexto, 2007.

GARCIA, Flávio; MOTTA, Marcus A. **O insólito e seu duplo**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2009.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. 4. ed. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

GOTLIB, Nádya B. **A teoria do conto**. Série Princípios, 2. ed. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. **Clarice, uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal. **Sociologia da leitura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34, 1976-1999. v. 2.

JAUSS, H. R. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis. In: LIMA, Luis (org.). **A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002

KIEFER, Charles. **A poética do conto: de Poe a Borges – um passeio pelo gênero**. São Paulo: Leya, 2011.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 2016.

\_\_\_\_\_. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 9. ed., 2004.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy E. (Org.) **O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação**. Pelotas, RS: Educat, 1999.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da leitura: uma perspectiva sociolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina: Porto Alegre, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. COSTA, C. I. da( Trad.), 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA, Elvira de Souza. **Desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ed. Sobradinho, 1998.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?** São Paulo: Globo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Amor literário: dez instigantes roteiros para você viajar pela cultura letrada**. Rio de Janeiro: Ler & Cultivar editora, 2017.

MAGALHÃES, Izabel (Org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. 1. ed. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2012.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira (Org.). **Desenvolvendo a habilidade de leitura**. Belo Horizonte: Editora UFMG 2005.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

ROAS, David. **A Ameaça do fantástico: aproximações teóricas / David Roas; tradução Julián Fuks**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. **A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas**. Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2008.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Penso, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VEIGA, Ilma Passos A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

\_\_\_\_\_. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Alea: Estudos Neolatinos** [online], Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.85-97, jan./jun. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100006>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v10n1/v10n1a06.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, v. 14, p. 11-22, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/va.v0i14.50376>. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO SOBRE HÁBITOS DE LEITURA

Idade: \_\_\_\_ (anos)

Sexo: ( ) masculino

( ) feminino

#### RESPONDA:

1. Assinale o período em que você estuda. (a) Matutino (b) Vespertino

2. Assinale o local onde você mora. (a) Zona Rural (b) Zona Urbana

3. Quantos livros você tem em casa. (a) \_\_\_\_\_ (b) Não tem

4. Quantas revistas você tem em casa. (a) \_\_\_\_\_ (b) Não tem

5. Quantos Jornais você tem em casa. (a) \_\_\_\_\_ (b) Não tem

6. Você tem internet em casa. (a) Sim (b) Não

7. Você gosta de ler? ( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

8. Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:

( ) Ler apenas o início

( ) Ler metade

( ) Ler até o final

( ) Só olhar a capa e as figuras

9. Qual livro você mais gostou? Por que?

R.:

---

Porque

---



---

10. Que revista você gosta de ler?

R.:

---



Porque \_\_\_\_\_

---

**11.** Escreva três assuntos ou temas sobre os quais você prefere ler.

R. \_\_\_\_\_

---

**12.** Se você escrevesse um livro, que tema escolheria?

R:

---

**Indique duas alternativas que representam como você seleciona sua leitura:**

**13.** Você procura um livro para ler:

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> por iniciativa própria    | <input type="checkbox"/> por indicação do professor   |
| <input type="checkbox"/> por indicação de um amigo | <input type="checkbox"/> pelo título ou nome do livro |
| <input type="checkbox"/> pela capa e figuras       | <input type="checkbox"/> quando ganha de presente     |
| <input type="checkbox"/> outra forma de seleção:   |   |
- 

**14.** Nas suas horas de folga o que você mais faz é:

- |                                    |   |                                    |
|------------------------------------|---|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> brincar   | <input type="checkbox"/> assistir TV      | <input type="checkbox"/> ler       |
| <input type="checkbox"/> trabalhar | <input type="checkbox"/> praticar esporte | <input type="checkbox"/> descansar |
| <input type="checkbox"/> outro:    |   |                                    |
- 

**15.** Você considera que o seu tempo dedicado a leitura é:

- a)  suficiente                      b)  insuficiente

**16.** O que mais dificulta seu hábito de ler?

- a)  tempo  
b)  lentidão na leitura  
c)  dificuldade de uso da biblioteca  
d)  Outros:
-

**17.** Você acha que ler é importante? Por que?

---

---

---

**18.** Qual a sua melhor experiência com os livros e a leitura?

---

---

---

---

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

**Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
Ministério da Educação  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba – MG  
Rua Madre Maria José, 122 – Abadia - 38025-100-Uberaba-MG - Telefax (0\*\*34)3318-5776 - E-**

### TERMO DE ESCLARECIMENTO – VOLUNTÁRIO

TÍTULO DA PESQUISA: O conto fantástico na formação do leitor.

Convidamos você a participar da pesquisa: O conto fantástico na formação do leitor. O objetivo é verificar a eficácia do conto fantástico na formação de um futuro leitor a partir da abordagem e estudo nas aulas de língua portuguesa do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade São José da Barra. Sua participação é importante, pois a partir desse estudo, objetivamos despertar o interesse dos alunos pela leitura, já que a literatura é parte essencial da educação e a escola é o lugar ideal onde a criança, ou o adolescente, deve receber o maior incentivo para desenvolver o interesse pelos livros. Para escolher o corpus dessa pesquisa, partimos do que é de interesse do aluno, principalmente o que possa lhe causar satisfação no processo de leitura. Caso você aceite participar, será necessário o trabalho com a sequência didática que preparamos envolvendo a leitura e a produção de contos fantásticos e tem em vista as abordagens convencionais sobre esse assunto, a saber: comentários sobre a estrutura desse gênero, a sua divisão tradicional em introdução, desenvolvimento e conclusão, presença ou não de *Flashback*, a necessidade de se despertar a criatividade e a esfera de suspense ao longo do texto, etc. Num segundo momento, será introduzido aos alunos o contato com diferentes histórias clássicas a fim de que o aprendiz se familiarize com seu estilo e estrutura, e se interesse em fazer leituras cada vez mais eficientes para a sua vivência escolar e mesmo como formação humana. Algumas atividades de pesquisas sobre histórias contadas no meio familiar serão propostas para que a produção dos textos dos alunos se tornem mais ricas no sentido de apresentar a cultura popular de contar histórias e relacioná-las aos contos fantásticos em estudo. Serão também desenvolvidos exercícios de análises e de interpretações dos contos que serão apresentados através do ato de contar histórias feito pela professora, exibição de filmes, técnicas de dramatização, diálogos das histórias, mímicas, entrevistas com personagens das histórias, leituras meditativas, memorizações das histórias e por fim, a culminância com o lançamento do livro de contos fantásticos da turma. Pretendemos fazer o encerramento do projeto com um evento de contação de histórias onde a família será convidada e haverá autógrafos dos autores nos livros produzidos. O corpus a ser utilizado será “A sombra” de Ans Cristian Andersen, “Teleco, o coelhinho” de Murilo Rubião, “Pedro, João e José” de Ricardo Azevedo e “A história de Willie, o vagabundo” de Walter Scott. O local de realização da sequência didática será a Escola Estadual “Dr. Juscelino Kubitschek” e terá um tempo estimado de 32 módulos/aula com previsão de início em agosto de 2018. Os riscos desta pesquisa são o desinteresse recusa ou mesmo a negação de algum aluno no desenvolvimento do projeto por motivo de não autorizada a participação, para minimizar os riscos serão tomadas as seguintes providências, as atividades serão propostas a todos os alunos indiscriminadamente, porém somente serão utilizados na pesquisa os trabalhos em que houver autorização do responsável legal pelo aluno, mediante do “Termo de assentimento livre, após esclarecido” devidamente assinado e documentado. Espera-se que de sua

participação na pesquisa resulte efetiva contribuição para uma melhora significativa do processo de formação leitora por meio do conto fantástico. Você poderá obter quaisquer informações relacionadas a sua participação nesta pesquisa, a qualquer momento que desejar, por meio dos pesquisadores do estudo. Sua participação é voluntária, e em decorrência dela você não receberá qualquer valor em dinheiro. Você não terá nenhum gasto por participar nesse estudo, pois qualquer gasto que você tenha por causa dessa pesquisa lhe será ressarcido. Você poderá não participar do estudo, ou se retirar a qualquer momento, sem que haja qualquer constrangimento junto aos pesquisadores, ou prejuízo quanto a notas ou conceitos avaliativos, bastando você dizer ao pesquisador que lhe entregou este documento. Você não será identificado neste estudo, pois a sua identidade será de conhecimento apenas dos pesquisadores, sendo garantido o seu sigilo e privacidade. Você tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que você sofra em decorrência dessa pesquisa.

### **TERMO DE ESCLARECIMENTO – RESPONSÁVEL LEGAL**

**TÍTULO DA PESQUISA:** O conto fantástico na formação do leitor.

Convidamos o indivíduo sob sua responsabilidade a participar da pesquisa: O conto fantástico na formação do leitor. O objetivo desta pesquisa é incentivar a formação de um futuro leitor a partir da abordagem e estudo dos contos fantásticos nas aulas de língua portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade São José da Barra. A participação é importante, pois a partir desse estudo, objetivamos despertar o interesse dos alunos pela leitura, já que a literatura é parte essencial da educação e a escola é o lugar ideal onde a criança, ou o adolescente, deve receber o maior incentivo para desenvolver o interesse pelos livros. Para escolher o corpus dessa pesquisa, partimos do que é de interesse do aluno, principalmente o que possa lhe causar satisfação no processo de leitura. Caso você aceite que ela(e) participe desta pesquisa será necessário que ela(e) participe das atividades propostas em sequência didática envolvendo a leitura e produção de contos fantásticos, tendo em vista as abordagens convencionais sobre esse assunto, a saber: comentários sobre a estrutura desse gênero, a sua divisão tradicional em introdução, desenvolvimento e conclusão, presença ou não de *Flashback*, a necessidade de se despertar a criatividade e a esfera de suspense ao longo do texto, etc. Num segundo momento, será introduzido aos alunos o contato com diferentes histórias clássicas afim de que o aprendiz se familiarize com seu estilo e estrutura, e se interesse em fazer leituras cada vez mais eficientes para a sua vivência escolar e mesmo como formação humana. Algumas atividades de pesquisas sobre histórias contadas no meio familiar serão propostas para que a produção dos textos dos alunos se tornem mais ricas no sentido de apresentar a cultura popular de contar histórias e compará-las aos contos fantásticos em estudo. Serão também desenvolvidos exercícios de análises e de interpretações dos contos que serão apresentados através do ato de contar histórias feito pela professora, exibição de filmes, técnicas de dramatização, diálogos das histórias, mímicas, entrevistas com personagens das histórias, leituras meditativas, memorizações das histórias e por fim, a culminância com o lançamento do livro de contos fantásticos da turma. Pretendemos fazer o encerramento do projeto com um evento de contação de histórias onde a família será convidada e haverá autógrafos dos autores nos livros produzidos. O corpus a ser utilizado será “A sombra” de Ans Cristian Andersen, “Teleco, o coelhinho” de Murilo Rubião, “Pedro, João e José” de Ricardo Azevedo e “A história de Willie, o vagabundo” de Walter Scott, o local será a E. E. Dr. Juscelino Kubitschek com tempo estimado de 32 módulos/aula na data de início em agosto de 2018. Os riscos desta pesquisa são o desinteresse ou mesmo a negação de algum aluno no desenvolvimento do projeto por motivo de não autorizada a participação, para minimizar os riscos serão tomadas as seguintes medidas: as atividades serão propostas a todos

os alunos indiscriminadamente, porém somente serão utilizados na pesquisa os trabalhos em que houver autorização do responsável legal pelo aluno, mediante do “Termo de assentimento livre, após esclarecido” devidamente assinado e documentado. Espera-se que da participação do indivíduo sob sua responsabilidade na pesquisa resultará para ela(e) uma melhora significativa do processo de formação do aluno leitor por meio do conto fantástico. Você e o indivíduo sob sua responsabilidade poderá obter quaisquer informações relacionadas a participação dela(e) nesta pesquisa a qualquer momento que desejar por meio dos pesquisadores do estudo. Sua participação é voluntária, e em decorrência dela você não receberá qualquer valor em dinheiro. Você não terá nenhum gasto por participar nesse estudo, pois qualquer gasto que você tenha por causa dessa pesquisa lhe será ressarcido. Você poderá não participar do estudo, ou se retirar a qualquer momento, sem que haja qualquer constrangimento junto aos pesquisadores, ou prejuízo quanto a notas ou conceitos avaliativos, bastando você dizer ao pesquisador que lhe entregou este documento. Você não será identificado neste estudo, pois a sua identidade será de conhecimento apenas dos pesquisadores da pesquisa, sendo garantido o seu sigilo e privacidade. Você tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que você sofra em decorrência dessa pesquisa.

Contato dos pesquisadores:

**Pesquisadores:**

Nome: Sandra de Oliveira Machado Vilela (Mestranda do Profletras)

E-mail: [sandramachado78@hotmail.com](mailto:sandramachado78@hotmail.com)

Telefone: (35) 99989-1169

Endereço: Avenida Barra Velha, 360 – Residencial Eldorado – São José da Barra, MG.

Nome: Acir Mário Karwoski (Orientador)

E-mail: [acir.karwoski@uftm.edu.br](mailto:acir.karwoski@uftm.edu.br)

Telefone: (34) 99115-5585 / 3700-6935

Endereço: Avenida Getúlio Guaritá, 159 sala 313 - CEP 38.025-440 – Uberaba - MG

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3700-6776, ou no endereço Rua Madre Maria José, 122, Bairro Nossa Senhora da Abadia – Uberaba – MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 11:30 e das 13:00 às 17:30. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto a sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

**TERMO DE ASSENTIMENTO E CONSENTIMENTO LIVRES, APÓS  
ESCLARECIMENTO**

TÍTULO DA PESQUISA: O conto fantástico na formação do leitor.

Eu, \_\_\_\_\_ e o indivíduo sob minha responsabilidade, voluntário a participar dessa pesquisa, lemos e/ou ouvimos o esclarecimento acima e compreendemos para que serve o estudo e a quais procedimentos o indivíduo sob minha responsabilidade será submetido. A explicação que recebemos esclarece os riscos e benefícios do estudo. Nós entendemos que somos livres para interromper a participação dela(e) a qualquer momento, sem precisar justificar nossa decisão e que isso não afetará o atendimento que ela(e) recebe.

Sei que o nome dela(e) não será divulgado, que não teremos despesas e não receberemos dinheiro para participar do estudo. Concordamos juntos que ela(e) participe do estudo O conto fantástico na formação do leitor, e receberemos uma via assinada (e rubricada em todas as páginas) deste documento.

São José da Barra, ...../ ...../2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário (representado)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável (representante)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador assistente

Telefone de contato dos pesquisadores:

Nome: Sandra de Oliveira Machado Vilela (Mestranda do Profletras)

Telefone: (35) 99989-1169

Nome: Acir Mário Karwoski (Orientador)

Telefone: (34) 99115-5585 / 3700-6935